

MISS BRASIL, CENTÍMETRO POR CENTÍMETRO

Um armista...

... é aquêle que distingue, entre os artísticos brazões de uma coleção heráldica, o de mais sugestiva significação e bom gôsto. E é êsse dom de discernir o melhor que leva os fumantes a preferir

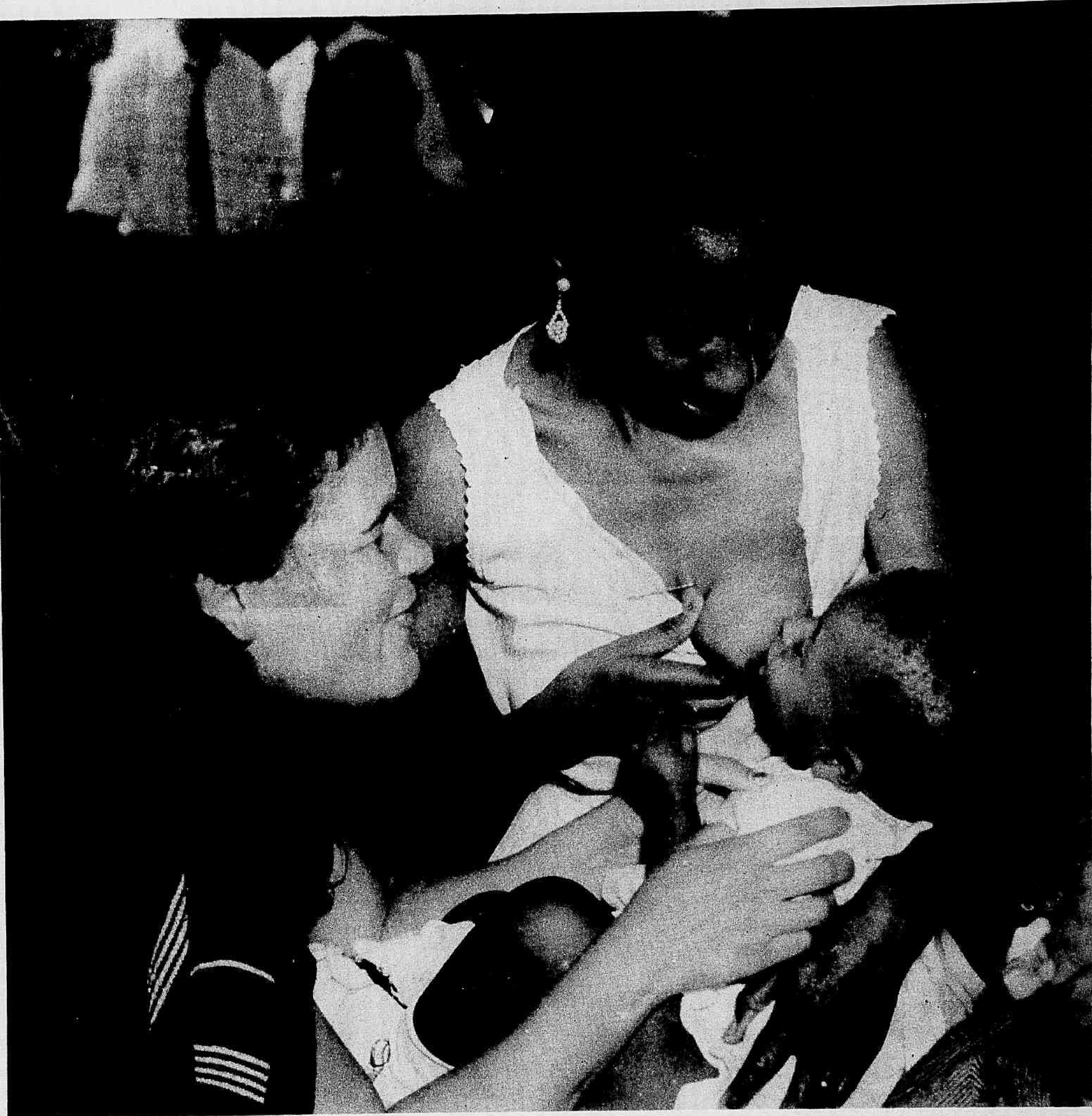


hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.217

UM PRODUTO SOUZA CRUZ



A MÃE É PRETA, MAS O LEITE É BRANCO — Em plena fachada do Legislativo Municipal, durante o tempo em que permaneceu integrando o contingente de favelados que foram apelar aos edis do Rio para que fôsse sustado o despejo coletivo do Morro da União, essa mulher amamentava o filho.

A Câmara Municipal virou uma gaiola de mármore e cimento

O BARRACÃO TAMBÉM É INVIOLÁVEL

CENTENAS DE FAVELADOS, AMEAÇADOS DE DESPEJO, DESCERAM DO MORRO E ARMARAM OS SEUS BIVAQUES DE MISÉRIA NAS DEPENDÊNCIAS DA «GAIOLA DE OURO» ★ ÚLTIMO «ROUND»: O PREFEITO FOI VENCIDO E OS BARRACOS FORAM RECONQUISTADOS.

O Barracão



Na calçada da Câmara Municipal, favelados dormiram durante horas em que o desespêro cedia ao cansaço dos corpos famintos. Durante dias, aquela Casa se viu transformada em barraco.



«Não precisamos de policias mas de tranqüilidade». Exigimos que respeitem os nossos barracos como os palácios dos ricos». «Não se acabam com as favelas derrubando barracos e

A injusta determ



Reportagem de ROGACIANO LEITE

O tão discutido e insolúvel problema das favelas representa indubitàvelmente a maior chaga sócio-administrativa do Distrito Federal. Em 1950, de acôrdo com o Recenseamento feito naquele mesmo ano, já existiam no Rio nada menos de 45.236 domicílios comportando cêrca de 340.000 favelados, o que corresponde a 14,30% da população global carioca. Se levarmos em conta o surto sempre crescente dessas habitações e a proliferação das famílias que nelas residem, veremos que os números já devem estar triplicados, não sendo exagêro calcular-se em 600 mil almas faveleiras nesta Capital. Amargurada em sua vida promíscua e paupérrima, essa gente não tem até hoje encontrado qualquer solução por parte dos poderes competentes, o que concorre implìcitamente para o afeiamento da paisagem humano-social da Metrópole. Fala-se, escreve-se, reclama-se, mas tudo não passa de discursos no deserto. Nada de prático, de radical para pôr têrmo ao vergonhoso e angustiante espetáculo.

O MORRO INVADE A «GAIOLA DE OURO»

O povo carioca testemunhou um degradante cenário que «decorou» lùgubremente a fachada e os corredores da Câmara Municipal. Ameaçados de despejo do Morro da União, centenas de favelados vieram bater às portas daquela Casa Legislativa num veemente protesto e num comovedor apêlo à compreensão e humanidade dos edis cariocas. Homens, mulheres e crianças — famintos, sujos e doentes — ali permaneceram dias e noites compondo um arrepiante e pungente quadro. Indiscutivelmente aquela romaria se revestiu de um certo caráter político-demagógico prèviamente estabelecido. Faixas e cartazes sobressaíam empunhados pelos reclamantes, exibindo dísticos com expressões que não poderiam emanar da mentalidade dos favelados. Ali não estava sòmente a massa de infelizes. Entre êles havia alguns dedos «misteriosos» apontando o caminho a ser trilhado. Se, por um lado, aquela gente ameaçada de despejo, pleiteava a mais justa e mais urgente solução para a sua circunstância evidentemente aflitiva, por outro, não deixava de ser também motivo para uma boa dose de demagogia e propaganda eleitoral.

DESAPROPRIAÇÃO DO MORRO

Durante vários dias a Câmara de Vereadores viveu momentos dos mais agitados, até se chegar a uma solução satisfatória para amenizar o desespêro daquele contingente humano inspirador da mais elevada compaixão. Finalmente, o vereador Urbano Loes apresentou um projeto autorizando o Prefeito a desapropriar o Morro da União. Pôsto o mesmo em discussão, o sr. Cotrim ocupou a tribuna durante longo tempo e, com argumentos incisivos e irrespondíveis, provou ser desnecessária aquela autorização, porquanto, de acôrdo com a Lei Orgânica do Distrito Federal, «é pacífico que o Poder Executivo pode desapropriar qualquer coisa que seja de seu aprazimento, para realizações de fins sociais do Govêrno ou realização de obras públicas». Acrescentou o sr. Cotrim Neto: «Se o Prefeito já tem o poder de desapropriar, então, o que nos compete é outorgar a S. Excia. poderes para dispor de elementos finan-







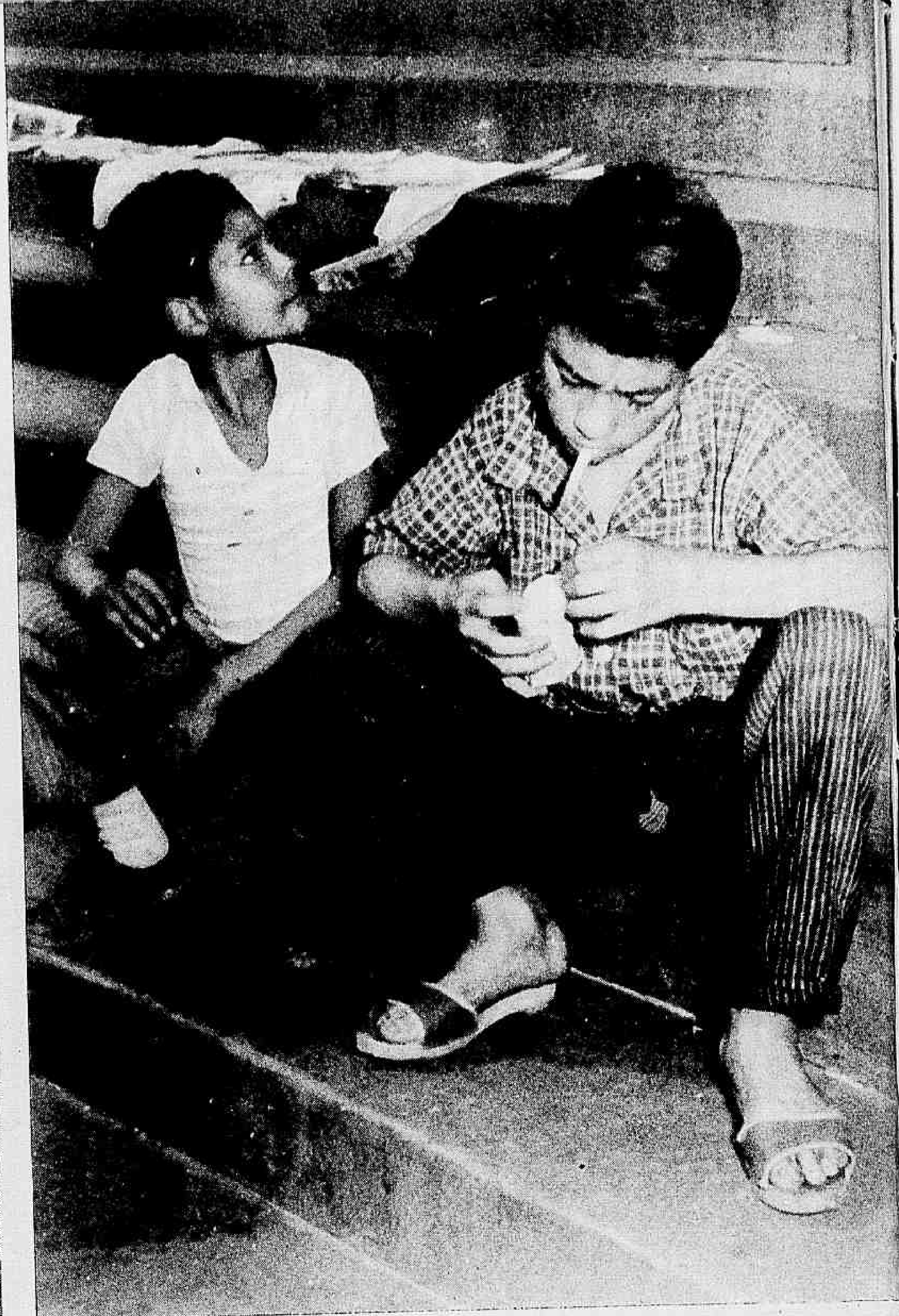
espancando favelados». «Só desapropriando o Morro da União a Câmara fará justiça». «Nós temos o direito de viver sossegados em nossos lares que são os nossos barracos». «A Constituição garante a inviolabilidade do lar. O barraco é a casa do trabalhador explorado». «Queremos pão e não pauladas». — Todos êsses cartazes, que apareceram em profusão na fachada da Câmara dos Vereadores, não poderiam absolutamente ser legendados sem a intervenção direta de elementos esclarecidos a respeito de nossas leis e organizações sociais.

m nação da Prefeitura rendeu-se ante o "ultimatum" dos favelados



Com o firme propósito de só se retirarem da Câmara depois de ser aprovado a desapropriação do Morro, os favelados trouxeram as suas marmitas e latas providas de alimentos.

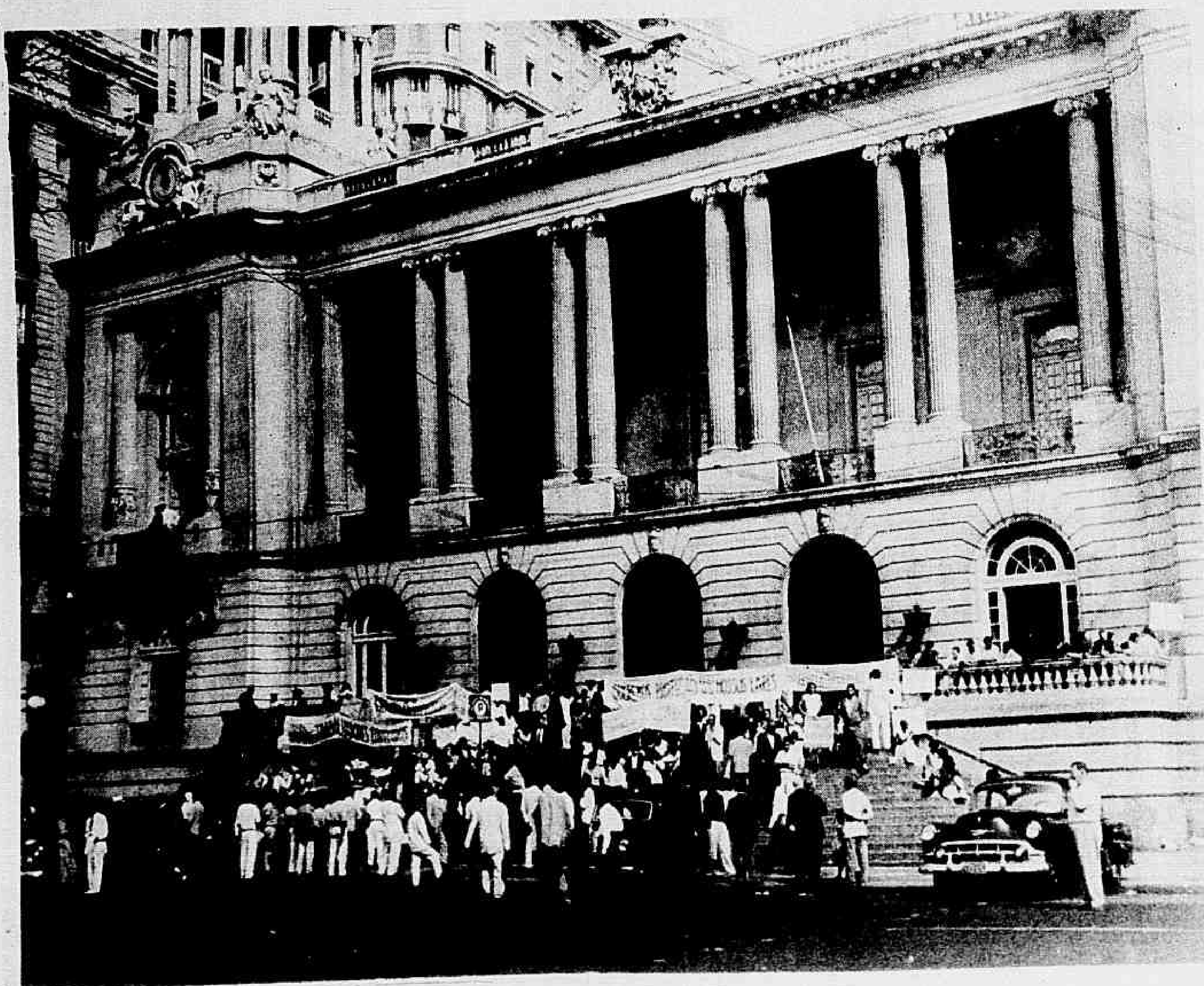




No seu desesperado apêlo aos legislativos municipais, os favelados exibiram também as criancinhas que nasceram no morro. Na sua pobreza e inocência, estas vítimas infantis reforçaram a justiça das leis sociais.

Menores nascidos no Morro da União e integrados no «modus vivendi» das favelas, também permaneceram solidários com os chefes de família em desespêro. A Câmara Municipal soube atender aos seus reclamos.

O morro desceu mais uma vez. Mas ninguém trazia tamborim



ceiros». E objetivou: «O sr. Prefeito que não venha com a escusa de que não tem dinheiro, porque um Prefeito que não faz economia com a verba pessoal, não pode ter escusa com a verba social».

EMENDA: 60 MILHÕES DE CRUZEIROS

Depois de afirmar que o sr. Prefeito faz questão de ignorar o problema das favelas, o sr. Cotrim Neto apresentou uma emenda ao projeto do sr. Urbano Loes, segundo a qual ficaria o Poder Executivo autorizado a abrir um crédito de 60 milhões de cruzeiros, sendo que dez milhões serão utilizados sob a forma de adiantamento, para pronto pagamento com registro a «posteriori», a fim de que sejam desapropriados os Morros da União e do Dendê — a única solução imediata para sustar o despejo de quantos ali residem. Salientou, ainda, o sr. Cotrim Neto, o interêsse dos proprietários no sentido de que a Prefeitura desaproprie os seus terrenos. O problema das favelas — frisou o orador — só pode ser resolvido com a construção de núcleos residenciais. Do contrário, é gastar dinheiro sem o mínimo resultado.

LEI FEDERAL SUSPENDENDO OS DESPEJOS

Entrevistado por um jornalista, Gilberto Guimarães, o deputado federal Aziz Maron declarou que a Câmara Federal tem plenas atribuições para suspender, por determinado tempo, os despejos de populações faveleiras não sòmente no Distrito Federal mas também em qualquer Unidade da Federação, pôsto que, numa contingência de tal natureza, o assunto pode e deve ser encarado como um caso de calamidade pública. Assim sendo, ou o problema das favelas será tratado com a mais objetiva e imediata medida ou, então, se complicará cada vez mais, porquanto a sustação dos despejos acarretará fatalmente a desarmonia entre os favelados e os proprietários de terrenos.

Durante alguns dias o povo testemunhou essa triste paisagem humano-social que «decorou» a fachada do Legislativo Municipal e que dali só saíu após ser desapropriado o Morro da União.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 29 RIO DE JANEIRO 17/7/54

SUMÁRIO

REPORTAGENS
O Barracão também é inviolável 3/ 6
Todos acusam mr. Ellis 8/ 9
Ninguém desmente os fotógrafos 12/16
«Miss Brasil», centímetro por centímetro 20/23
Páscoa na aldeia 28/29
O petróleo sustenta 5 milhões de habitantes 38/39
O Piccolo Teatro de Milão 40/41
As mulheres americanas são péssimas espôsas 48/49
«Miss Europa» 52/53
Casamento de Maneco Vargas 54/56

ROMANCE
Maria 30/31

HUMORISMO
O Riso dos Outros 24/25
Cuco 59

SEÇÕES
Puxe pelo cérebro 10
Rádio 11
Show 17
Palavras cruzadas 18
Página dezenove 19
Plantão noturno 26/27
Femininas 32/35
Semana Astrológica 36
Teatro - Música 37
Literatura 43
Por êsse mundo de Deus 44/45
Cinema 47
Flash Paulista 50
Champanhota 51
A semana acabou assim 57
Último Flash 58

CAPA
Marta Rocha («Miss Brasil»), que é analisada neste número centímetro por centímetro.
(Foto de Alberto Ferreira)

Redator-chefe ..... Joel Silveira
Assistentes ..... Hélio Abreu e Leon Eliachar
Paginação ..... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor ..... Gratuliano Brito
Redator ..... Renato de Alencar
Desenho ..... Alberto Lima
Assistente de Publicidade ..... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores .. S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
Êste número tem 60 páginas.



PÁG. 12 FOTÓGRAFO, TESTEMUNHA INFALÍVEL



PÁG. 21 MARTA, BELEZA DE CORPO INTEIRO

Prezado leitor:

A REVISTA DA SEMANA é o decano dos semanários brasileiros, com uma longa existência, inquieta e brilhante, de mais de cinqüenta anos. O fato de ter vivido tanto permitiu-lhe formar um arquivo fotográfico que é, todo êle, um magnífico documentário de um mundo que já passou. Vez por outra, a partir dêste número, iremos divulgando, após cuidadosa seleção, velhos flagrantes do passado, através dos quais o leitor poderá ter uma idéia visual e imediata das coisas (boas ou más) que já não existem mais.

A redação



PÁG. 52 "MISS EUROPA" PERDE PARA "MISS BRASIL"



PÁG. 54 NOIVO PEQUENO, CASAMENTO GRANDE



A «torcida», apesar de decepcionada, manteve-se fiel. E lá foi ao Galeão consolar o selecionado que regressava

APESAR de não trazerem a «Copa do Mundo», os «cracks» do selecionado brasileiro foram carinhosamente recepcionados no Galeão por grande multidão constituída de seus familiares, torcedores e destacadas personalidades do esporte, notando-se entre estas os srs. Abelard França, presidente da Federação Metropolitana de Futebol; Arno Franco, superintendente do Maracanã; José Alves de Morais, técnico da C.B.D.; Gilberto Cardoso, presidente do Flamengo; Ivan de Freitas, conselheiro da C.B.D.; Fleitas Solich, técnico do Flamengo, etc.

OPINIÕES ABALIZADAS

Enquanto dominava a multidão uma verdadeira ansiedade pela chegada do avião da Panair, o repórter ouviu diversas opiniões abalizadas a respeito da derrota sofrida pela nossa representação à V Copa do Mundo. Disse-nos o sr. Abelard França:

— Apesar da injustiça e parcialidade de Mister Ellis, tive a melhor impressão do nosso «scratch». Se perdemos, devemos conformar-nos com a fatalidade, pois não se joga sòmente para ganhar. Daqui a um ano tudo isso estará esquecido e partiremos com o mesmo entusiasmo para a VI competição mundial. Em 58, se Deus quiser, seremos vitoriosos.

FALA FLEITAS SOLICH

Afirmou o conhecido técnico do Flamengo:

— Francamente, eu não esperava que acontecesse o que aconteceu. Não posso analisar a atuação dos jogadores brasileiros porque não assisti à disputa. Todavia, acho que o selecionado que daqui partira entusiàsticamente, tinha tôdas as possibilidades para regressar vitorioso. Mas, isso não será motivo de desânimo nem de lamúria, porquanto o futebol brasileiro é reconhecidamente um dos melhores do mundo. Em qualquer jôgo, devemos atentar também para o fator sorte.

MUITO INDIVIDUALISMO

Falou incisivamente o sr. Alves de Morais:

— A nossa organização esportiva ainda não tem a maturidade necessária para enfrentar determinadas situações. O que existe é muito individualismo e pura programação. Não adianta só a boa vontade de alguns abnegados, uma vez que, na «hora h», cada qual quer fazer o que bem entende, sem discutir sistema, formas e assuntos indispensáveis ao preparo da equipe e à conquista da vitória. Na minha opinião, o nosso selecionado enviado à «Copa do Mundo» não estava à altura de desempenhar o papel que desempenharia em outra ocasião, isto é, quando prévia e tècnicamente preparado com todos os requisitos. O que se tem feito, em relação às competições mundiais, representa a mesma coisa que se pretender ir a uma festa sem discutir qual será o traje.

MAL TREINADA A NOSSA EQUIPE

Opinou o sr. Ivan de Freitas:

— A nossa equipe foi mal treinada desde o início. Os nossos jogadores deviam ter-se preparado em

TODOS ACUSAM MR. ELLIS

Abelard França: "Não se joga só para ganhar" — Ivan de Freitas: "A equipe foi mal treinada desde o inicio". — E Zezé Moreira, num suspiro: "A derrota foi fruto da fatalidade".

OS "CRACKS" CHEGARAM CONTANDO COBRAS E LAGARTOS

«amistosos» com times de capacidade e não com elementos diante dos quais êles jamais poderiam aquilatar da sua «boa forma» ou das suas insuficiências. A pressa com que se tem preparado os nossos jogadores para a «Copa do Mundo», representa um motivo para melhores e mais sérias precauções. Resultado: ainda não podemos confiar na capacidade de nossa gente para enfrentar o futebol europeu.

DESOLAÇÃO DE ZEZÉ MOREIRA

Dezenas de fotógrafos e repórteres (imprensa e rádio) invadiram a pista quando o avião aterrissou. Os nossos rapazes desciam um a um trazendo na face uma expressão de tristeza em que se enquadrava um sorriso amargo. Zezé Moreira estava realmente desolado, pálido e sem graça. A uma pergunta do repórter, respondeu:

Não digo que o juiz tenha sido premeditadamente parcial. O que não posso esconder é que êle foi de uma **infelicidade** clamorosa, uma coisa de causar revolta a todos, mesmo àqueles a quem seria indiferente a vitória do Brasil.

— Que achou você da atuação dos nossos jogadores?

— Jogaram bem, não há dúvida. A derrota proveio da fatalidade. E' verdade que um dos «penalties» representou um «êrro» por parte do juiz Ellis...

— Os húngaros são, de fato, grandes jogadores?

— São, realmente — afirmou Zezé, com uma cara de fazer dó. Mostrava-se visìvelmente acabrunhado e sem jeito para entrar em detalhes a respeito da malograda competição. Logo mais, ao microfone de uma das nossas emissoras, declarou que jamais treinará ou conduzirá qualquer selecionado brasileiro para disputas internacionais.

OPINAM OS «CRACKS»

A uma pergunta sôbre o jôgo Brasil x Hungria, disse-nos Djalma Santos:

— O jôgo foi duro, não há dúvida. Se não tivéssemos sido prejudicados pelo juiz, teríamos jogado de igual para igual.

Castilho, muito desapontado e bastante triste, confessou:

— O jôgo foi regular, mas o juiz foi de uma atuação muito revoltante contra os brasileiros. Ademais, não acho que tenhamos sido muito felizes, não.

A impressão de Bauer:

— A verdade é que a nossa equipe não se achava como devia, para enfrentar os húngaros com um juiz parcial como aquêle. Ainda assim, se não fôsse a atuação facciosa do árbitro, a vitória teria sido nossa. Os húngaros jogam bem, mas não são lá essas grandes coisas, não...

MALTRATADOS OS BRASILEIROS

A madrinha do selecionado brasileiro, srta. Sarah Amad, falou francamente:

— Eu lamento que os brasileiros tenham sido tão maltratados na Suíça. Os nossos jogadores foram vítimas de um verdadeiro roubo e não de uma derrota. Desde o início do jôgo, o Índio foi por diversas vêzes chutado pelo jogador húngaro nº 3 (não sei o nome dêle) e o juiz não tomava a menor providência. Em síntese: foi uma coisa que daria raiva até nas pedras.

OFERTA DE UMA TAÇA À DELEGAÇÃO

Logo após o seu desembarque, a delegação brasileira recebeu a oferta de uma linda miniatura da taça «Jules Rimet», que lhe foi entregue em nome da torcida brasileira, cujo representante, em breve palavras, condenou o esbulho de que foram vítimas os nossos jogadores, por parte de «um juiz evidentemente parcial e repudiável sob todos os aspectos». Tiroteados de perguntas por todos os lados, os «cracks» brasileiros permaneceram no Galeão até altas horas da madrugada. Todos expressavam no semblante a sua grande amargura e pareciam achar não muito justos os abraços que recebiam. Pinheiro estava de barba e cabelos bastante crescidos e exibia uma cara de poucos amigos, deixando brilhar na fronte a cicatriz que Puskas lhe dera de «presente».

DE CACHIMBO APAGADO

Pouco notada foi a presença do ministro João Lira Filho entre a multidão e os jogadores. Lá para tantas da madrugada, quando ia tomar o automóvel com destino à cidade, foi que então apareceu êle cercado por quatro ou cinco de seus familiares. Estava mais sério do que nunca e não quis dar uma só palavra a respeito de sua tarefa, alegando (antidiplomático) que estava excessivamente cansado e com a cabeça zonzinha, que só falaria depois. A essa altura, acendeu o cachimbo, deslizou entre espessas baforadas, meteu-se no carro e sumiu sem dar tempo a receber uma boa vaiazinha que lhe estava sendo ensaiada.

— Os «cartolas» têm sido a «caveira de burro» das delegações brasileiras no estrangeiro. A única coisa que fazem é discursos que só servem para atrapalhar o bom andamento das coisas e deixar os nervos dos jogadores em frangalhos. Êsses «caras» deviam ser eliminados — comentou um dos presentes.





Zezé tem mil explicações para a derrota. No aeroporto, alguém chamou a atenção para a sua fisionomia, que parecia ter envelhecido 10 anos.





Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

• • •

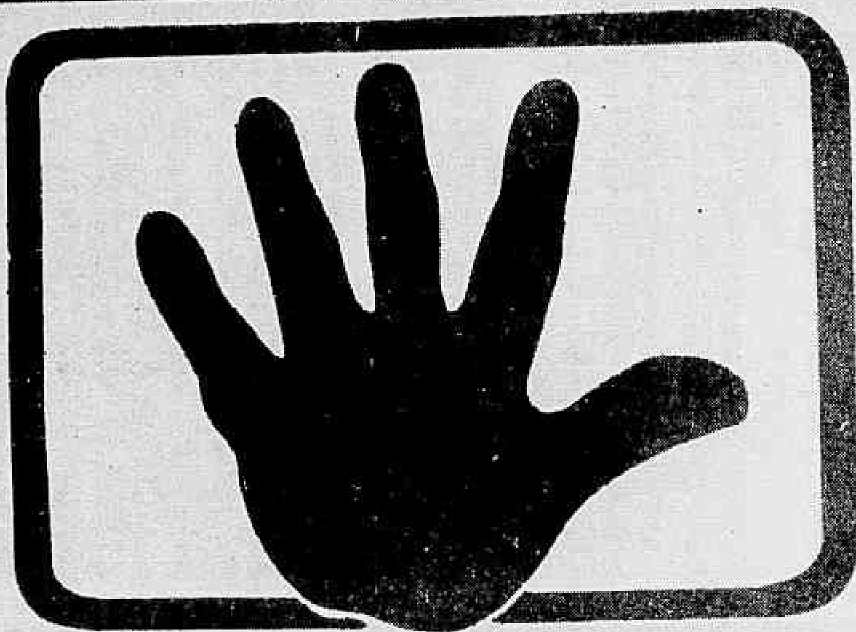
Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTE

1—Qual o verdadeiro nome do grande poeta português Filinto Elísio:
- **— João de Deus?**
- **— Francisco Manoel do Nascimento?**
- **— Francisco Manoel de Melo?**

2—Quem fundou a ordem religiosa dos Jesuítas:
- **— Santo Inácio de Loiola?**
- **— São Tomás de Aquino?**
- **— Ou S. Francisco Xavier?**

3—Sara, mulher de Abraão, com que idade deu à luz seu filho Isaac:
- **— 18 anos?**
- **— 89 anos?**
- **— 51 anos?**

4—Qual a origem da moeda lusitana denominada «ceitil»:
- **— De uma árvore?**
- **— Por ser sinônimo de «nihil»?**
- **— Em memória da conquista de Ceuta?**

5—A palavra «assassino» é de origem:
- **— Pérsica?**
- **— Alemã?**
- **— Africana?**

6—Que recorda a data de 10 de junho de 1580, na literatura portuguêsa:
- **— O nascimento de Sá de Miranda?**
- **— A morte de Camões?**
- **— A fundação do primeiro jornal em Lisboa?**

7—Qual a brasileira que possui um monumento erigido pelos italianos na própria Itália:
- **— Anita Garibaldi?**
- **— Bidu Sayão?**
- **— Nísia Floresta?**

8—Qual a cidade brasileira que já teve o nome revolucionário de Cidade Juliana:
- **— Recife?**
- **— Joinville?**
- **— Laguna?**

9—«Borda do Campo» foi o primitivo nome de:
- **— Campos?**
- **— Barbacena?**
- **— Campinas?**

10—Qual a cidade paranaense que já se chamou: «Freguesia de Santana do Iapó»:
- **— Castro?**
- **— Ponta Grossa?**
- **— Paranaguá?**

11—«Óbolo» era nome de:
- **— Moeda grega?**
- **— Pequena aldeia de Portugal?**
- **— Nome de um rei caridoso?**

12—Que significa a palavra «Cristo»:
- **— Redentor?**
- **— Deus?**
- **— Enviado?**

13—Nilo Peçanha era filho da cidade de:
- **— Campinas?**
- **— Campos?**
- **— Belém?**

14—Qual o rio que banha a cidade de Campos:
- **— Paraíba?**
- **— Itabapoana?**
- **— Paquequer?**

15—O teatro Santa Isabel, do Recife já teve o nome de:
- **— Moreira de Vasconcelos**
- **— Tobias Barreto?**
- **— Capibaribe?**

Respostas na página 50

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

PIOR QUE NUNCA

MARIA HELENA DE AGUIAR

● No domingo 27 de junho, programa «Show Regina», a Televisão Tupi bateu todos os seus recordes anteriores de má qualidade. Apresentou um espetáculo escrito sob o velho tema: «uma viagem em volta do mundo». A senectude dêsse assunto já devia ser um justo motivo para arquivá-lo. Mas, não. Depois do rádio e do cinema tê-lo usado de várias maneiras (sempre sem êxito) eis que a TV volta à tecla. São duas aeromoças dizendo bobagens em mau português. Ligo o aparelho na hora de um mambo. São três mulheres dançando (mal) o mambo do «Ocho». Depois, uma das moças diz: «vamos ao México» e começa a repetir a palavra «asteca». Aparece Héllio Paiva, aparece uma rapariga triste, sentada; Hélio a abraça e haja cantoria: o bolero «Adios». Aí, uma das aeromoças exclama: «Vamos aos Estados Unidos»! Entra, como eu esperava, uma referência à estátua da Liberdade. Surge, após, uma moça gorda interpretando «The Man I Love». Agora, a cantora é fraca de inglês, porque, em vez de «may be not», diz «may be now». Então, a viagem se encaminha para a Argentina: grande literatura sôbre os «pampas engalanados»... e, a seguir, sem que eu pudesse esperar, surge um gordo tenor italiano cantando «Torna Sorriento». Era a vez de escalar em Portugal. E as duas pobres moças escalaram. As palavras são assim: «Portugal, velho e querido Portugal, a que o Brasil há de viver sempre ligado pelos laços do mais profundo amor». De Portugal, não vem nada. Nem guitarra, nem fado. Surge um sujeito tocando seis minutos de sanfona, sem acompanhamento. Ao meu lado o «outro» cochila. Desliga a televisão para não perturbar a paz da sala. No mesmo momento, na mesma cidade do Rio de Janeiro, outros cochilos e outros aparelhos desligados.

Doutor Chateaubriand, os programas de sua televisão estão caindo pelas cabeceiras!

ODUVALDO COZZI



Êste é o herói falante nacional da Copa do Mundo. Parabéns!

Na hora em que vamos enviar estas notas à «Revista», o grande quadro do Uruguai, vestindo a tradicional «celeste», está fazendo suar a máquina futebolística da Hungria. Sentimos aquela emoção sul-americana, que nos une fraternalmente aos nossos vizinhos do sul.

O herói dessa transmissão é o perfeito **speaker** da Continental, Oduvaldo Cozzi. Pela fidelidade, pelo entusiasmo, pela elegância da narrativa foi a **figura nacional de primeiro plano em tôda Copa do Mundo**. Brilhou muito mais que Rivadávia Correia Meyer, João Lira Filho e que o sorridente Zezé Moreira. Parabéns à Continental e ao seu fabuloso narrador de esportes.

GRACINHAS DO RÁDIO

Na Rádio Nacional, todos os sábados, a «Grande Revista». A sensação do programa é a indumentária dos seus participantes. Locutores a rigor, orquestra a rigor, cantores e comediantes a rigor. «Script», não. ★ Diziam, no elevador da Nacional, que César Ladeira é o maior unha de fome do rádio. E diziam assim: «não abre a mão nem para a cigana ler». ★ Chocolate, grande compositor e comediante de mérito, dá uma baita sorte com mulheres claríssimas e lindas. Sua mais recente e incondicional admiradora (uma espanhola) justificando sua preferência disse à pessoa que nos contou: «Minha filha, homem é como feijão; ou é prêto ou não serve». ★ Dizem que uma das melhores bôcas do Rio para «cognac» é o Afrânio Rodrigues. Êsse correto locutor, ao passar pela estrada Rio-Petrópolis, leu um anúncio: UN-DER-BERG e, virando-se para o Cláudio Santoro, comentou: «UN-DER-BERG não me interessa... ainda se fôsse DOIS-DER-BERG»... ★ O senhor Di Veras, para resolver mais um problema de Caubi Peixoto, mandou fazer um carimbo com o nome do autor. Quando as fãs lhe pedem autógrafo, em vez de puxar uma caneta e assinar o nome Caubi dá uma carimbada, no álbum ou na blusa da moça. Na porta da Nacional, Caubi acendia um cigarro quando uma moça ao seu lado pediu: «Dá uma carimbada em mim, dá».

ESTA LETRA É RUIM

Aqui está, meus leitores, a **belezinha** da semana. O «colored» norte-americano, Nat King Cole, há tempos, gravou uma jóia de canção: «Pretend» — que quer dizer: «Finja». Pois bem, um dos monstros da versão brasileira escreveu para o original estadunidense uma outra letra que se chama, apenas, de: «Pretenda». Os autores do original, que são Douglas, Parman e LaVere, se pudessem alcançar o crime que praticaram contra sua linda canção, viriam ao Brasil e, se nada fizessem, tomariam um pileque de desgôsto. Aqui está a letra que é uma gravação de Carlos Henrique (de passagem, boa voz):

«Pretenda sempre ser feliz
Esqueça todo dissabor
Quem lembra alguém a quem já [quis
Não pode amor
Viver feliz
Pretenda sempre o amor de alguém
Saiba fugir, porém, da dor
Que faz sòmente o que convém
Não pode amor
Querer alguém
Pretenda sempre fingir (to pretend)
Que logo, logo há de vir
Ao seu encontro alguém
Fingindo amar também.»

O caso do «Pretenda» não é pròpriamente o verso feio, tão comum em outros exemplos transcritos aqui. O que existe é uma inacreditável falta de sentido. O que está lá em cima não quer dizer nada. O autor da letra é de um prodigioso sem nexo, como se escrevesse com um maribondo no ouvido — incapaz de concatenar idéias ou palavras. E assim vai canção, julho afora, nas mãos da burrice do mau gôsto, os dois aliados mais fortes dos nossos autores.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Hebe Camargo voa para o Rio e brilha no «César de Alencar». ★ Fraquíssimo o programa «Em busca do tesouro», na Record. Nenhuma concatenação. ★ Isaurinha Garcia melhor que nunca no disco: «Pense em Mim», de Antônio Maria. ★ Muita política em quase tôdas as emissoras. Muito candidato que vai à praça dizer muitas coisas, mas nenhum dêles tem doutrina. Todos falam mal do govêrno atual. Todos serão eleitos, é claro. E as estações de S. Paulo ganhando seu dinheirinho à custa da demagogia eleitoral de 1954. ★ Bons programas sinfônicos (gravações) na Gazeta. De vez em quando é bom, para descansar, ouvir a Gazetinha. ★ Antônio Maria é visto, num jantar do Jaraguá, com Marisa Prado, Fernando de Barros e Ruth de Sousa. Motivo: despedida de Marisa e Ruth de Sousa, que vão fazer cinema, respectivamente, na Espanha e na Itália. ★ Sucesso da Panamericana em tôdas as transmissões esportivas da Copa do Mundo. Parabéns a Pedro Luís e Geraldo José de Almeida. ★ Homero Silva fraco ajudando programas de caipiras diários, na Tupi. ★ Na Record, desempenado e afável, Randal Juliano animando a «Escolinha Risonha e Franca». Não gostamos do tenorzinho, que foi obrigado a cantar sem acompanhamento, na tarde de 25 de junho. Não custava o Blota mandar um violãozinho para ajudar o programinha do Randal. ★ Onde é que anda Maria Pelanca? Não é para pedir que ela venha. É só para saber. ★ Na TV Paulista, trabalhando a contento, Machado de Campos (Augusto). Ah, que saudades daquele Lilico Swing, do tempo em que a Tupi era dirigida por Costalima! ★ Falam que a Nacional vai filiar-se à Associação das Emissoras de São Paulo (AESP). Será que o Victor Costa e o Luís Ramos terão fígado para unir-se a Edmundo Monteiro? Aguardemos... ★ E por hoje é só, não apenas por ser de noite, como também por a rua estar triste. Dormirei. (Informações de **Elizinha Thomaz**).



POETISA NO RÁDIO

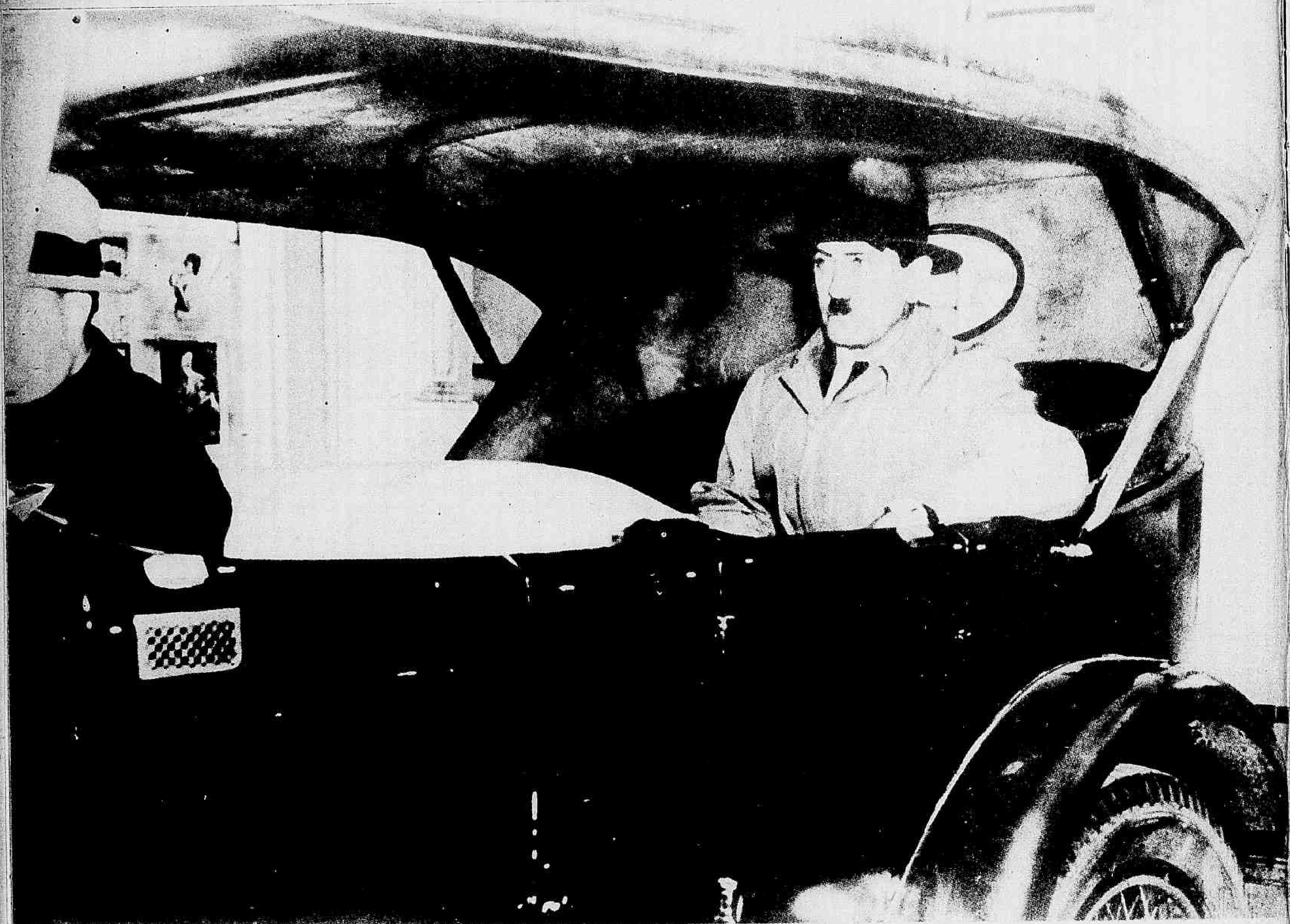
Edna Savaget está apresentando, às têrças-feiras, na Ministério da Educação, um programa que se chama «Aqui entre nós». Edna é inteligente, fala bem (com uma gostosa naturalidade) e sabe escolher seus convidados. É autora do livro de poesia, que se chama «Contato» — título de um dos poemas. A página mais bonita é aquela, onde lê (Morte da Rosa): «Esta noite murchou uma rosa, num jardim distante do mundo».



ELA VEM POR AÍ

Carmen, segundo dizem os telegramas e comentaristas, está para chegar. Na última semana, gastamos um tempão procurando Aurora e não foi possível encontrar. Mas, se Carmen vier, nossa gente brasileira deve prestar-lhe uma grande homenagem. Nosso escrete perdeu... mas, Carmen ganhou. Vamos, portanto, ao aeroporto, ao cais, para levar flores a essa pessoa tão da nossa amizade e da nossa vaidade.

NINGUÉM DESMENTE



HITLER E O FORDECO

● Estamos em meados de 1926, e os jornais começam a falar daquele inquieto austríaco de bigodezinho retangular, olhar carrancudo e « pastinha » caída sôbre o lado direito da testa — um austríaco «iluminado» que se propõe a conquistar o poder, na Alemanha, e levar o povo tedesco à reconquista de tudo o que perdera com a última guerra. Seu nome: Adolf Hitler. Fala-se dêle que fôra simples caporal durante o conflito que terminara há oito anos; e diz-se de sua eloqüência que, desfraldada como uma bandeira de guerra, era desenfreadamente arrebatadora, como o verbo dos ungidos e dos profetas... Vemo-lo, na foto, impàvidamente refestelado no fordeco (último modêlo) que os amigos o ofereceram no dia do seu aniversário — 29 de abril. Em 1926, Adolf tem 34 anos; com 49, êle tocará fogo no mundo.

A fotografia acima tem um autor: Hoffman, o apagado «lambe-lambe» de Nuremberg que anos depois, monopolizando o direito de fotografar o «fuehrer», tornar-se-ia um dos homens mais ricos e mais poderosos do III Reich. (Foi êle quem descobriu Eva Braun).

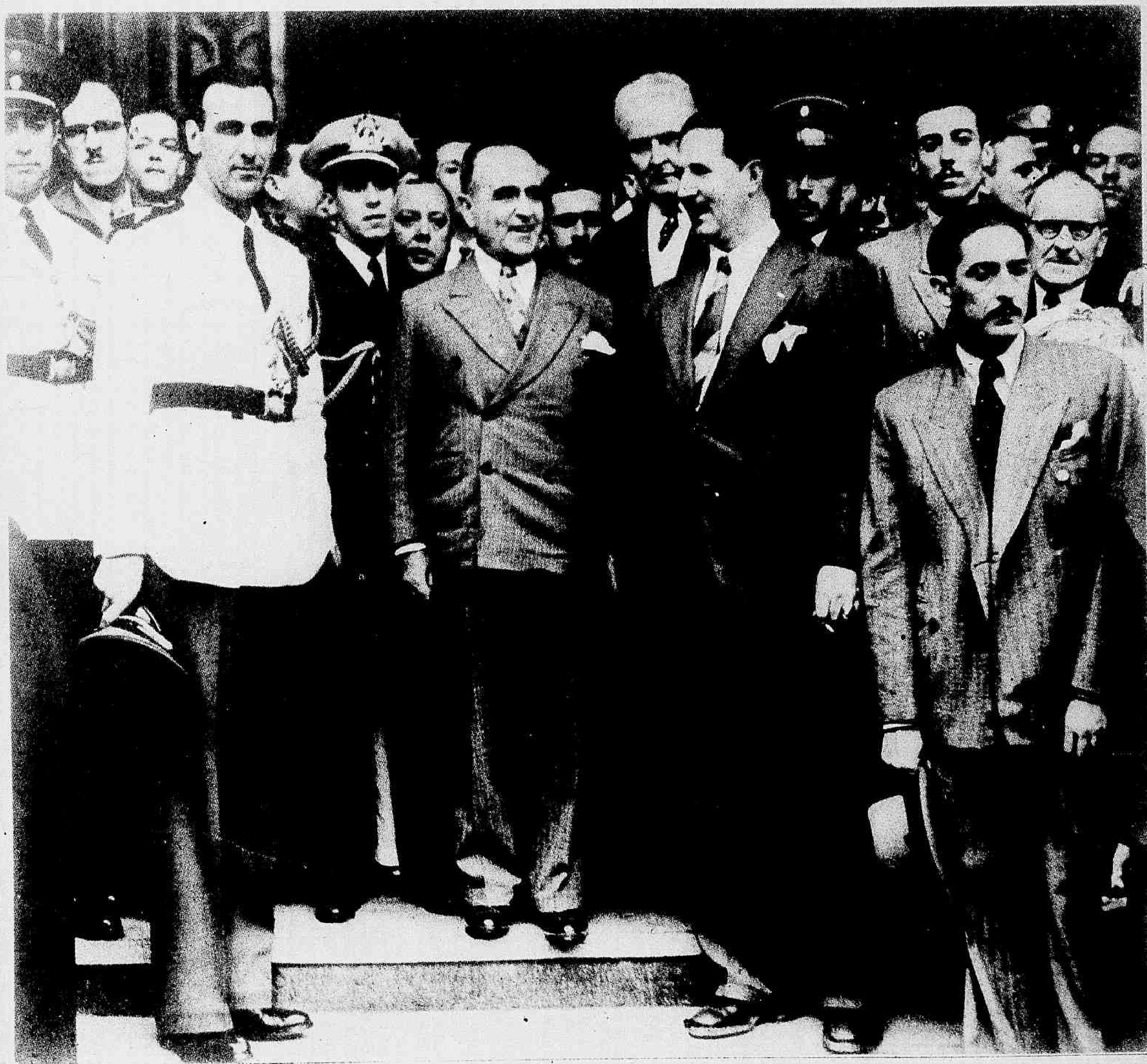
DESDE os fins do último século que a História conta com um acessório infalível e inapelável: a fotografia. O vão palavreado e a crônica dos contemporâneos, antes do magnífico invento, poderiam estar sujeitos a tôdas as deturpações e cochilos, amoldando-se ao estilo e à tendência dos cronistas dos faustos e desastres humanos. Mas desde que surgiu o fotógrafo, o historiador passou a ter nêle o colaborador seguro, a fonte de informação que, melhor do que qualquer outra, se alimenta apenas da verdade. Porque ninguém desmente os fotógrafos. Sua contribuição, para a reconstituição dos fatos, é a da testemunha que nunca falha e que, no instante em que é preciso contar como as coisas realmente se passaram, não tergiversa, não falsifica, não adiciona nem subtrai. E, principalmente, não se deixa enredar
na perigosa teia da imaginação que tem feito de tanto historiador
na perigosa teia da imaginação que tem feito de tanto historiador simples ficcionistas frustrados e tanto exegeta capcioso.

OS FOTÓGRAFOS



A MEMÓRIA DOS HOMENS, TÃO PRECÁRIA, ESQUECE PALAVRAS E ATITUDES; MAS UM INSTANTÂNEO FOTOGRÁFICO RESISTE AO TEMPO E É SEMPRE UMA PROVA INSOFISMÁVEL E CATEGÓRICA.

Reportagem de **FRANCISCO RIBEIRO** (Fotos do arquivo da REVISTA DA SEMANA)



VISITA AO NOVO PRETOR

● Em maio de 1938, o dr. Ademar de Barros ainda não tem um ano de interventoria. Getúlio foi descobri-lo, obscuro e sem política, na sua clínica médica, transformou-o, num passe de mágica, o maioral dos paulistas. Alguns meses depois, quando Vargas fêz a primeira visita ao novo interventor em S. Paulo, o sr. Ademar de Barros recebeu o ditador com Pompa e Circunstância. Houve banquete gordo nos Campos Elísios, discursos alcandorados, visitas a fábricas, pedras fundamentais e récita de gala no Teatro Municipal. A foto foi tirada quando de um dos acontecimentos que marcaram a visita de Getúlio ao seu novo pretor em Piratininga: o grupo estaciona por alguns instantes, para atender aos fotógrafos, em frente ao novo edifício da Caixa Econômica, na praça da Sé, que acaba de ser inaugurado. O homem de bom porte e cabelos brancos, que aparece por detrás de Vargas e de Ademar, já morreu: era o sr. Samuel Ribeiro, que se vestia em Londres e sabia de cor o «If» de Rudyard Kipling.

Ninguém desmente...





HISTÓRIA DE 1933

Magalhães também desceu, em 1930, na onda revolucionária que vinha do Norte. Tinha apenas 24 anos de idade: era moço impetuoso, de palavra fácil, de ideais mornos. Vitorioso o movimento, Vargas mandou-o para a Bahia como delegado do novo estado de coisas. A interventoria de Juraci Magalhães vai ser longa — terminará sòmente em novembro de 1937, quando, não concordando com o golpe totalitário de Getúlio, êle é obrigado a abandonar o govêrno. De lá para cá, tudo é história sabida. O instantâneo acima data de 1933. Getúlio está visitando a Bahia. Juraci, capitão-interventor, vai buscá-lo no aeroporto, onde o «presidente provisório» chega em companhia do ministro José Américo e do moço Epitacinho (ambos aparecem também no flagrante). E antes da comitiva penetrar no Palácio da Liberdade, em Salvador, posa para os fotógrafos. E para a edificação dos pósteros...

De lá para cá, muita coisa mudou nesse país, para melhor ou para pior, quase sempre para pior. Mas já era o mesmo de hoje o sorriso de Vargas — um sorriso fácil e circunstancial que prescinde, para o seu bom funcionamento, de quaisquer emoções internas...

«COMANDANTE DO NORTE»

● Outro que, em outubro de 30, desce vitorioso do Norte: o capitão Juarez Távora, de 34 anos de idade, comissionado revolucionàriamente em general. A sua passagem pelas diversas capitais conquistadas à legalidade, é uma sucessão de apoteose e glorificações. O «Comandante do Norte» é, então, um homem de palavra incisiva, de idéias claras e fortes, vivendo a chama de um ideal que herdou do irmão Joaquim e que, naqueles dias decisivos, inflama ardentemente a todos que dêle se aproximam. Menos de quatro anos depois, contudo, o revolucionário confiante é apenas um idealista decepcionado e arredio. A revolução tomara rumos inconfessáveis; e muitos dos amigos, idealistas do início, haviam resvalado em direção à sôfrega conquista do poder pelo poder e dos negócios fáceis...

O instantâneo acima foi mandado, em novembro de 1930, de Vitória, capital do Espírito Santo, para a REVISTA DA SEMANA, que o estampou em página inteira. Além do general Távora, vêem-se nêle os srs. Jurandir Magalhães (o de barba) e o tenente Punro Bley, ao fundo. Jurandir (irmão de Juraci) não teria papel mais relevante no novo estado de coisas, mas Bley seria, por longo tempo, interventor no Espírito Santo. Quanto a Juarez, logo seria o grande silencioso.

O MAJOR E O MAR

● Entre novembro de 1937 e fins de 43, ninguém foi mais temido (e odiado) no Brasil do que o sr. Filinto Muller. Chefe absoluto de uma polícia de exceção, imaginoso artífice de persuassivos métodos também de exceção, o homem da rua da Relação inaugurara entre nós uma ação policial cientìficamente fria e eficiente, baseada nas boas lições que os seus emissários tomavam, todos os anos, na Gestapo de Hitler e na Ovra de Mussolini. Dizem que Getúlio costumava chamá-lo de «o capitão do mato do regime». A oposição, escondida no «underground» perseguido e vigiado, tinha para êle um outro qualificativo, igualmente justo: Filinto era o «Himmler de Mato Grosso».

Mas o ameno e lírico instantâneo acima, apanhado numa ensolarada tarde de 1939, não lembra em coisa alguma aquelas tristezas tôdas. Retrata êle a outra face do Himmler e do capitão do mato — e mostra o então major Filinto Muller, ao lado de uma de suas filhas, contemplando, da balaustrada da av. Niemeyer, o imenso mar, azul e palpitante, que se estende diante dos seus olhos...

Chegou-se a constituir na Câmara, logo depois da queda de Getúlio, uma Comissão de Inquérito para arrolar os crimes da polícia de Filinto. Conheceram-se, então, fatos escabrosos, mas Filinto já era senador...



EPITÁCIO, O EUROPEU

● Morre Rodrigues Alves, e lhe sucede, na presidência da República, o dr. Epitácio Pessoa. Epitácio chega ao govêrno trazendo uma farta bagagem de lauréis já conquistados na política e no campo do Direito. Fôra, em 1901, ministro da Justiça de Campos Sales; e, mais tarde, ministro do Supremo e Senado Federal pela Paraíba. E brilhara, como representante do Brasil em memoráveis torneios jurídicos (inclusive na Conferência da Paz, em Versalhes) na Europa e nos Estados Unidos.

Epitácio possuía o aspecto e a formação de um verdadeiro ocidental envernizado pela cultura européia: falava francês melhor do que Rui (é, pelo menos, o que nos conta Medeiros e Albuquerque) e tinha o amor às recepções de gala e às solenidades aparatosas. Seu govêrno, de apenas três anos, foi ao mesmo tempo viril (não esquecer que êle fechou o Clube Militar e prendeu o marechal Hermes) e brilhante (recordar a visita dos soberanos belgas ao Brasil). Na foto, de 1920, o presidente Epitácio aparece assinando a ata de inauguração do novo edifício dos Correios, no antigo Largo do Paço. O senhor de ôlho enviezado, que aparece às suas costas, é o sr. Simões Lopes, então ministro da Agricultura.





A CARTOLA DO DUCE

● Em 1928, Benito Mussolini, o «duce» do Fascismo, ainda não tem a paixão dos uniformes vistosos e pejados de condecorações. Mas êles e elas viriam depois, particularmente em seguida à chegada ao poder, na Alemanha, de Adolf Hitler, o outro césar totalitário, que nunca prescindiu de dolman e perneiras. Em 1928, Benito se trajava burguêsmente, de fraque, cartola e tudo mais, como se vê na foto acima. O instantâneo foi tirado no dia em que o «duce» inaugurava o «Aeroporto Littorio», a vinte e dois quilômetros de Roma — êsse que é hoje o bem aparelhado e amplo aeroporto da capital italiana. O cavalheiro que Mussolini cumprimenta é o adido naval brasileiro em Roma, o então capitão de fragata Mário Sampaio. Aparecem ainda, na foto, o general Italo Balbo (com suas famosas barbas), na época subsecretário (o secretário era o pr prio Mussolini) da Aeronáutica, o coronel Skeletti, adido militar da Rumânia, e várias outras personalidades.

A última vez que Benito Mussolini era visto de cartola e fraque foi antes da guerra, quando da assinatura do tratado de Latrão, a concordata entre o govêrno italiano e a Santa Sé.

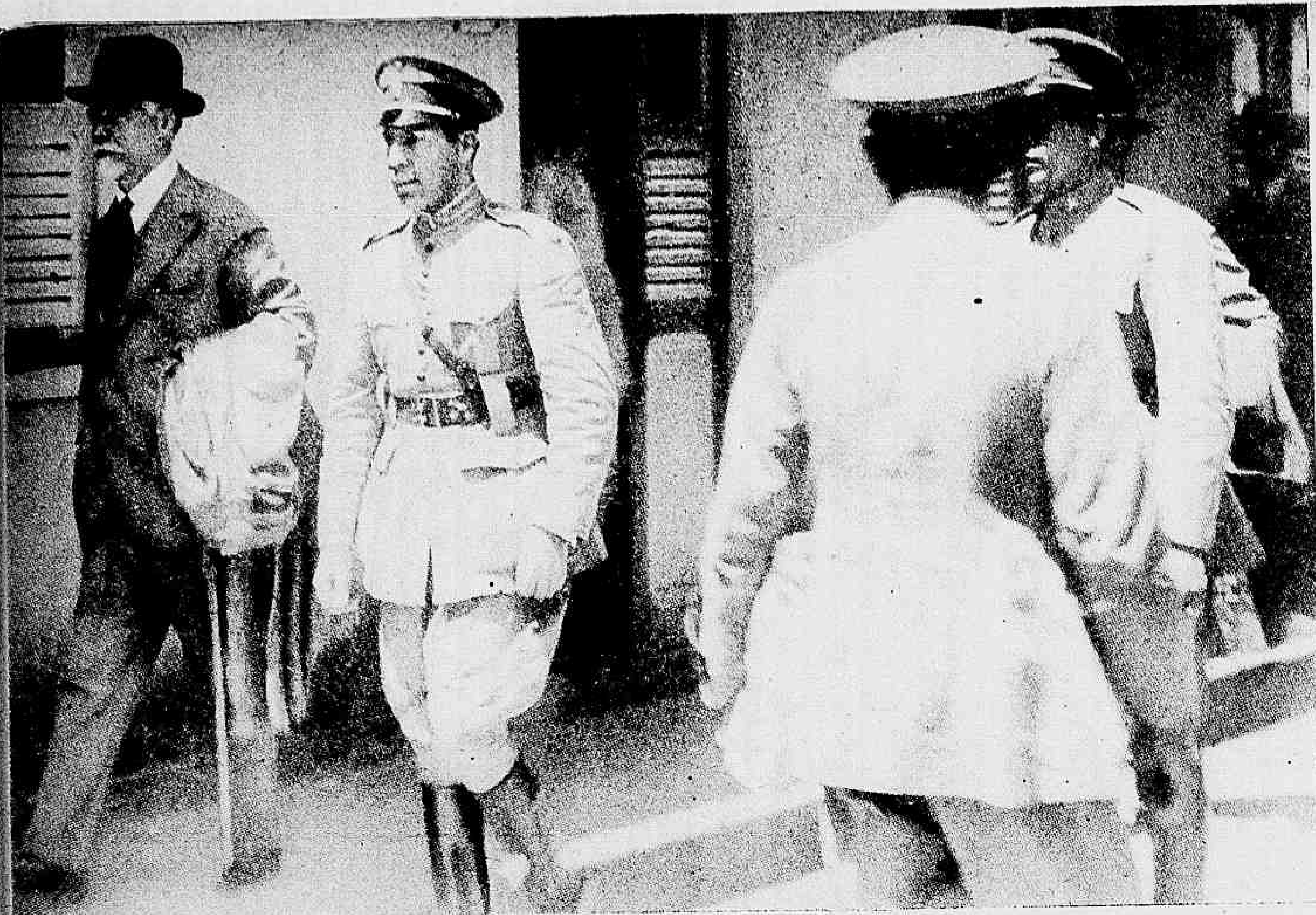
A MORTE DE VIRGÍLIO

● No dia 29 de outubro de 1946 o Rio e o país inteiro foram sacudidos por uma trágica notícia: fôra assassinado, naquela madrugada, Virgílio de Melo Franco. Como naquele dia se comemorava precisamente o primeiro aniversário da queda de Getúlio, para a qual a patriótica rebeldia de Virgílio de Melo Franco tanto contribuíra, chegou-se a pensar num crime político. Mas não fôra — o grande democrata mineiro simplesmente tombara vítima de um assaltante comum.

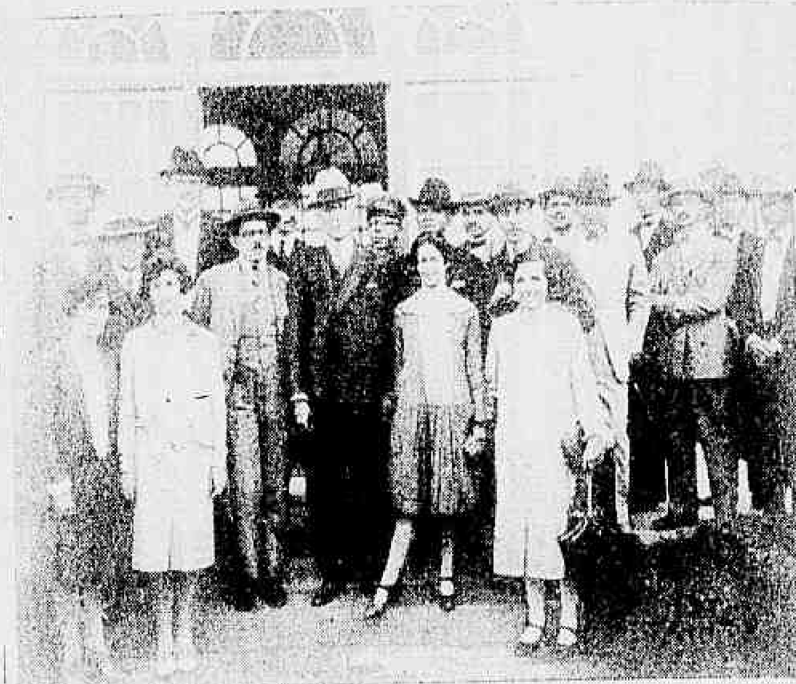
O seu entêrro, na manhã do dia seguinte, não foi apenas uma solenidade fúnebre: foi, também, um acontecimento no qual participou o povo quase todo do Rio, num impressionante cortejo que encheu por completo o Cemitério de S. João Batista.

A foto acima foi tirada no momento em que o então deputado Prado Kelly despedia-se, em nome da UDN, do grande companheiro morto. Vêem-se ainda, no flagrante, os srs. José Américo, Osvaldo Aranha, Jorge Jabour, Paulo Sarazate, Vitor do Espírito Santo, Aluísio Alves, Pedro Aleixo e outros. Quantos, hoje, continuariam amigos de Virgílio de Melo Franco, ou, pelo menos, fiéis aos ideais que êle defendeu com tanto ardor? Poucos. Porque a hora é dos Cleofas.





Ninguém desmente



O GOVERNADOR EM LAMBARI

● Antônio Carlos Ribeiro de Andrada: o mineiro, para definir a sua sagacidade e os seus truques, tão inteligentes, costuma dizer dêle que «primeiro tirava a meia para depois tirar o sapato». Foi tudo ou quase tudo: vereador, prefeito do interior, deputado estadual, deputado federal, governador, presidente da Câmara. Em 1930, seria o candidato natural e lógico da Aliança Liberal se Getúlio, sorridente e manhoso, não tivesse aparecido no caminho. De Antônio Carlos contam-se, ainda hoje, centenas de anedotas, e tôdas elas reconstituem, para os que não o conheceram de perto, a personalidade do político mais fino e mais hábil de todo o período republicano. A foto acima é de 1927. O governador Antônio Carlos está tomando as suas férias anuais na cidade de Lambari. Ao seu lado, apertado num colete de ponta e metido numas calças de bôca de espingarda, aparece um homem que, anos depois, seria poderoso: Francisco Campos. Outros vultos que ganhariam mais tarde notoriedade nacional também compõem o flágrante: Maurício Cardoso, Abgar Renault, etc. 1927 . . . Faltam ainda três anos para a revolução de 30, e o governador mineiro continua de bem com Washington Luís. Mas já há qualquer coisa no ar: a revolução, talvez.



UM HOMEM DE BEM

● Entre os dois flagrantes acima se passaram vinte anos. E êsses vinte anos serviram para mostrar ao país quanto vale a dignidade de um homem quando êle sabe defendê-la de qualquer maneira, enfrentando desastres, tormentos, prejuízos materiais e até mesmo a saudade da Pátria. O autor dêsse formidável exemplo de compostura quem o deu à Nação foi Washington Luís. Derrubado do govêrno por um golpe militar, exilado em seguida, deixou êle o seu país, que tanto amava, e durante longos anos, estoico e inquebrantável, sofreu no estrangeiro a amargura de um exílio que, se quisesse, poderia ter sido interrompido logo nos primeiros anos. Fatalmente chegaria o dia em que o Brasil aquilataria melhor do valor dêsse homem e de sua dignidade, e o chamaria novamente ao seio da Pátria. Foi exatamente o que aconteceu. A volta de Washington Luís, quando a sua ausência ia completar um vintênio, revestiu-se das côres de uma consagração: todos os bons amigos foram buscá-lo no cais do pôrto, choveram sôbre sua cabeça flores e serpentinas, as melhores palavras saudaram o seu retôrno. E, então, viu-se o impossível: o paulista venerando, de fibra de aço, comover-se ao extremo e lágrimas umedecerem os seus olhos cansados. Também os fortes se comovem.

O «CHEFE ABSOLUTO»

● José Gomes Pinheiro Machado saíra dos entreveros de 1893, no Rio Grande do Sul, com algumas feridas e uma patente: a de general honorário. Mas o título, igualmente honorário, de que mais se orgulhava era o de «Chefe Absoluto da política brasileira». Assim chamava-o a imprensa, assim o chamavam os amigos, inimigos, correlegionários e desafetos. Durante vinte anos, Pinheiro Machado dominou o Partido Republicano Conservador e, através dêle, todo o situacionismo republicano. Seu poder era inconteste, e, muitas vêzes, mais decisivo do que o do próprio presidente da República. Sua vontade absoluta criava e desfazia poderosos, «legalizava» mandatos equívocos ou reduzia a pó legítimas delegações da vontade popular.

Mas todo êsse poder aluiu, naquela tarde do dia 8 de setembro de 1915, quando o punhal assassino e insano de Manso de Paiva abateu, com um golpe certeiro, o temido caudilho gaúcho. Às três horas e vinte da tarde, o corpo ainda quente de Pinheiro Machado se estendia, no «hall» do Hotel dos Estrangeiros, à espera de ser levado. A foto acima é histórica: foi tirada exatamente uma semana antes da morte do guasco e ardente senador pelo Rio Grande do Sul.



SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW

NÃO DEVIA SER ASSIM

PAULO SOLEDADE

● Estranha é a sensação que se apodera do freqüentador habitual das noites do Rio quando verifica a chegada de alguns grupos do «café-society» que, procedentes de alguma comemoração de relevante significação social, resolvem prolongar a festa numa de nossas buates. Os dirigentes se apavoram diante do imprevisto, embora com a melhor perspectiva de um lucro maior. Os artistas se acovardam, e os que lá se encontravam acabam tendo uma noite tragada. O motivo? Vejamos. Lindas criaturas, com belos «soireés» e penteado do dia, acompanhadas por cavalheiros muito dignos dentro de seus «blue-nights», com o espírito completamente dissipado pelos momentos de intensa vibração vividos momentos antes, na Festa da Embaixada ou, ainda, em alguma Exibição de caridade, não satisfeitos com o «show» que se proporcionaram reciprocamente, surgem em levas, quais colegiais em férias, sobrepondo-se a tudo e a todos. Esquecem-se essas criaturas que, normalmente, os dirigentes de nossas casas de diversões se esforçam por proporcionar aos freqüentadores o que de melhor se lhes apresenta na ocasião, como cantores, músicos e outros artistas, e que, embora muitos dêles não correspondam à expectativa dessa gênte mal viajada, há sempre uma dignidade muito grande no seu trabalho e um propósito enorme de corresponder ao seu insignificante salário. Há quem pense que o artista é pago para ouvir inconveniências de pessoas que, procurando chamar atenção sôbre si, perturbam quem está em cena, tentando o máximo de sua possibilidade, ganhondo o seu dinheiro, honestamente. Se essas pessoas gostam tanto de se exibir, porque não se apresentam duas vêzes por semana em espetáculos do gênero daquela indefectível «Joujouxs e Balangandans»? Assim talvez pudessem os responsáveis pelos espetáculos da madrugada viver mais tranqüilos, sem a interferência inoportuna dessa platéia ainda não sublimada. Disse insignificante salário porque não vejo preço para o sacrifício da saúde que é o que exige uma temporada num «show», com o espetáculo normalmente terminando muito tarde e fazendo com que o artista, residente, não raro, em pontos distantes da cidade, chegue para descansar ao amanhecer, e isso tudo por obrigação. Além da humilhação a que é freqüentemente submetido por essas pessoas que, em dias comuns, o consideram e mesmo o aplaudem, mas que, nas grandes noitadas, se tornam verdadeiros fantoches dentro de um «smoking», «smoking» que, muitas vêzes, pertenceu a defunto menor.



ANILZA LEONY
É mel sem sopa.



SIWA TZEN
A bailarina incendiária.



MARION
A que não é do rádio.

SÈRGE SINGER

Depois de um «cock-tail» gentilmente oferecido para a crônica especializada, pela direção da buate «Beguin», do Hotel Glória, deu-se a estréia do cantor-pintor existencialista Sèrge Singer. Simpático, falando bem francês, inglês, holandês (sua origem), o cantor apresentou canções nesses idiomas e também em russo. Difícil de ser compreendido, como é óbvio, Singer não constitui uma atração que corresponda à fama de que veio precedido. Morando em Paris, num «bateau» do Sena, constituiu motivo de grande curiosidade por parte daquele público. Apresentando-se em lugares com côr local especial, ficou êsse artista desajustado no ambiente da buate «Biguin», alguns milhares de quilômetros distante de tudo que tenha relação com Sartre, ou, pelo menos, com o «existencialismo» das «caves». Com um violão possìvelmente desenhado por Salvador Dali, acredito que Sèrge Singer tenha aprendido a tocar poucos dias antes de tomar o avião em Paris. Com um bom material de voz e um repertório propositadamente inacessível, Sèrge pode imaginar não haver encontrado um público à altura de sua originalidade . . . E continuará glorioso e feliz.

EM TEMPO

É hábito, e muito bom, aliás, serem convidados os cronistas para as estréias dos espetáculos, ou então, dias após, quando a representação já está mais segura. Nessas ocasiões, gozam os jornalistas de regalias tais como não pagar «couvert», ou ainda serem obsequiados com o não pagamento da nota integral. Seria oportuno lembrar aos senhores diretores artísticos que essa gentileza não importa em compromisso de elogios incondicionais. Que é obrigação de um comentarista notificar ao público tudo que acontece na frente, atrás ou fora dos bastidores, e que a êsses acontecimentos se dá o nome de «notícia». Quando, porém, se tratar de emitir uma opinião, ou mesmo, quando se fizer a análise de um determinado espetáculo, não deve nenhuma das duas sofrer influência de qualquer espécie por parte do cronista, independente das gentilezas que lhe forem proporcionadas, quando no desempenho de sua função. Lembro aqui um incidente, surgido no «Casablanca» com um de nossos cronistas noturnos, que repercutiu pèssimamente nos meios especializados, e não gostaríamos que êle viesse a se repetir, pois, lamentàvelmente, não estão os senhores diretores artísticos habituados a ler comentários desfavoráveis, principalmente quando o «show» é fraco e êles insistem por boas notícias para enganar o público.

DIVERSAS



BLANCHE MUR
Pode descansar?

CARIBÉ DA ROCHA («Copacabana») está organizando sua equipe mais escondido que Zezé Moreira. Nem apronto na Gávea é mantido em maior sigilo. Mesmo assim, parece-nos que Marlene (sra. Luís Delfino) será a vedeta do seu «show», o que constitui, sem dúvida, uma ótima escolha.

RUBEM BRAGA que, além de cronista, é homem da noite, contou-me haver assistido em Santiago do Chile, de onde chegou há dias, a orquestra espanhola «Los Churumbeles». Haviam vindo do «Waldorf Astoria», de New York, e estavam se exibindo no «Waldorf», de Santiago. Disse-me o Braga que aquêles 10 ou 12 músicos constituem um número excepcional que provàvelmente faria sucesso aqui.

BLANCHE MUR, coreógrafa e bailarina do «Casablanca», não se tem apresentado com regularidade, por motivo de saúde. Há mais de dois anos, vem ela trabalhando consecutivamente, e, às vêzes, em duas casas, como já o fêz no ano que passou. Não seria o caso de umas férias remuneradas? Afinal, aquêle ordenado não dá para guardar nada. Outra sugestão: por que não deixam a moça apenas como coreógrafa?

DEPOIS do sucesso do bar «Bacarat», perece que o exemplo vai ser imitado pelos concorrentes. Assim, o «Maxim's» tem oitocentos cruzeiros por dia para gastar com uma cantora e um pianista. Eis uma boa oportunidade. Oitocentos para os dois, no total. Os candidatos podem se apresentar no bar da Avenida Atlântica.

ELPIDIO (pianista) e Zacarias deixavam o estúdio do «Hotel Excelsior» e iam tirar sua casquinha no «Vogue», depois de 1 da manhã. O gerente do «Excelsior» soube e o Barão agora tem de arranjar dois pianistas em vez de um. Já foi a São Paulo, de onde pretende trazer Robledo ou Simonetti, ambos ótimos.

CARMEN MIRANDA está nas cogitações do «Casablanca», para o «show» de carnaval. Êste é um sistema antigo do sr. Carlos Machado, de chamar a atenção para a sua casa. Há quem tenha escutado o telefonema para os EE. UU. e ouvido a resposta da cantora. Ainda não poderá vir. Mas continuam sendo dadas informações de que ela virá. Quando eu lembro que ia ser anunciada a presença, naquela casa, de Pepe le Moko e Jean Gabin, tudo por causa da decoração, hein, Maria Celina?

LUIS PEIXOTO e Freire Jr. escreveram uma peça para o «República». Anilza Leony, Siwa Tzen e Marion são as três vedetas. José Maria de Abreu fêz a música, que tem letra de Luís Peixoto, um dos nossos melhores letristas e que, graças a Deus, voltou em grande estilo.

SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL
OUÇA

José Mauro

"O COMENDADOR E A MÚSICA"

segundas, às 21,30

★

"COMÍCIO DE ESTRÊLAS"

Araci de Almeida, Isaura Garcia, Inezita Barroso, Neyde Fraga, Elsa Laranjeira, Ester de Sousa

têrças, às 21 horas

★

Almirante

"VIVA O SAMBA"

às 21 horas

★

Gilberto Martins

"EM BUSCA DO TESOURO"

com Elizete Cardoso

domingos, às 20 horas

novos programas da

RÁDIO RECORD
DE SÃO PAULO

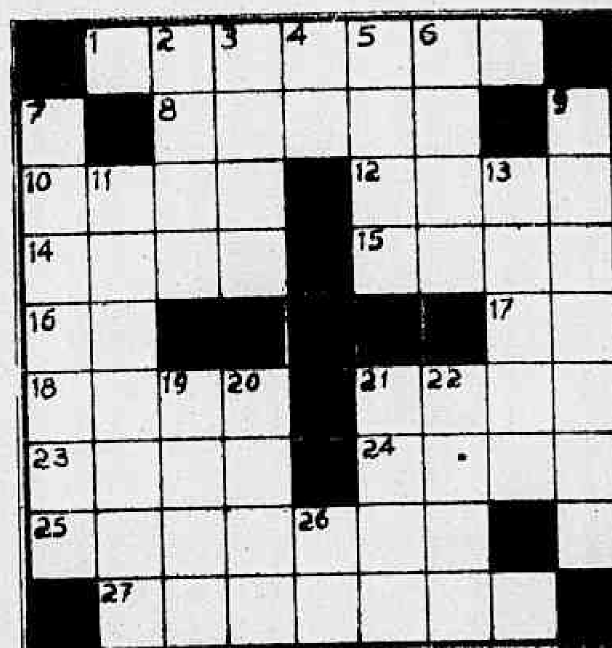
ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 23

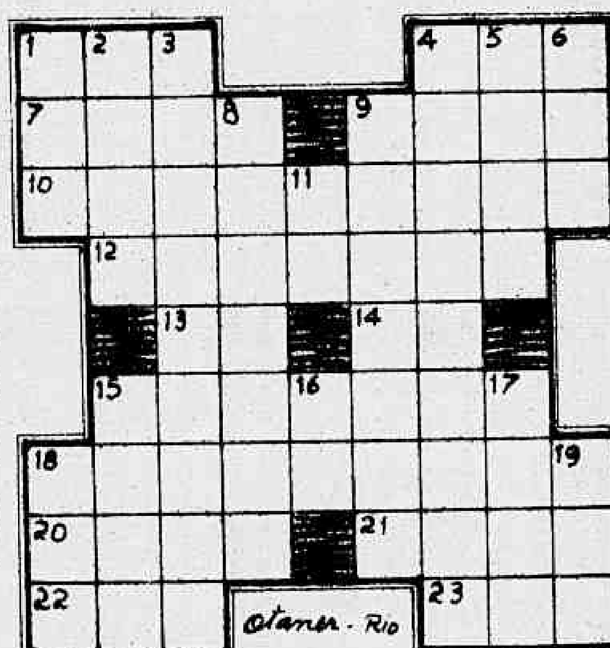
PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Espécie de goma — 4. Caldo de açúcar — 7. Espécie de jôgo (pl.) — 9. Planta labiada e medicinal — 10. Conjunto de roubos — 12. De má qualidade — 13. Ruim — 14. Interjeição de espanto — 15. Pessoa que segue o sistema de pintura em que predomina o emprêgo de linhas retas — 18. Relativa à vida do convento — 20. (James Buchanan), engenheiro norte-americano (1820-1887) — 21. — Argila colorida por óxido de ferro — 22. Espécie de palmeiras — 23. Rio da Suíça.

Verticais: — 1. Abundância — 2. Escavar — 3. Carta geográfica que apresenta tôda a superfície da Terra, em dois hemisférios — 4. Encantadora, atraente — 5. Feito de cobre — 6. Cidade da Bulgária — 8. Som articulado (pl.) — 9. Fogueira para assar castanhas — 11. Símbolo do metal de pêso atômico 58,69 — 15. Passar furtivamente — 16. Antiga cidade da Mesopotâmia às margens do Eufrates — 17. Ríspida — 18. Vila de Portugal, freguesia do distrito de Viana do Castelo — 19. Afluente esquerdo do Reno.

PARA NOVATOS



Horizontais: — 1. Aquela que edita — 8. Espécie de urze — 10. Extraordinária — 12. Massa consistente de farinha escaldada ao fogo — 14. Querer bem — 15. Vassourar o forno depois de aquecido — 16. Símbolo do térbio — 17. Estuda — 18. Vento brando — 21. Anual — 23. Irmão de Abel — 24. Grande tronco de madeira — 25. Quentura — 27. Pintaram com cal.

Verticais: — 2. Concedera — 3. Irritar — 4. Variação pronominal — 5. Tornar ôco — 6. Ladrão do mar — 7. Armadilha, arapuca — 9. Orlas, margens — 11. O mesmo que embuá — 13. Congelar — 19. Opulenta — 20. Gostai — 21. Comediante — 22. A mulher do filho — 26. Ali.

●

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 22

PARA VETERANOS

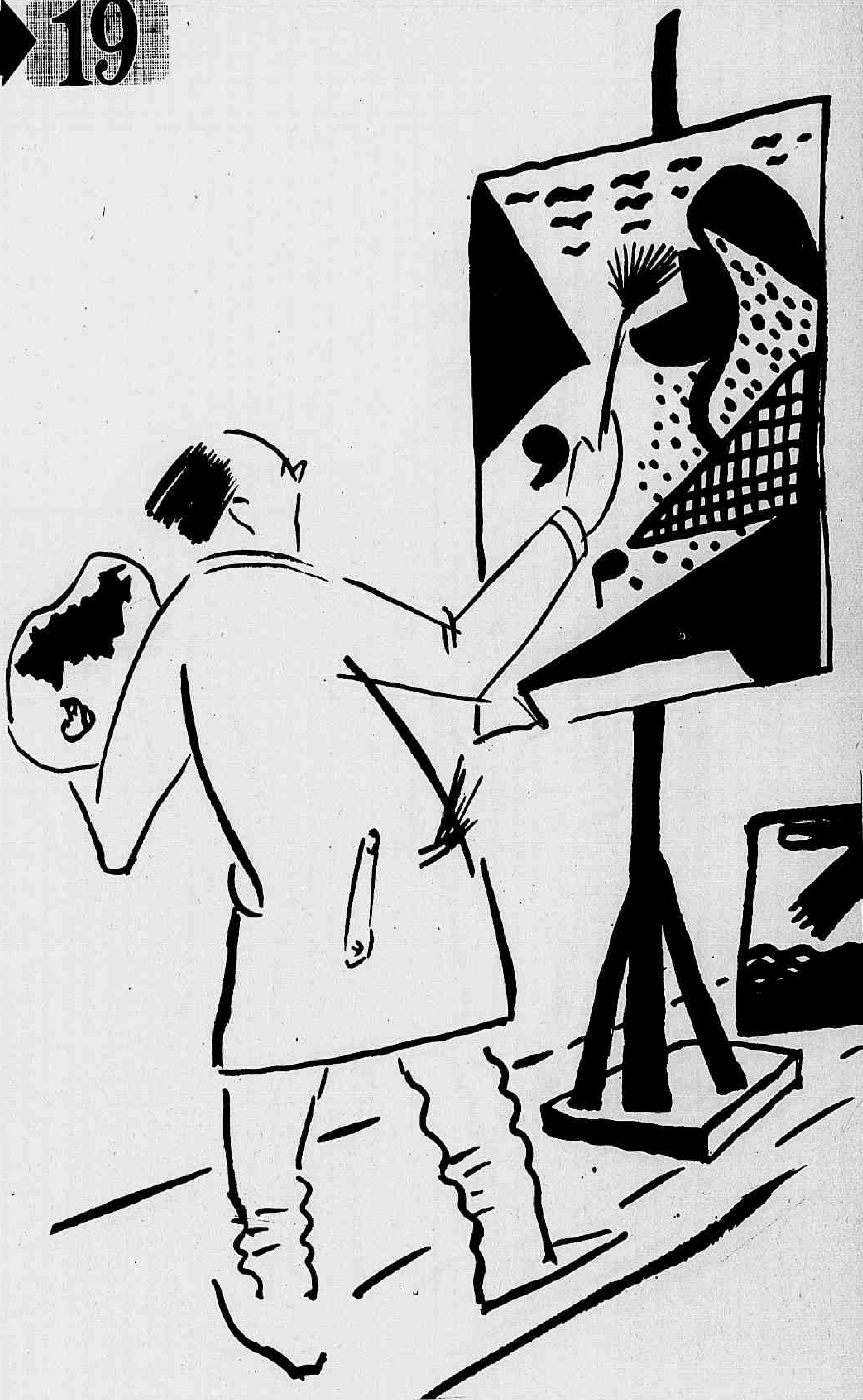
Horizontais: — **opilado — mistagogo — iaras — it — ei — pervígeis — oró — tas — calei — areiúscas — airosos.**

Verticais: — **oi — psi — ita — largifluo — aga — dos — Og — maipoca — onissos — ter — eia — recei — ético — Air — oss — Ea — as.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **americana — ricas — os — rel — me — nua — dar — tala — airi — ara — ais — da — era — ás — eleva — rememorar.**

Verticais: — **apontador — er — rir — icós — cal — as — amerissar — suara — Maria — ala — dia — trem — ele — avê — em — ar.**



DO ponto de vista plástico, o atual govêrno é cinzento. De outros pontos de vista, é prêto. E tendo das côres a noção apenas negativa, no rol dos luxos dispensáveis êle inclui a tinta a óleo e a aquarela. Porque os bolsos dos pintores são rasos, e seus quadros não se vendem a martelo, a preço bom e vário, as tintas não se compram. Conseqüência: as telas estão de luto.

Eis aí uma forma de protesto, e das mais terríveis. Omitam-se de um país a fantasia e as côres de pintar — e tudo ficará cinzento. E' a que está reduzida a nossa vida pictórica. Dêsse jeito os nossos quadros, e pouco importam as suas dimensões, vêem-se de repente rebaixados ao nível «menor» de simples desenhos prêto-e-branco. A côr negra, negativa, assume o papel sinistro de um grito. A única mancha de côr positiva que um pintor poderá aplicar nos seus quadros custa-lhe ainda mais caro: o sangue.

Cada vez é menos plástica a arte de governar. Arte? Não, o artifício de governar. Além da realidade do martelo, que neste govêrno tem o poder mágico de converter em esplêndido um negócio apenas razoável, nada mais se concebe.

Eu bem que me lembro de uma recusa. Era no tempo sinistro da ditadura. Certo museu norte-americano ofereceu ao Brasil, por motivos históricos, um quadro de Corot encomendado pelo Senhor D. Pedro II. Preço ínfimo, apenas um têrço do que custara ao dito museu. A papelada veio ao Rio, e veio uma fotografia do quadro, e mais o histórico das condições em que o quadro se encomendara e se fizera. As autoridades a quem competia a decisão dêste caso arrebitaram o nariz, olharam indiferentemente a fotografia do quadro, e uma delas, a mais importante talvez, teve o seu desabafo negativo:

— Ora, um quadro! Preço quase de um bom cavalo de corrida.

Parece que todos os governantes, aqui no Brasil, e quase todos os políticos, sofrem daquilo que Roger Fry chamou «blind form». Cegueira para a forma, logo cegueira para a côr.

TELAS DE LUTO

Texto e desenho de LUÍS JARDIM

Para êles prevalecem apenas duas côres, conforme o sucesso ou o insucesso. Se um político vence, tudo é côr de rosa; se perde, as coisas ficam pretas. Quem da tábua das côres conta sòmente, conforme o caso, com uma de duas, é ser somítico de mais em matéria policrômica. Os quadros estão de luto. As coisas estão pretas. O govêrno, cinzento, aboliu também a alegria das côres. Aliás, de um modo geral, êste govêrno aboliu quase tôdas as alegrias.

Mas, não fiquemos melancólicos. Com as artes ninguém pode. Com o correr do tempo — apesar da noção curta que o Presidente Vargas tem dos períodos dêle, tempo — é quase certo que a História assim rezará:

— Houve uma época, sinistra, no Brasil, que se pode chamar «black age», como dizem os inglêses. Nessa quadra o govêrno era tão negro, tão pretas as coisas, que até as telas se penumbraram.



DORME ÀS 10 E MEIA



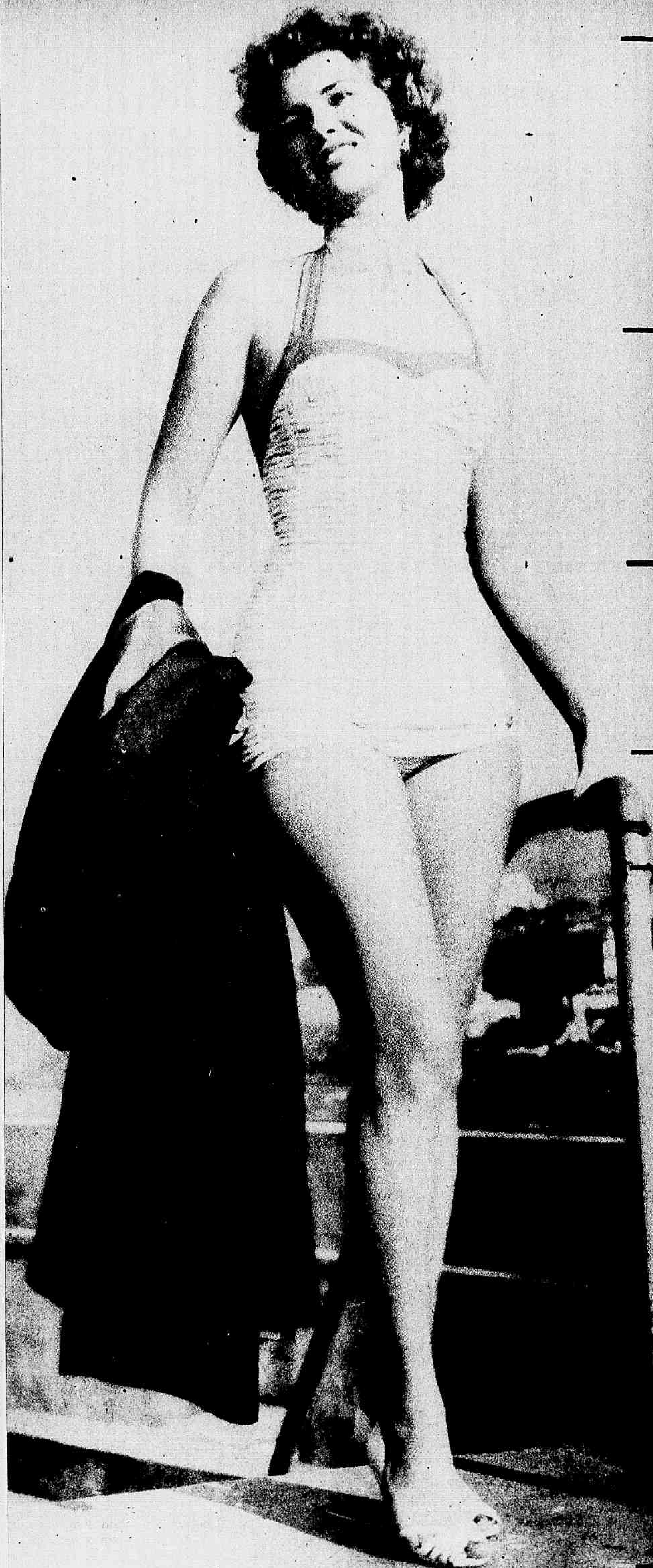
ACORDA ÀS 9 E MEIA



CUIDA DA MAQUILAGEM



LÊ CRIMES E SOCIAIS



Altura 1,70

Busto 0,94

Cintura 0,60

Quadris 0,99

Coxa 0,58

Tornozelo 0,23

Sapatos 35

MISS BRASIL, centímetro por centímetro

Reportagem de LEON ELIACHAR — Fotos de ALBERTO FERREIRA

- Nome: Marta Rocha.
- Idade: 21 anos.
- Pêso: 57 quilos.
- Cabelos louros.
- Olhos azuis.
- Pele queimada.
- Fêz o ginásio e o científico.
- Não gosta de estudar.
- Aprecia o trabalho (nos outros).
- Não tinha certeza se seria "Miss Brasil".
- Tem esperanças de ser "Miss Universo".
- Sua maior ambição: casar e ter três ou quatro filhos.
- Tem 11 irmãos: 4 rapazes e seis moças.
- Escreve (um pouco) à máquina com os dez dedos.
- Toca piano.
- Fala (pouco) e escreve (bem) o inglês.
- Não sabe costurar.
- Sabe cozinhar.
- Tem 20 vestidos.
- Seu traje ideal é o esporte.
- Ator preferido: Gregory Peck.
- Atriz: Eleanor Parker.
- Escritores: José de Alencar e Stephan Zweig.
- Gosta de música clássica e popular.
- Aprecia Beethoven, Debussy e Verdi.
- Pratica a natação e o volibol.
- Acorda às 9,30 h e às vêzes ao meio-dia.
- Dorme sempre às 10 e meia.
- Seu prato predileto é a feijoada.
- Faz ginástica.
- Não faz dieta.
- Lê muitos livros policiais.



A beleza de Marta é hereditária. A prova aí está, na sua progenitora, sra. Hansa Rocha.



MISS BRASIL EM 26 RESPOSTAS

Ping — Qual o homem que v. mais admira no mundo?
Pong — Meu pai.

Ping — Qual o maior susto de sua vida?
Pong — Um desastre de automóvel em Itapean. Eu ia dentro.

Ping — E o maior emoção?
Pong — Duas: a faixa de «Miss Bahia» e a de «Miss Brasil».

Ping — Acha que o título de «Miss Brasil» veio alterar o rumo de sua vida?
Pong — Eu tinha a vida mais calma.

Ping — Qual a coisa mais importante na vida de uma mulher?
Pong — O casamento.

Ping — Com quem v. gostaria de casar?
Pong — Com um Homem (com H maiúsculo).

Ping — V. casaria com um homem careca?
Pong — Nunca.

Ping — O que é que v. mais aprecia no homem?
Pong — Inteligência.

Ping — E na mulher?
Pong — Beleza e educação.

Ping — Qual o maior defeito que um homem pode ter?
Pong — Ser mentiroso e falso.

Ping — Já amou alguma vez?
Pong — Amor, no duro, não.

Ping — Qual o maior invento do século na sua opinião?
Pong — O avião.

Ping — V. costuma deixar para amanhã o que pode fazer hoje?
Pong — Não.

Ping — Que v. faria com 20 milhões?
Pong — Viajaria muito, compraria um carro e muitas casas.

Ping — Onde v. gostaria de morar?
Pong — Não gosto de morar sempre no mesmo lugar.

Ping — Quais os lugares que v. conhece?
Pong — Bahia e Rio de Janeiro.

Ping — Gostaria de trabalhar no cinema?
Pong — Nunca pensei nisso.

Ping — Quem penteia seus cabelos?
Pong — Eu mesma.

Ping — E quem faz suas unhas?
Pong — A manicure. Posso fazer a propaganda da Mariana?

Ping — Fuma?
Pong — Uns 10 cigarros, fora de casa.

Ping — Bebe?
Pong — Socialmente.

Ping — Joga?
Pong — Nem buraco.

Ping — O que mais a interessa no noticiário dos jornais?
Pong — Crimes, acidentes e sociais.

Ping — Que países gostaria de conhecer?
Pong — Egito, Itália e Estados Unidos.

Ping — Com que idade se começa a viver?
Pong — Eu comecei aos 19, quando comecei a sair mais.

Ping — Com quem gostaria de estar na noite de ano bom, quando apagassem as luzes?
Pong — No ano passado eu responderia; hoje não sei.



A beleza de Marta





ta atravessa os mares: Itapoã, Copacabana e agora Long Beach





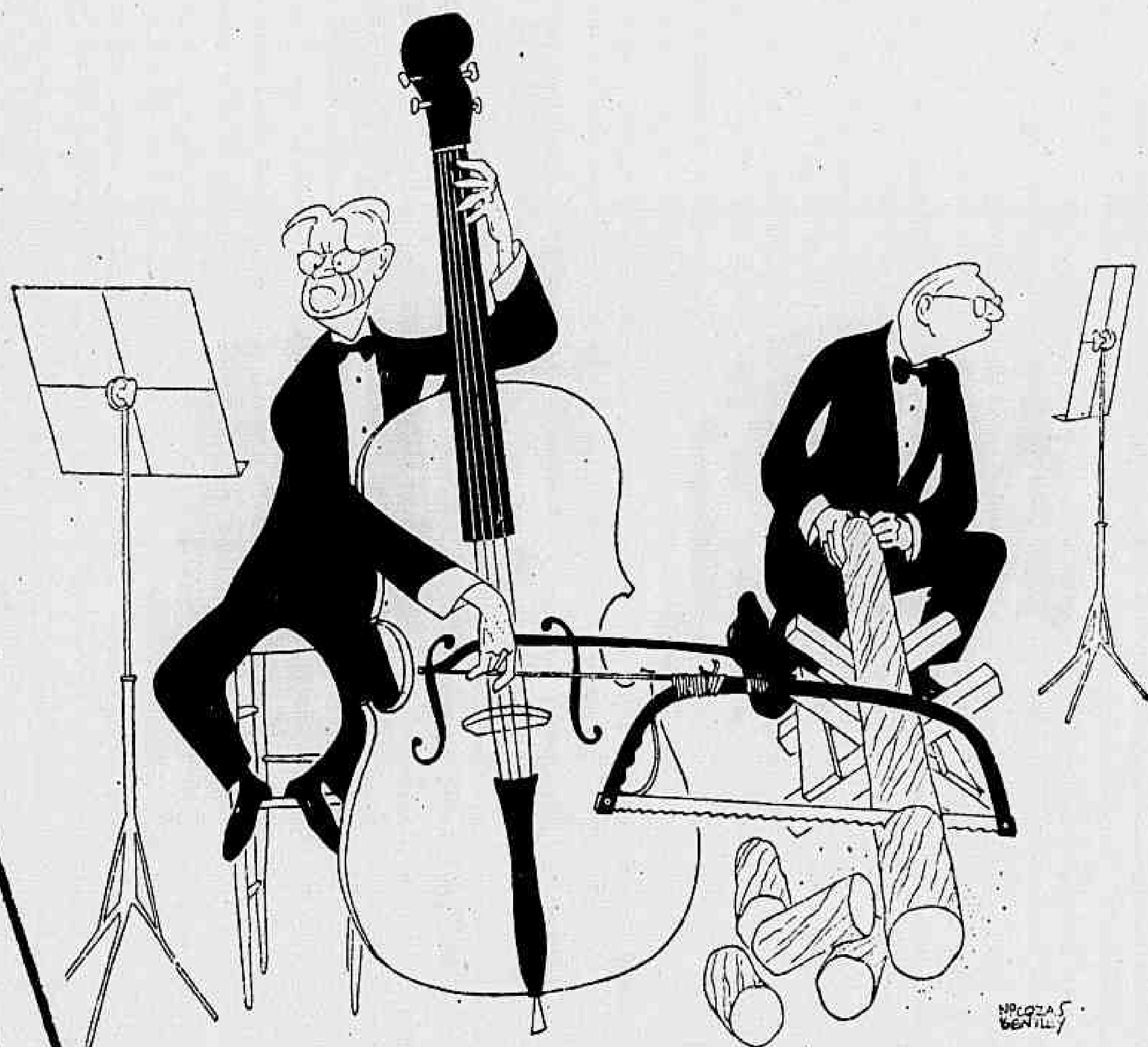


As melhores da semana no

RISO DOS OUTROS



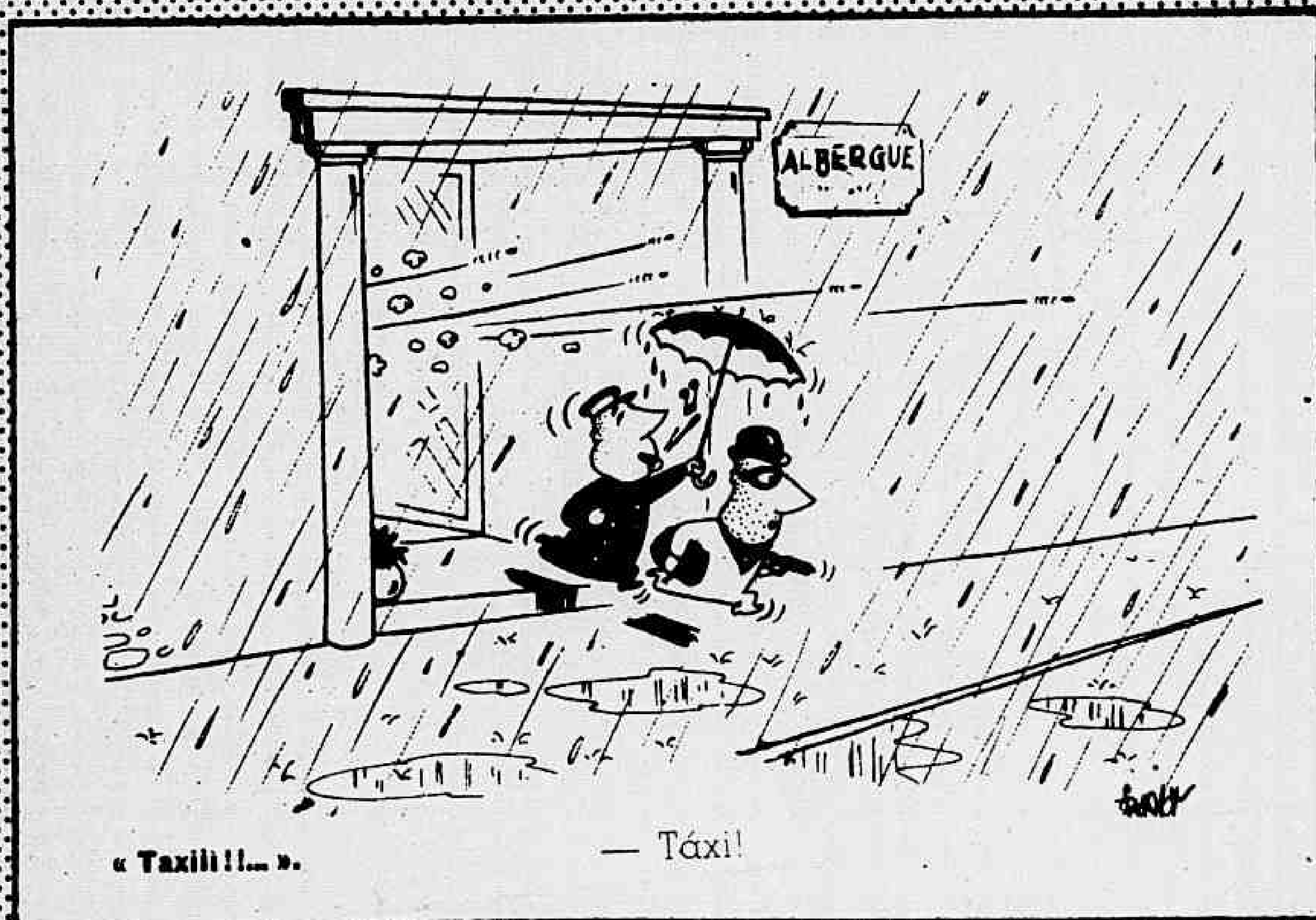
— A cláusula mais interessante desta espécie de seguro é aquela pela qual a Cia. se compromete a pagar à senhora 5 milhões de cruzeiros no caso de que o seu marido seja pegado em flagrante de adultério com a Marilyn Monroe . . .



SEM LEGENDA



SEM LEGENDA

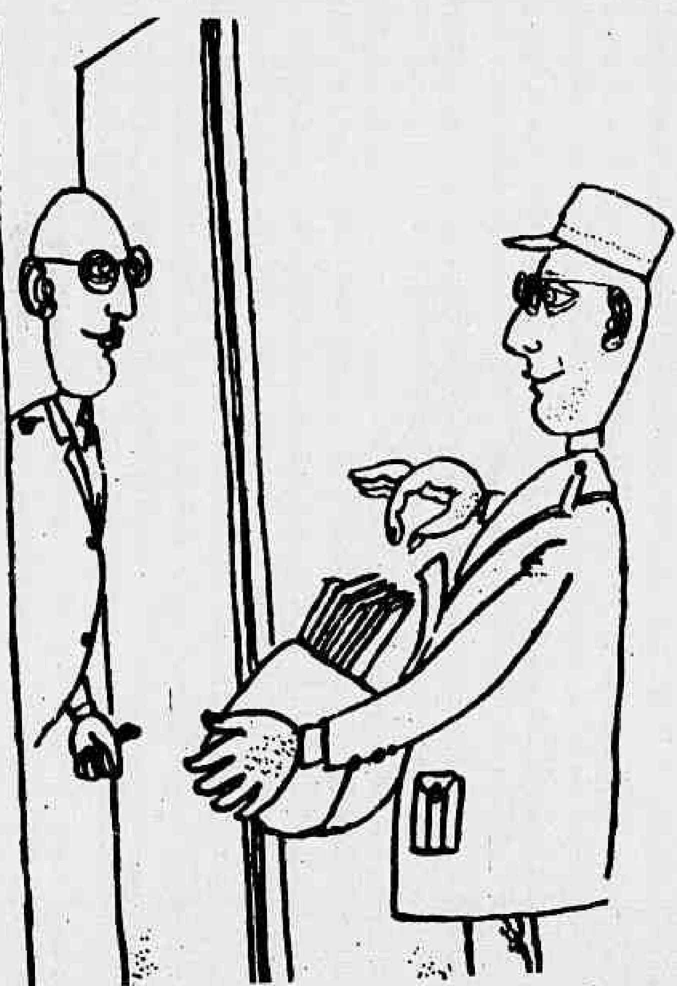


« Taxiii!!... ».

— Táxi!



— Vamos, senhorita, escreva: "Prezados senhores . . ."



— O que prefere: uma carta de amor, uma carta de negócios ou uma belíssima carta anônima?



(Ici Paris)

— Empatamos . . .

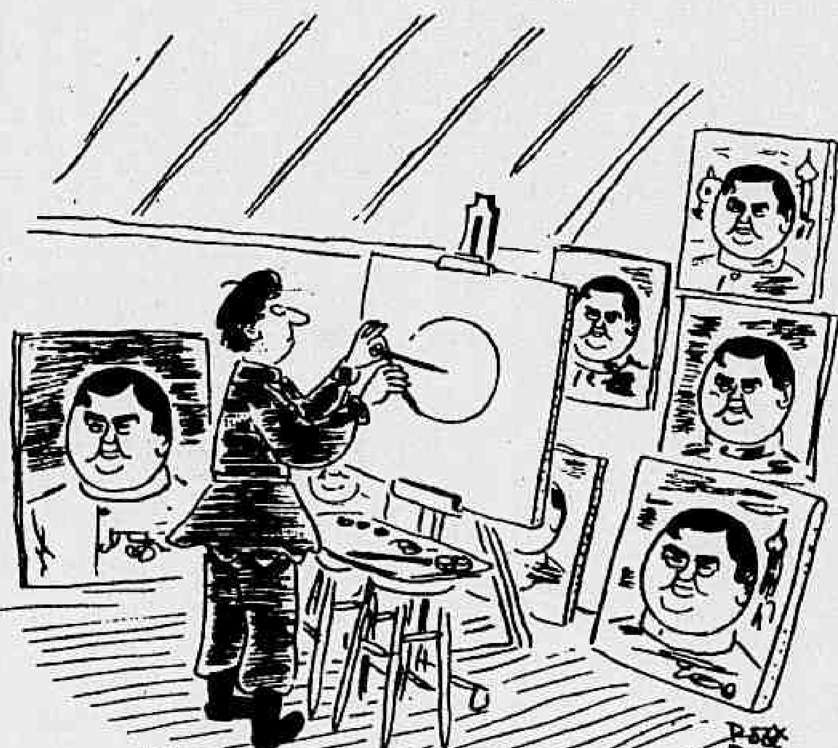


— Têm testemunhas?

(France Dimanche)



— Com os cumprimentos da mesa 14!



PINTURA DE ESTADO



— Não tivemos nenhuma dificuldade em fazê-la falar. A dificuldade agora é fazê-la calar . . .

CARTAS

ANTONIO MARIA

● PRIMEIRA — Petrópolis, 4 de maio de 1950.

LAURO: — muito beijo, muito agrado e fortes saudades. Não se escandalise por ter subido com êsse inverno todo, mas Elzinha chegou de São Paulo (desquitadíssima) querendo refazer-se de tanta audiência e tanto conselho de reconciliação. Convenceu-me de que os ares da serra serviriam a mim e a ela, ambas temporàriamente sem marido. Lá em casa, deixei tudo em ordem e dona Alice Duarte ofereceu-se para ficar, com as filhas, até eu voltar. Não se preocupe, porque as três estão ocupando o quarto dos hóspedes e dei-lhes a entender, claramente, que o seu gabinete era uma espécie de quarto misterioso do Barba-azul — ninguém lá devia botar os pés. Quanto aos dinheiros, telefonei para o escritório e «seu» Paulo foi muito gentil, dizendo que eu podia sacar quanto quisesse. Muito boazinha e modesta, pedi só 12 (contos, é claro). Acertamos que, todos os sábados viria um contínuo a Petrópolis trazer os meus 3 da mesada. Está muito frio e vamos fazer um programa de ficar lendo ao pé da lareira. Enquanto isso, o senhor, por aí, trate de cumprir as promessas feitas. Sei que o parceiro é muito saliente e seu fraco são as mulheres grandalhonas de pé gordo. Essas gringas são muito metidas mas, resista. E' favor não judiar desta moça, que é o seu bem-querer. Suíssima, com um beijo, **Bia.**

● SEGUNDA — Petrópolis, 12 de maio de 1950.

Meu simpático Lauro:

Não comece a prometer presentes, que marido quando está assim de generosidade aberta, é porque alguma está fazendo. Presente da Argentina, eu sei o que é: é negócio de casaco de antílope, de bôlsa, cintos e carteiras. Não pense o senhor que vai me comprar com artefatos de couro. Por favor, moço, você me passar pra trás é uma covardia. Está certo que eu fique aqui nessa geleira, mas ao menos o senhor se porte com aquela dignidade do seu tio, que é bispo. Nossa existência aqui está um pouco sem graça, mas não deixa de ser bonitinha. A gente come, a gente lê, ouve discos e dorme. Amanhã vai passar aqui «O Ladrão de Bicicletas» e eu vou ver de novo, só para chorar quando aquêle menininho fôr comer muçarela em caroço (o italiano que eu sei escrever é isso). Telefonei, hoje de manhã, para dona Alice e ela disse que estava tudo em ordem. Só quem telefonou foi o cretino do Raulzinho para avisar que a sagrada espôsa havia dado cria. Quando eu me lembro de suas antigas trapalhadas, a vontade é fazer uma batida de estriquinina e morrer. Bem, flor, afinal de contas você está gozando indulgência plenária até novo deslize. Quanto à disciplina que você deve adotar, preciso adverti-lo de que Peron e o justicialismo costumam mandar prender brasileiro que se mete com as mulheres da Nova Argentina. Juízo, rapaz. Elzinha está mandando abraços, que eu transformo em recomendações por considerar um tratamento menos confiado e mais digno. Um beijão da **Bia.**

● TERCEIRA — Petrópolis, 25 de maio de 1950.

Meu Lauro:

Mande dizer se fiz mal ou se fiz bem: O noivo da Elzinha estêve ontem aqui e nos levou para passear em Teresópolis. Veio também o primo dêle. Nós fomos. Eu sei que bem não fiz. Mas, fiz mal? E' gente muito boa, rapazes muito bem educados e gentilíssimos. O primo é meio biruta e muito engraçado. Almoçamos na Pensão Pinheiros e, na volta, o tempo estava lindo. Fazia um frio igual àquele do nosso namôro e comecei a me lembrar de uma porção de tolices. As flores, eu sei que já eram outras mas, estavam tão bonitas quanto as nossas. Depois daquilo, são dois anos levando a gente mais ou menos bem, não é? Eu dei minha vidinha a você, que não era feia, nem triste. Em troca, tomei a sua para mim, mas vivo, de vez em quanto em sobressalto. A propósito, quero lembrá-lo de que essas gringas adoram dinheiro. Não vá na conversa. Meu amor, será que eu posso ir, com Elza e o noivo, a Friburgo? Acho bom você responder que eu posso, porque a ida vai ser depois de amanhã e a proibição chegaria tarde. Veja como eu sou boazinha: enquanto o senhor aí deve estar fazendo das suas, a pobrezinha pede licença para ir a Friburgo, que é uma santa cidade. Quando vem? Demora mais menos, sim?

Um tanto ou quanto sôbre a insipidez, é a sua mulherzinha, com sono.. **Bia.**

● QUARTA, Rio, 13 de junho de 1950.

Lauro:

Vamos explicar as coisas pela ordem: eu, realmente, não avisei que o primo do noivo da Elza ia; mas, foi sem querer. Esqueci também de prevenir que a gente ia passar a noite lá. Mas, isso estava mais ou menos explicado. Não se pode ir a Friburgo e voltar no mesmo dia. Agora, o que não é direito é que sua gente se meta a me vigiar e sua irmã (não é à toa que ela é tôda cheia de verruga) lhe faça cartas insinuando coisas. Nunca me meti na vida dela, que quem conhece bem é a FEB, onde ela foi enfermeira. Você também fêz muito mal em escrever para Elza, dizendo o que disse. Ficou insultadíssima e foi morar no Hotel Califórnia. Não é verdade que o rapaz **saiu contando,** porque êle não tinha nada o que contar. Como também é mentira a história da bebedeira, porque se eu tomei dois «whiskies» foi muito. E se você está tão indignado como diz, abandone os negócios e venha resolver a parada aqui. Você, depois de velho, deu para (CENSURADO) pelos ouvidos. **Beatriz.**

P.S. — Saudades.

Desenho de DAREL





PÁSCOA NA ALDEIA

Por MARIA DE LOURDES PINHEL

Desenhos de **Cláudio Corrêa e Castro**

É domingo de Páscoa. Desde o repicar dos sinos no sábado de Aleluia, reina a satisfação em todos os rostos. E' domingo de Páscoa e desde manhãzinha o povo dirige-se às igrejas para rezar. A missa é pequenina, o sr. Prior no sermão não ralhou como de costume e todos estão alegres.

Estrearam-se roupas novas e os ouros das moçoilas saíram das arcas; vêem-se arrecadas e grossos cordões com meias libras enfeitando os corpetes e as blusinhas de chita enrameada.

Os afilhados a bênção aos padrinhos e fazem jus às «amêndoas» — um punhado de vinténs para o mealheiro ou um chorudo presente.

E' dia da visita pascal e desde os primeiros alvores da madrugada ouve-se pela rua o tilintar alegre das campaínhas, anunciando que o Senhor vai a caminho.

Os preparativos para receber tão ilustre hóspede começaram muitos dias antes, tanto na mais humilde choupana do povoado como no solar dos fidalgos. Caiaram-se os muros, lavaram-se as cortinas, esfregou-se o chão, limparam-se e espanaram-se os cantinhos mais recônditos da casa; arranjaram-se cestos de flores para desfolhar e com elas fazer um tapête de pétalas desde o portal da casa até ao limiar da sala. Preparou-se uma merenda para o sr. Prior do bom e do melhor e em nenhuma mesa, mesmo a mais pobre, faltava

a alva toalha de linho branco, a rôsca de pão de ló, as amêndoas e o pingato; quando as posses da família o permitem, o vinho servido é o do Pôrto.

Os preparativos não se limitam apenas às casas, mas também aos moradores. Pagam-se as dívidas antigas, perdoam-se as ofensas graves, e com a desobriga as consciências ficaram em paz. Tudo está pronto para receber a visita do Senhor. A Santa Cruz só não tem entrada onde vive gente amasiada ou à margem dos preceitos divinos. Na Casa das Tílias, há um ror de tempo, já que a família está reunida na sala esperando o momento de beijar o Crucifixo. A espera é longa e a hora calculada já passou há muito, mas o caminho que Ela tem que percorrer até acabar a volta à freguesia é extenso e demorado; às vêzes termina só depois de caída a noite.

Súbito, ouve-se o som alegre da campaínha, tênue e fraco a princípio, forte e sonoro depois. O Joãozinho chega esbaforido: «Já vem! Já vem aí o sr. Prior! Agorinha mesmo viraram na curva do moínho!» E é um corre-corre na casa tôda. O cortejo aproxima-se, berrante e vistoso nas suas opas vermelhas; na frente o Zé do Mato badalando a campaínha, tlin-dlin-dlin, tlin-dlin-dlin, seguido do João Próspero que segura a bandeja das esmolas atulhada de notas; o Antonho sacristão traz o vaso da água benta e o sr. Regedor, ostentando ufano o Crucifixo ungido com perfumes e todo engalanado com grinaldas de rosinhas artificiais, conversa com o Pároco. Muito corado pelos efeitos da caminhada e dos inúmeros golinhos que fôra obrigado a tomar, o sr. Prior enxuga o rosto no grande lenço tabaqueiro, segurando na outra mão o missal.

Espoucam foguetes e caminhando sôbre um tapête de pétalas desfolhadas, a Santa Cruz chega finalmente à nossa casa. Ajoelhada na entrada está a família inteira, as cridas e os empregados do campo. Nesse momento, somos todos apenas cristãos. Um a um, beijamos os pés do Cristo Crucificado, enquanto o sr. Prior abençoa a casa e esparge água benta pelas nossas cabeças curvadas. Depois da reza em latim, a salva de prata corre os presentes que dão as suas esmolas. Passa-se a seguir para a sala de jantar, onde os sacristões comem e bebem o que podem, e o que não podem carregam nos bolsos para a família. Enquanto isso, o Pároco conversa com os donos da casa e bebe pelo menos um cálice de Pôrto acompanhado de uma fatia de pão de ló — pois recusar seria grave ofensa; distribui santinhos e medalhinhas às crianças, e novamente o compasso se põe em movimento depois de mil agradecimentos e votos de Aleluia, Aleluia, Boas-Festas e Páscoa Feliz, — para levar o Deus Crucificado a outro lar cristão.



Maria

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Efrain, ainda menino, fôra internar-se num colégio em Bogotá. Seus pais e irmãs muito choraram sua ausência; Maria, uma pessoa criada na família, a quem o menino dedicava grande amizade, não pôde ocultar sua tristeza. Seis anos depois volta Efrain ao lar, sendo recebido com as maiores demonstrações de carinho.

Romance de JORGE ISAACS

IV

ADORMECI tranqüilamente, como quando dormia em minha infância a ouvir as maravilhosas histórias do escravo Pedro. Sonhei que Maria entrava e renovava as flores de minha mesa, e que, ao sair, roçara as cortinas de meu leito com seu «negligé» de musselina vaporosa salpicada de florinhas azuis.

Quando despertei os passarinhos cantavam em reboliço nas folhagens das laranjeiras e macieiras, e, ao abrir a porta, encheu-se o ambiente do delicioso aroma que vinha do pomar em flor.

A voz de Maria chegou então aos meus ouvidos, doce e pura. Era a sua voz de menina, porém mais grave e já pronta para desempenhar tôdas as modulações da ternura e da paixão. Ah! Quantas vêzes, em meus sonhos, um eco dessa mesma inflexão de voz chegou a minha alma! E meus olhos buscaram em vão aquêle hôrto onde tão bela eu a vi naquela manhã de agôsto!

A menina cujas inocentes carícias haviam sido tôdas para mim, já não seria mais a companheira de meus divertimentos. Mas, nas douradas tardes de verão, estaria nos passeios ao meu lado, fazendo parte do grupo de minhas irmãs. Eu a ajudaria a cultivar suas flores prediletas; nos serões ouviria sua voz, seus olhos me fitariam, um passo, apenas, nos separaria.

Logo que me vesti, abri a janela e vi Maria a uma das alamêdas da jardim, acompanhada de Ema. Usava um vestido mais escuro do que o da véspera, e o seu «panholon» côr de púrpura, enlaçado à cintura, lhe caía em forma de faixa sôbre a falda da saia. Sua vasta cabeleira, dividida em duas metades, ocultava em meio, parte da espádua e o peito. Tanto ela quanto minha irmã estavam descalças. Levava uma vasilha de porcelana pouco mais branca do que os braços que a sustinham, na qual ia colocando as rosas abertas durante a noite, deixando em seus ramos, as que lhe pareciam menos frescas e louças. Rindo com a companheira, mergulhava as faces mais frescas do que as rosas, no recipiente transbordante de flores. Ema me descobriu. Maria notou isso, e, sem voltar-se para mim, caiu ajoelhada para ocultar os pés, desatou-se da cintura o «panholon», e, cobrindo com êle os ombros, fingia brincar com as flores. As filhas núbeis dos patriarcas não foram mais formosas nas alvoradas em que colhiam flores para seus altares.

Depois do almôço, minha mãe me chamou ao seu quarto de costura. Ema e Maria estavam a bordar ao seu lado. Maria enrubesceu com a minha presença. Recordava, talvez, a surprêsa que, involuntàriamente lhe havia eu causado naquela manhã.

Minha mãe queria ver-me e ouvir-me sem descanso.

Ema, mais insinuante, já perguntava-me mil coisas de Bogotá. Pedia que eu lhe descrevesse bailes esplêndidos, formosos vestidos de senhoras que estiveram na moda, as mais belas mulheres que figuravam então na alta sociedade. Ouviam-se sem deixar seus labôres. Maria, furtivamente, me lançava um olhar, ou fazia baixinho, observações com sua companheira de assento. Ao pôr-se de pé, a fim de acercar-se de mamãe para consultar algo sôbre o bordado, pude ver seus pés primorosamente calçados. Seu passo ligeiro e firme, revelava todo o orgulho não abatido, de nossa raça, e o sedutor recato da virgem cristã. Iluminaram-se-lhe os olhos, quando minha mãe manifestou desejos de que eu desse às moças algumas lições de gramática e geografia, matérias de que não tinham senão noções muito ligeiras. Combinou-se, que daríamos início às lições dali a seis ou oito dias, durante os quais, poderia eu ajuizar o grau de conhecimento de cada uma.

Horas depois me avisaram que o banho estava preparado e fui a êle. Frondosa e corpulenta laranjeira com os galhos vergados ao pêso dos frutos maduros, formava verdadeira cúpula verde sôbre o amplo tanque de pedras brunidas. Sobrenadavam nágua muitíssimas rosas. Semelhava um banho oriental e estava perfumado com as flores colhidas por Maria naquela manhã.

V

Haviam passado três dias, quando meu pai me convidou para visitar suas fazendas do Vale, e tive que atendê-lo. Aliás eu tinha real interêsse pelas suas propriedades. Minha mãe se empenhou vivamente para que voltássemos sem demora. Minhas irmãs se entristeceram. Maria, porém, não me pediu, como elas, que eu regressasse na mesma semana. Mas me seguia incessantemente com os olhos durante meus preparativos de viagem.

Na minha ausência meu pai havia melhorado notàvelmente as suas propriedades. Construíra custosa e bela fábrica de açúcar, muitos alqueires de cana para abastecê-la, extensas pastagens com gado vacum e cavalar, bons estábulos e cocheiras e luxuosa casa de habitação, constituíam a mais importante de suas fazendas de clima quente. Os escravos bem vestidos e contentes até onde é possível estar-se sob a servidão, eram submissos e afetuosos para com seu dono. Encontrei homens feitos, os que, meninos ontem, me haviam ensinado a colocar armadilhas para pegar pequenos animais selvagens na espessura dos bosques. Tanto seus pais, como êles, voltaram a ver-me com visíveis demonstrações de prazer. Sòmente a Pedro, o bom amigo e fiel servidor, não iria mais encontrar. Quando me colocou sôbre a sela do meu cavalo, na partida para Bogotá, derramou lágrimas, dizendo: «Queridinho, não o verei mais». Seu coração o avisava que morreria antes do meu regresso.

Pude notar que meu pai, sem deixar de ser patrão, dava aos seus escravos um trato carinhoso, mostrava-se zeloso pelo procedimento de suas espôsas e acariciava seus filhos.

Uma tarde, já ao pôr de sol, regressávamos das plantações agrícolas à usina de açúcar, meu pai, Higino (o gerente) e eu. Êles conversavam sôbre trabalhos feitos e por fazer. Quanto a mim, tinha a atenção para coisas menos sérias. Pensava nos dias de minha infância. O cheiro peculiar dos bosques recém-derrubados e o das árvores em florescência; o palrar dos papagaios nas goiabeiras; o som longínquo da flauta de algum pastor, repetido pelos montes; os grupos de escravos, que regressavam, espaçadamente, dos labôres com as ferramentas ao ombro; os arrebóis vistos através dos canaviais movediços, tudo me recordava as tardes em que, abusando minhas irmãs, Maria e eu, de uma permissão de minha mãe, alcançada a fôrça de tenacidade, nos divertíamos colhendo goiabas, tirando ninhos de pássaros, muitas vêzes com graves lesões de braços e mãos, e espiando filhotes de periquitos nas cêrcas dos currais.

Ao encontrarmos um grupo de escravos, disse meu pai a um jovem negro de notável aparência:

— Então, Bruno, tôda a arrumação do seu casamento está pronta para ser realizado amanhã?

— Sim, senhor — respondeu descobrindo-se e conservando o chapéu de palha na mão, enquanto se apoiava ao cabo da sua enxada.

— Quem são os padrinhos?

— Nha Dolores e Nhor Anselmo, se o senhor concorda.

— Bem. Remígia e você devem estar já confessados. Comprou tudo o que precisa para ela e para você, com o dinheiro que mandei dar-lhe?

— Tudo em ordem, meu senhor.

— E nada mais deseja?

— O senhor é quem sabe.

— E' bom o quarto que lhe indicou Higínio?

— Sim, meu senhor.

— Ah! Já sei. O que você quer é um baile.

Riu-se, então, Bruno, mostrando seus dentes de brancura deslumbrante, voltando-se a rir para seus companheiros.

— E' justo; você se porta muito bem. Já sabe, — disse dirigindo-se a Higínio: — arranja isso e que fiquem todos contentes.

— E suas mercês se vão antes? — Perguntou Bruno.

— Não, — respondi-lhe — Nos consideramos convidados.

Na madrugada do sábado seguinte se casaram Bruno e Remígia. Naquela noite, às sete horas, meu pai e eu montamos para ir ao baile, cuja música começávamos a ouvir. Ao chegarmos, Julião, o escravo que chefiava a quadrilha, correu a segurar-nos os estribos e receber nossos cavalos. Estava elegante no seu trajo de domingo, pendendo-lhe da cintura o largo «machete» de guarnição prateada, insígnia de seu emprêgo. Uma sala de nossa antiga casa de habitação havia sido desocupada dos utensílios de trabalho que ali se achavam, para que ali se realizasse o baile. Haviam-na rodeado de estrados de madeira; em um lustre de madeira suspenso em uma das vigas, colocaram meia dúzia de luzes; músicos e cantores, mistura de agregados. **(Cont. na pág. 46)**

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Desenho de RAMON





Casaco em tafetá cereja, usado sôbre um vestido branco, todo bordado.

Casaco em alpaca rosa, forrado com o mesmo estampado multicolor do vestido



AS noites estivais de Paris por vêzes exigem um ligeiro abrigo, algo que cubra um pouco os decotes dos vestidos de dia ou das tualetes de teatro. Daí o grande sucesso dos casacos em «faille», «surah», gorgorão ou «shantung» de sêda pura, lançados por Maggy Rouff para a temporada. Amplos, elegantes em excesso (se existisse excesso em algo tão necessário como a elegância) dão à mulher o aspecto «rafinée», muito acertado para certas ocasiões. Os mesmos modelos que tanto sucesso estão fazendo nas noites de Paris, hão de agradar às minhas leitoras brasileiras da REVISTA DA SEMANA. Escolhendo-os como tema desta crônica estou me lembrando das tardes de lírica no Municipal do Rio e de São Paulo, que nem sempre obrigam a um agasalho pròpriamente invernal. Os casacos de Maggy Rouff usam-se por cima de um vestido estampado, em renda ou em sêda lisa. Por vêzes fazem par com o vestido, sendo forrados com o tecido dêsse. Sem dúvida, um complemento elegantíssimo. (Modelos exclusivos. Reprodução proibida).

CASACOS DE MAGGY ROUFF

CONVERSA DE MULHER

COMO IDENTIFICAR

"OS INCASÁVEIS"

● *Existem nesse mundo certos tipos de homens que nunca deveriam se casar, pois, inevitàvelmente, contribuem para a formação de lares infelizes. Nem sempre, porém, é fácil identificar tais tipos que, por um motivo ou outro, ocultam, quando chega a ocasião, suas qualidades negativas para o matrimônio...*

O assunto foi estudado por um psicólogo norte-americano que resumiu em algumas perguntas os pontos que permitem identificar os "incansáveis".

Uma ou duas respostas afirmativas indicam que êle pode vir a ser um bom marido. De 3 a 5 será um marido não muito satisfatório. Mais de 5 respostas afirmativas indicam que será um péssimo marido.

1 **Vive êle mal com sua própria família de solteiro?**

2 **Está mais apegado à mãe, e a ela se refere mais freqüentemente, do que ao pai?**

3 **Não gosta de passar dias fora de casa? Acha isso difícil ou pouco agradável?**

4 **Manifesta estar muito apegado aos pontos de vista de seus pais?**

5 **Costuma êle fazer referências freqüentes, pouco lisongeiras, em relação às mulheres em geral?**

6 **Manifesta (o contrário da pergunta precedente) ter uma atitude irreal, excessivamente romântica, para com as mulheres?**

7 **Parece se preocupar mais do que o comum dos homens com seus desejos e necessidades pessoais?**

8 **Costuma queixar-se de males imaginários ou tem crises temperamentais?**

9 **Parece ser insensível aos sofrimentos e dores alheios?**

10 **Costuma procurar sempre pôr em outros a culpa do que faz, quando as coisas não dão certo?**

11 **Dá êle a impressão de que a posição social é a coisa mais necessária e desejável desta vida, excluindo todos os outros valores?**

12 **Parece desconhecer a atração física no amor? Nunca a beija?**

NOTA — A resposta afirmativa às perguntas n.º 1 e n.º 12 (primeira e última), são geralmente indesejáveis e exigem uma séria investigação de sua parte, antes de se decidir.



UM POUCO DE BELEZA

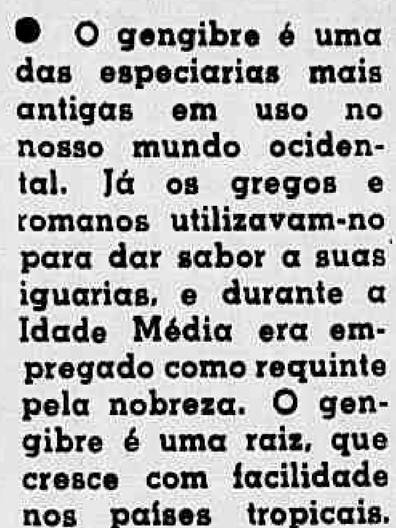
Técnica...

● Existe uma maneira certa e outra errada de se fazer tudo nesse mundo... O que acontece com respeito à aplicação dos cremes de beleza. É muito importante saber como passá-los para não tornar a pele flácida e para obter os melhores resultados. Tome uma pequena quantidade de creme, perto de uma colher rasa das de chá, e espalhe na palma das duas mãos, com delicadeza. Apoie as mãos nas faces, de ambos os lados, com os dedos juntos sôbre o nariz. O seu primeiro movimento será para os lados e subindo ligeiramente. Depois aplique as mãos da mesma forma na testa, os dedos se tocando no centro. Passe-as com movimento para os lados, em direção às têmporas. A seguir, com um ou dois dedos, contorne os olhos: para os lados nas sombrancelhas e para o centro embaixo dos olhos. Finalmente, envolva o pescoço com as mãos e passe-as, de cima para baixo, uma mão seguindo a outra em leve massagem. E, nessas poucas linhas, está explicado todo o segrêdo da aplicação de cremes. Use êsses movimentos também ao removê-los e para qualquer tratamento de beleza.

SE SEUS LÁBIOS SÃO CARNUDOS como os da graciosa italianinha da Paramount, Franca Faldine (foto acima), comece a aplicar o «baton» pelo centro, esbatendo-o aos poucos para os cantos da bôca.

SE SÃO FINOS, a técnica é diferente: o «baton» deve ultrapassar a linha natural.

Com habilidade você póde fazer de seus lábios verdadeiras obras-primas, mas é preciso estudá-los bem, para saber onde pôr mais «baton» e onde pôr menos; onde seguir a linha natural e onde alterá-la.

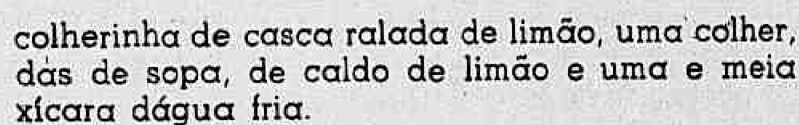


● O gengibre é uma das especiarias mais antigas em uso no nosso mundo ocidental. Já os gregos e romanos utilizavam-no para dar sabor a suas iguarias, e durante a Idade Média era empregado como requinte pela nobreza. O gengibre é uma raiz, que cresce com facilidade nos países tropicais. Raramente se usa a raiz por inteiro em culinária. Em geral, essa é lavada, sêca ao sol e moída. No entanto, o gengibre existe no comércio às vêzes em pequenos pedaços que se empregam para temperar o «pickles».

★

Comecemos por uma receita de **BÔLO-TORTA DE GENGIBRE**: Prepare inicialmente um bôlo de claras, baixo, redondo, de sua preferência. Constituirá a camada inferior do bôlo-torta. Depois disso, dissolva um envelope de gelatina sem sabor, ou com sabor de limão, em um copo de suco de abacaxi quente. Junte um quarto de copo de água fria e mais 3 colheres, das de sopa, de suco de limão fresco. Tempere com uma pitadinha de sal, uma colherinha de casca ralada de limão, uma colher, das de chá, de gengibre, e um quarto de xícara de açúcar. Misture bem. Deixe gelar até a mistura começar a endurecer. Quando isso acontecer, junte uma xícara de abacaxi em calda, picado.

Bata duas claras em ponto de neve, junte-lhes gradualmente um quarto de xícara de açúcar e junte à mistura de gelatina, à qual deve adicionar, também, meia xícara de creme de leite batido. Ponha tudo numa fôrma de bôlo igual em diâmetro à que assou o bôlo de claras. A fôrma deve ser molhada antes em água fria. Quando a gelatina tiver adquirido consistência desenforme-a sôbre o bôlo de claras, que deve estar bem frio, ou ainda melhor, gelado. Bata mais uma xícara de creme de leite e cubra com êle todo o bôlo. Sirva gelado.



★

Existe também um **PUDIM DE GENGIBRE** que é uma especialidade! Prepara-se assim:

Misture: uma xícara de farinha de trigo com duas colheres das de chá de fermento em pó, e uma pitadinha de sal. Junte meia colher, das de chá, de gengibre à duas colheres, das de sopa, de manteiga e bata bem, juntando, em seguida, dois terços de xícara de açúcar mascavo. Continue a bater até conseguir uma massa uniforme. Acrescente, em seguida, um ôvo inteiro. (Depois, vá pondo, alternadamente com um têrço de xícara dágua quente, a mistura de ingredientes secos — farinha, gengibre, sal, fermento — acima especificada). Ponha para assar numa fôrma bem untada e enfarinhada.

Sôbre a massa, espalhe uma mistura de: meia xícara de açúcar mascavo, uma pitadinha de sal, meia colher, das de chá, de gengibre, meia colherinha de casca ralada de limão, uma colher, das de sopa, de caldo de limão e uma e meia xícara dágua fria.

Asse em forno moderado, perto de meia hora. Sirva quente, com creme de leite, se gostar.

★

Para as crianças

Prepare para as crianças êsses **QUADRADINHOS DE GENGIBRE COM NOZES.** Em banho-maria, bata 2 ovos, com uma a meia xícara de açúcar, até ficarem bem misturados. Cozinhe-os em banho-maria até tomarem consistência de creme grosso (sem tornar a bater).

Peneire juntos dois terços de xícara de farinha de trigo, uma pitada de sal, uma colher, das de chá, de fermento em pó e meia colher, das de chá, de gengibre. Junte êsses ingredientes ao creme, uma colher de cada vez, batendo sempre, com um batedor manual.

Unte um taboleiro com perto de 30 cm de lado, com bastante manteiga, e depois de untado espalhe pedacinhos de manteiga (ao todo pode usar 3 colheres, das de sopa, de manteiga). Ponha sôbre a manteiga uma camada de nozes picadas, e por cima dessa, ponha a massa, uniformemente.

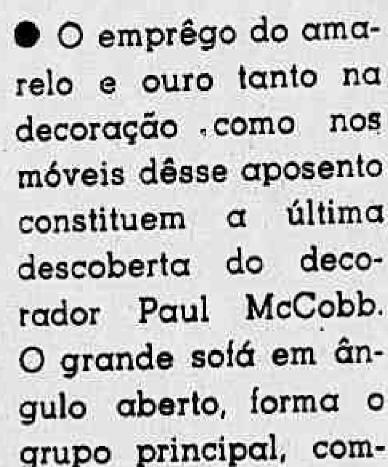
Asse em forno moderado perto de meia-hora. Retire do fogo ainda quente, espalhe por cima um pouco de açúcar dissolvido em leite, e deixe esfriar. Quando frio, corte em quadrados, antes de tirar da fôrma. Esta receita, numa fôrma de 30 x 30 deve dar 100 quadrados de 3 centímetros de lado.

WEEK-END NA COZINHA

★ ★

SUGESTÃO PARA O LAR

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★



● O emprêgo do amarelo e ouro tanto na decoração como nos móveis dêsse aposento constituem a última descoberta do decorador Paul McCobb. O grande sofá em ângulo aberto, forma o grupo principal, completado pela cadeira estofada em frente. Ambos em tonalidades diferentes de amarelo dourado. A mesinha do centro em imbuia natural é bordejada por uma margem em jacarandá sendo nessa última madeira também os pés da poltrona. A figura abstrata de cubos geométricos, em amarelo, branco e negro, dá um efeito tridimensional à decoração. Quebrando a rigidez geométrica do conjunto, vasos com folhagens, como uma sugestão da natureza viva.



Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 17 E 23 DE JULHO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O novo período lhe trará grandes satisfações, tanto no meio familiar como no setor das suas atividades profissionais. Os melhores dias serão 17, 19, 20 e 22. Ótimo ambiente.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O novo período será muito favorável às atividades profissionais e à vida doméstica, prometendo, além do mais, uma certa folga financeira. Os negócios andarão fàcilmente. Os melhores dias, no seu caso, serão 18, 20, 22 e 23.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor encontrará sérias dificuldades, na semana entrante, em tudo que tiver relações com sua vida sentimental. Os sexos, no seu caso, estarão em luta renhida pela supremacia. Os piores dias serão 18, 20 e 22.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Cancele os projetos de viagem para a semana em pauta. Há perigo de insucesso relativamente aos objetivos visados e de acidentes fatais. Não esqueça que Marte anda rondando as portas da Terra. O dia 18 será muito perigoso.

★ LEÃO (21/1 — 22/2) — Exerça o possível contrôle sôbre os desejos e ambições, pois, nos seus arremessos, certamente irá além do ponto visado, excedendo-se em prejuízo próprio. Os piores dias, no caso do leitor, serão 17, 19 e 22.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Desconfie dos negócios muito vantajosos que lhe vão ser propostos. O leitor está muito sujeito a enganos e a ludibrio. Adote a máxima de Floriano, em todos os casos, durante a semana em foco.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Os influxos planetários, na semana aqui indicada, muitô concorrerão para a solução favorável dos seus problemas. Aproveite bem os dias 17, 19, 21 e 23. Os restantes não serão desfavoráveis, mas fracos.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Nos negócios em que fôr parte não ceda às exigências de terceiros. Faça valer sua opinião, imponha sua vontade. Seu magnetismo pessoal está dando o máximo de rendimento.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — A semana vai ser muito fraca em relação aos negócios. Em compensação, a vida doméstica decorrerá a contento e haverá surprêsas agradáveis na esfera sentimental.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O novo período será muito favorável às solicitações e aos reajustamentos da posição ou das situações. Reserve para os dias 17, 21 e 23 os pedidos de empréstimo ou de favores.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os influxos planetários da semana o predisporão a desentendimentos e até mesmo às cenas de pugilato. Evite, como puder, as discussões, especialmente sôbre esporte e política.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Feche bem as portas, à noite, e ponha a mão no bôlso, durante o dia. O leitor está a pique de ser roubado. Poderá, do mesmo modo, ser vítima de enganos prejudiciais. Alguma coisa acontecerá, nesse sentido.

OS NEMES DA SEMANA

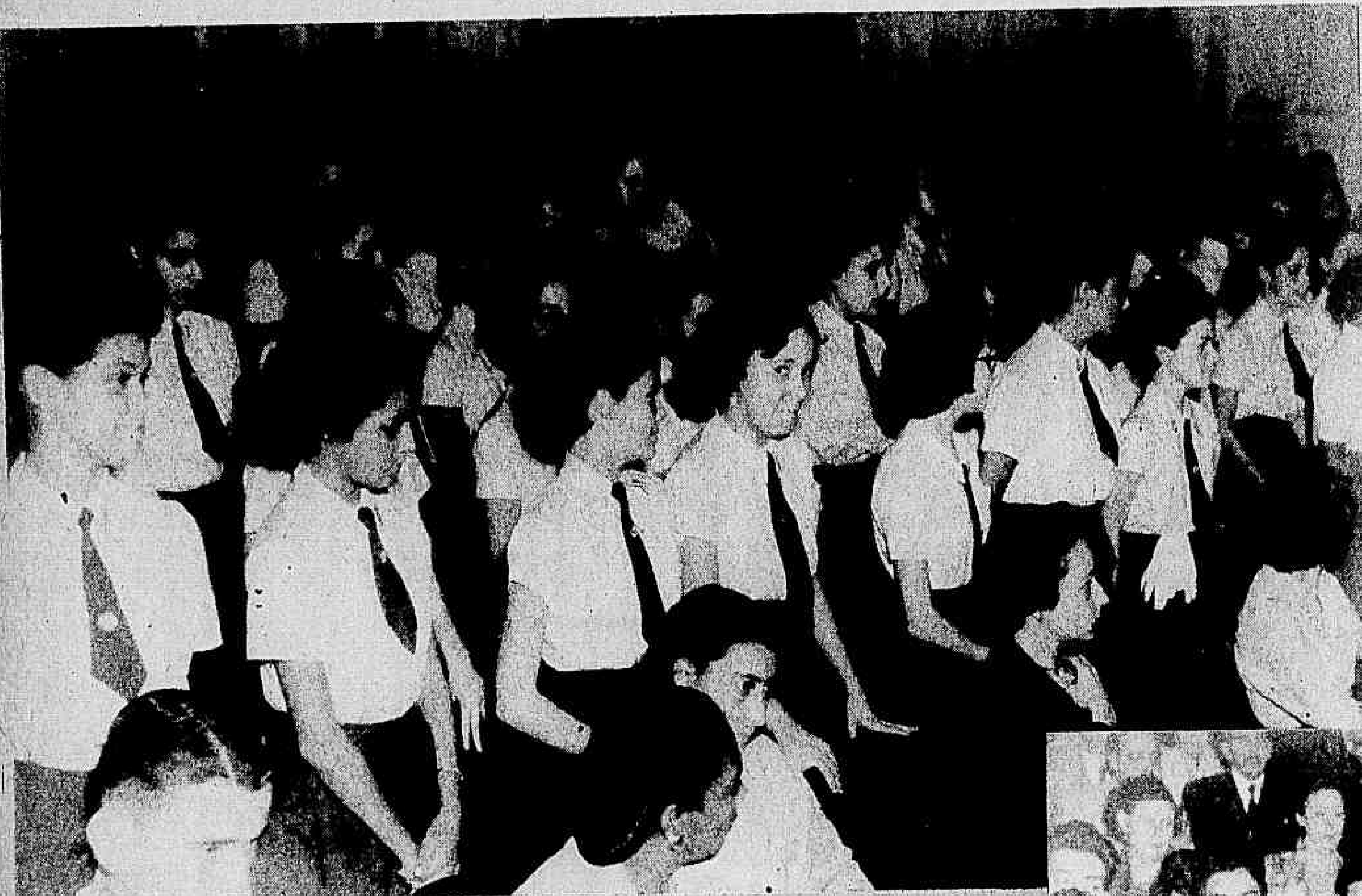
Julho,	17	—	Eudes	—	Helena
"	18	—	Jório	—	Elba
"	19	—	Felix	—	Geni
"	20	—	Roberto	—	Laura
"	21	—	Cláudio	—	Vicentina
"	22	—	João	—	Joana
"	23	—	Evaristo	—	Leonor

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Julho,	17	—	24º - 21' - 47"	(Signo do Câncer)
"	18	—	25º - 19' - 1"	(" " ")
"	19	—	26º - 16' - 16"	(" " ")
"	20	—	27º - 13' - 31"	(" " ")
"	21	—	28º - 10' - 47"	(" " ")
"	22	—	29º - 8' - 4"	(" " ")
"	23	—	- 5' - 22"	(Signo do Leão)

SOLENIDADE CULTUAL





● Continua o Instituto La-Fayette a realizar o programa educativo instituído pelo professor La-Fayette Côrtes, quando lançou as bases dêsse educandário em 1916. Foi, assim, êste ano, comemorado o 16º centenário do nascimento de Santo Agostinho, com desusado brilho, no dia 5 de junho, data aniversária da fundação do conhecido instituto de ensino. Na foto acima, côro de alunas, que interpretou a "Vesperal" de Lorenzo Fernandez, sob a direção da prof. Teresinha Francisca da Silva; à direita, para recordação da solenidade, alunas distribuíram flores à assistência.

COMPANHIA DRAMÁTICA NACIONAL

BRUTUS PEDREIRA

● A temporada da Companhia Dramática Nacional caracterizou-se pelo jôgo de disparates entre cenários e respectivos textos. Desde o do 1º ato de «Senhora dos Afogados» ao do último de «Lampião», quase todos primaram pela falta de correspondência com o espírito das peças. No do 2º ato da tragédia de Nelson Rodrigues, Santa Rosa, apesar do que escreveu no programa, conseguiu mais efeito decorativo que ambiente; no do 1º, a escada e o mobiliário brigavam com todo o resto, e a solução do quarto que se perdia na coxia não me pareceu feliz. A modificação, no 3º ato, do cenário do 1º, só conseguiu estragar o que de bom êle tinha. Em «As Casadas Solteiras», de Martins Penna, em má hora exumada, pois nessa peça o autor nos aparece ainda mais primário que de costume, mais pueril a intriga e mais forçados os meios de comicidade, os sofisticadíssimos cenários de Nilson Penna concordavam um pouco com a linha dada à representação, por José Maria Monteiro. Contudo, se o exterior do 1º ato e os interiores dos 2º e 3º eram realistas, com pruridos de reconstituir a época, que vieram fazer, nos telões de fundo, as paisagens desenhadas a carvão? Criar a confusão? Conseguiram-no. Dos 3 cenários de Harry Cole para «A Cidade Assassinada», de Antônio Callado, o 1º foi demasiado leve para a densidade do texto; o 2º, de extrema simplicidade, talvez o melhor da temporada, por mais funcional; no 3º, o pelourinho, muito detalhado, destoava, não só da linha dos outros, como também das construções esquemáticas que o cercavam. Julgo ter sido intenção do cenarista dar ao pelourinho importância plástica correspondente ao seu valor simbólico; creio, entretanto, que poderia conseguir seu intento com outra solução, dentro do estilo dos demais cenários e obtido, assim, unidade entre êles. Quanto aos cenários de Cláudio Moura para «Lampião», de Raquel de Queiroz, é forçoso convir em que foram os piores da coleção. Principalmente os dois últimos, com seus rochedos policromos, pintados em superfícies planas. Contaram-me que Claude Vincent, intrigada com aquêles estranhos aspectos, perguntara, não sei bem se a Francisco Pereira da Silva ou a Anísio Medeiros, se o Nordeste era assim. Diante da resposta negativa, esclareceu que os cenários lembravam certas paisagens egípcias . . . O que não deixa de ser engraçado, em peça brasileira. No próximo número, conversaremos sôbre as direções de cena.



DANIEL ÉRICOURT

Grande pianista francês, apresentado pela A. B. C., que nos deu magnífica interpretação de «Gaspard de la Nuit», de Ravel.



ISABEL MOURAO

Pianista brasileira de renome nos Estados Unidos. Volta-nos recomendada por Guiomar Novais. Apresentação da A. B. C.



LUIGI INFANTINO

Tenor do Scala de Milão e espôso de Sarah Ferrati, primeira atriz do Piccolo Teatro, dará concertos pela Cultura Artística.

● Antes de partir da Itália para sua excursão sul-americana, o Piccolo Teatro de Milão apresentou «Mascherata», peça do romancista Alberto Maravia, que a tirou dum conto seu. É a primeira obra teatral do autor de «La Romana». Outra peça, baseada em «Gli Indiferenti», foi encenada na Itália, faz alguns anos, mas a adaptação teatral não era de Maravia.

● Continuam, como grandes êxitos, na temporada atual, na Itália, «O Cardeal Lambertini», de Tostoni, peça medíocre, mantida em cartaz graças à interpretação de Zacconi, que a celebrizou. O intérprete, agora, é Gino Cervi. E «Os Persas», de Ésquilo, dirigida por Vittorio Gassmann que, no papel do mensageiro, tem um dos mais altos pontos de sua carreira.

● O Teatro Brasileiro de Comédia de S. Paulo ensaia «É o Noroeste soprou . . .», de Edgard da Rocha Miranda, premiada no Concurso do IV Centenário. A direção é de Ziembinski.

● A Academia Brasileira de Letras inaugurou um Curso de Teatro, em forma de conferências. Encarregou-se da primeira, realizada a 16 p.p., Viriato Correia, que escolheu o tema: «Origem e Desenvolvimento do Teatro Brasileiro».

GULDA

● Chouveu pianistas, ùltimamente, no Rio. De 31 de maio a 14 de junho, assisti a concertos de cinco: Demus, Gulda, ambos em despedida, Firkusny, Éricourt e Marie-Thèrese Fourneau. Dos cinco, Gulda foi o que despertou maiores entusiasmos. Extraordinário, de fato, o caso dêsse jovem que, aos 24 anos, já é dono duma técnica assombrosa. O brilho e a segurança com que executa seus malabarismos fizeram dêle a coqueluche do público. Durante sua estada aqui, em matéria de música, não se jurava senão por Gulda. E ainda se jura. Com o tempo, que é uma espécie de vôo de altura, a coqueluche passará, como passaram outras. De três, fortes, lembro-me eu, a partir dos anos distantes da minha mocidade: Rubinstein, Brailowsky e Simon Barer. Rubinstein não perdeu muito, com o vôo de altura; manteve sua classe e, se não mais provoca os frenesis de admiração que abundavam em suas primeiras vindas ao Brasil, firmou-se, com solidez, entre os maiores pianistas dêste meio século. Brailowsky arrasta, ainda, multidões embasbacadas aos seus recitais. Para pessoas mais avisadas, porém, já está classificado como um dos mais amáveis vigaristas sentimentais da atualidade, distribuidor itinerante de cloróticos delíquios ultra-românticos. De Simon Barer, ninguém mais ouviu falar. Suponho esteja armazenado em algum depósito de pianos automáticos. «Sic transit gloria mundi». Peço que, nem de leve, se veja, no que acabo de escrever, agouro à carreira de Gulda e ao êxito que merece e há de ter. Creio que muito se falará a seu respeito, e as qualidades que já possui justificam os mais lisonjeiros prenúncios, mormente quando adquirir o que ainda lhe falta e, por efeito da coqueluche, lhe foi atribuído um pouco levianamente: a madureza. O «levianamente» não se endereça ao público, fácil de deslumbrar, mas a especialistas do assunto, encarregados de guiar a opinião dos menos esclarecidos. A madureza, por lei biológica, é função do tempo. É possível nascer genial; maduro, jamais. Os grandes criadores alcançaram a maturidade em suas obras, quando em idade provecta, como diria a Baronesa de Canindé, e as composições de Mozart, aos 8 anos, são perfeitas, geniais, portanto, mas não maduras. Aos 24 anos, ninguém amadureceu. O que houve com Gulda foi um equívoco. Tomaram por madureza o que é, apenas, frialdade. Gulda é um pianista frio, sem romantismo, apesar de seus 24 anos. Haja vista a maneira como interpreta Chopin. Contudo, sou um de seus fãs e não lhe regateio aplausos. Não tanto pelo que já é — e é muito — mas pelo que nos promete ser.



A floresta de tôrres, no lago de Maracaibo, faz da Venezuela o país mais rico do mundo. Mas o «ouro negro» não conseguiu ainda apagar alguns dos mais violentos contrastes do país.

O PETRÓLEO SUSTENTA CINCO MILHÕES DE

● Com a presente reportagem, da maior atualidade, o economista HUMBERTO BASTOS inicia a sua colaboração na REVISTA DA SEMANA. Nome bastante conhecido e credenciado entre aquêles que se dedicam aos estudos econômicos, HUMBERTO BASTOS impôs-se como autor de vários livros elogiados pela crítica, já representou o país em várias conferências internacionais e é, atualmente, um dos membros do Conselho Nacional de Economia.

PODEREMOS formar uma impressão objetiva do progresso econômico da Venezuela se tomarmos conhecimento das suas reservas internacionais, tanto em ouro como outros ativos em divisas. Essas reservas atingiram no primeiro semestre do ano p. findo a 471 milhões de dólares. Fazendo-se um cálculo, fácil é verificar que cabe a cada venezuelano US$ 120 das reservas internacionais do seu país. No Brasil, que tem pouco mais de 500 milhões, cabe a cada brasileiro US$ 11. O aumento das reservas internacionais líqüidas significa um positivo grau de expansão econômica e financeira, principalmente pelos saldos decorrentes das exportações. Os simples números aqui mencionados refletem claramente a causa principal da euforia venezuelana. Mas, qual o principal fator (ou fatôres) dessa euforia?

TUDO CRESCE NO PAÍS

Além dêsse aumento registrado nas reservas internacionais líqüidas, poderemos encontrar ainda outros índices da expansão, os quais poderemos sintetizar assim: 1) Acentuou-se o ritmo de compra de divisas por parte dos Bancos particulares ao Banco Central da Venezuela; 2) Em virtude ainda da magnífica situação das reservas internacionais, o que faz com que as notas do Banco Central em circulação estejam cobertas em 124,16%, expandiu-se o meio circulante em quase 1 bilhão de bolívares em 1953; 3) Aumentou consideràvelmente o volume de empréstimos e descontos nos bancos particulares; 4) As operações registradas na Bôlsa de Caracas alcançaram a cifra de 83 milhões de bolívares, quando em 1946 foi de 20 milhões; 5) Os investimentos (menos os das companhias de petróleo) cresceram no período de 1950/52 de 1.619,5 milhões de



INVESTIMENTOS DE MAIS DE 3 BILHÕES DE DÓLARES EM 1953 ★ IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA VENEZUELA ★ TUDO CRESCE NO PAÍS ★ OS DONOS DO "OURO NEGRO" ★ CONVÉM MAIOR INTERCÂMBIO COMERCIAL COM O BRASIL? ★ O QUE O GOVÊRNO BRASILEIRO DEVE FAZER E NÃO FAZ PORQUE NÃO QUER

Reportagem de HUMBERTO BASTOS

HABITANTES

bolívares para 2.218,9; 6) Orçamento público com «superavit» e aumento constante da receita.

São essas, em linhas gerais, as componentes positivas da conjuntura econômico-financeira da Venezuela. Aos algarismos acima registrados, teríamos de juntar os relativos ao crescimento industrial e agrícola, principalmente, industrial que vem se apresentando muito intenso no último quatriênio.

MAS . . . NEM TUDO É UM MAR DE ROSAS

Mas nem tudo é um mar de rosas na Venezuela. O Govêrno enfrenta o problema do abastecimento, um dos mais graves do país. E procura também ampliar e diversificar a produção agro-pecuária, ainda muito deficiente. Outra questão a merecer as atenções oficiais e privadas se relaciona com a mão-de-obra, cada vez mais escassa e cara, particularmente nas cidades maiores. O custo da vida, em conseqüência dêsses outros fatôres, vem se apresentando em níveis altos no país, o que provoca de modo paradoxal um clima de ansiedade e inquietação popular. De modo paradoxal, diremos bem, porque é reconhecida a riqueza da Venezuela. O «Economist» de Londres classificou a conjuntura venezuelana de «prosperidade fenomenal» e o relatório da missão Paley, apresentado durante o ano passado ao presidente Eisenhower, salientou o «ritmo de progresso econômico e social quase sem paralelo» verificado naquela área do Hemisfério. Mas, apesar de tudo, não se formou ainda uma classe média no país (apenas aflorando, agora) o que estabelece uma linha social divisória violenta entre os muito ricos e os muito pobres. Tudo indica entretanto que, com as altas receitas conseguidas (Estado) e os lucros espetaculares do petróleo (emprêsa privada) seja intensificado o programa de obras públicas, na capital e no interior, que servirá para aliviar o clima de insatisfação e desajustamento social.

PETRÓLEO: MÁQUINA DE FAZER DÓLAR

A realidade marcante da economia venezuelana é que todo êsse ritmo de expansão se baseia no petróleo. Êsse o principal fator de prosperidade daquele país semi-colonial, rotineiro e pobre há vinte anos passados. De 1951 a 1953 as exportações petrolíferas representaram a média de 96% do valor das exportações totais da Venezuela. As divisas de origem petrolífera, de outro lado, que ingressaram no mesmo período, representaram em média 79% do total do câmbio que entrou. Cabe ainda ressaltar que as rendas fiscais oriundas do mesmo setor de produção constituíram em 1953 mais de 60% da renda global. Êsses números indicam objetivamente o que representou, financeiramente, o petróleo para a Venezuela.

O «Platt's Oilgram News Service» revelou recentemente que os «royalties» decorrentes da exploração do petróleo forneceram, no segundo semestre de 1953, 449.654.000 bolívares, ou sejam quase 9 bilhões de cruzeiros. A indústria do petróleo, portanto, é a grande máquina de fazer dólares (e outras divisas) que o pequeno país de 5 milhões de habitantes possui.

A VENEZUELA E O MUNDO

Através do petróleo, a Venezuela vem se projetando no mundo. América do Norte, América do Sul, Antilhas, Europa (12 países), Asia, Africa importam o cru e o refinado. O total das exportações em 1952 ultrapassou a cifra de 600 milhões de barris. E é expressivo observar-se que em 1952 o Brasil e a Argentina ocuparam o terceiro e o quarto lugares entre os maiores consumidores internacionais do petróleo da Venezuela. E no mesmo ano os Estados Unidos importaram 35,77% do total da produção.

A Venezuela, atualmente, ocupa o primeiro lugar como país exportador de petróleo e o segundo como produtor. As principais companhias concessionárias pertencem aos grupos: Royal-Dutch-Shell, Creole Petroleum Corp. e Mene Grande Oil Company. Recentemente estêve em Caracas os representantes de grupo petrolífero da França visando a obter concessões, principalmente na área de Barinas, onde foram feitas novas descobertas de petróleo pela Sinclair e Secony-Vacuum. As maiores emprêsas que operam na Venezuela são as seguintes: Shell Caribbean, Creole Petroleum, Phillips Petroleum, Eeastern Venezuela, Venezuelan Atlantic Refining.

Para 1952 os investimentos das companhias concessionárias foram estimados em mais de 2 bilhões de dólares e para 1953 êles atingirão a 3 bilhões. Sòmente a Creole Petroleum Corp. investiu em 1952 cêrca de 50 milhões de dólares. Mas a Shell Caribbean Petroleum Co. superou os investimentos da Creole com um total de US$ 91.000.000.

INTERCAMBIO COM O BRASIL

Conforme mencionamos anteriormente o Brasil é, em matéria de petróleo, o segundo cliente da Venezuela, precedido apenas dos Estados Unidos. Entretanto, o nosso intercâmbio comercial com aquêle país está sendo descurado. Em entrevista que mantivemos com o sr. Gutierrez, ministro do Fomento, essa autoridade (que já estêve no Brasil) demonstrou todo o interêsse em firmar um acôrdo comercial, que facilitasse uma troca de mercadorias mais ampla. Principalmente porque hoje o Brasil deve a Venezuela e se torna urgente estabelecer o equilíbrio da balança de comércio. Estêve aqui uma grande missão econômica venezuelana. Mas os entendimentos estão paralisados. Em ponto morto, diríamos melhor. Hoje em dia o govêrno venezuelano mantém uma política de portas abertas e o Brasil conta com vários artigos (produtos farmacêuticos, produtos de eletricidade, tecidos, etc.) que poderiam ser vendidos nos mercados da terra de Bolívar. Tem faltado, vamos ser francos, uma decisão nesse sentido. Fala-se na dificuldade de transporte. Mas se os cargueiros do nosso país tocam por vêzes em Curaçáo, por que não vão à La Guaira? Cumpre notar que há cinco anos passados o Lóide Brasileiro manteve serviços entre os nossos portos e La Guaira. Por que, ao intensificar-se o comércio entre os dois países, os serviços foram suspensos? São providências que exigem maior explicação a fim de que se entenda a política comercial do Brasil, ainda tão nebulosa e improdutiva.

Em virtude da previsão de aumento das compras de petróleo na Venezuela, as autoridades brasileiras estão na obrigação de enfrentar o problema das relações comerciais com êsse país com objetividade maior. Várias refinarias estão se instalando entre nós com o ôlho no petróleo venezuelano. E não é possível que não se estude uma fórmula de vendermos mais produtos brasileiros aos venezuelanos. Os mercados estão acessíveis e dinheiro não falta. O que falta mesmo é iniciativa de nossa parte. Precisamos estudar mais sèriamente o seguinte: 1) tipos de intercâmbio a serem adotados e mercadorias vendáveis; 2) representação bancária brasileira; 3) investimentos na Venezuela, à base de companhias mistas; 4) mais amplo intercâmbio cultural e técnico. Se o govêrno brasileiro não se entregar a fundo na análise dêsses pontos, possìvelmente dentro em breve teremos os banqueiros da Venezuela cobrando pùblicamente ao Brasil atrasados comerciais.

DISPOSIÇAO DAS AUTORIDADES VENEZUELANAS

Estamos informados de que as autoridades venezuelanas (Conselho de Economia Nacional, Ministério do Fomento, Companhia Venezuelana de Navegação) estão dispostas a estudar sèriamente uma solução para o caso. Os pontos em cogitação por essas autoridades são os seguintes: 1) Prolongar até o pôrto de Fortaleza o serviço de cabotagem da CVN atualmente mantido com o delta do Rio Orinoco; 2) Consignar a CVN parte do transporte de refinados; 3) Restabelecer os serviços do Lóide Brasileiro até La Guaira; 4) Adoção de um sistema de compensação ou «clearing» para o intercâmbio comercial; 5) Criação de uma agência do Banco do Brasil; 6) Organização de companhias mistas. Se o Brasil não aproveitar a oportunidade para intensificar suas relações com um dos países mais ricos do Continente, não sabemos francamente em que sentido se orienta a nossa política comercial.



Os tanques de depósito, no lago de Maracaibo, são um dos prodígios da engenharia a serviço da rendosa exploração petrolífera

Poucos atores dando conta de um repertório mundial

O RIO VAI CONHECER (apenas por três dias) O "PICOLO TEATRO" DE MILÃO

Reportagem de BRUTUS PEDREIRA



O diretor Giorgio Strehler durante um ensaio do «L'Oro matto», de Silvio Giovanninetti, uma das peças do vasto e importante repertório que o «Piccolo Teatro» apresentará no Brasil e na Argentina. Em tôrno do diretor, os atores participantes da comédia com as respectivas máscaras.



Uma cena do «Arlecchino servitore di due padroni», de Goldoni, outro número do repertório do «Piccolo Teatro» de Milão.

SÓFOCLES, SHAKESPEARE, GOLDONI, PIRANDELLO E BUZZATI CABEM PERFEITAMENTE NUM MINÚSCULO PALCO DE BRINQUEDO

NO dia 15 do mês corrente, o Rio conhecerá pela primeira vez — e por apenas três dias — o Piccolo Teatro da cidade de Milão. Fundado em 1947, constitui êsse conjunto, atualmente, o expoente máximo na Itália, e um dos mais categorizados, no mundo, da arte teatral moderna. As 60 peças que encenou na sua sede milanesa e as que levou em «tournée» a numerosos países europeus já firmaram definitivamente sua fama, definindo-lhe, ao mesmo tempo, a filiação espiritual.

TRADIÇÃO E TÉCNICA

Como se sabe, a renovação do teatro, em nossos dias, como concepção do modo de dar vida, no palco, às obras da literatura dramática, teve seus iniciadores na família dos Meininger, na Alemanha da segunda metade do século passado. Dali passou ela para a Rússia, graças a Stanislawski e Dantchenko e, posteriormente, para a França, sob o impulso quase religioso de Copeau, do qual descendem, em linha reta, não apenas os famosos quatro — Dullin, Pitoeff, Baty e Jouvet — mas, também, os recentes Jean-Louis Barrault e Jean Vilar. É nesse quadro geral que devem também colocar-se os grandes nomes da direção teatral germânica do nosso século — os Jessner, os Max Reinhardt, os Piscator — ou conjuntos famosos como o inglês Old Vic. Na Itália, a reforma chegou com atraso. As tentativas de um Niccodemi ou de um Bragaglia, antes da última guerra, nem sempre encontraram a indispensável compreensão da parte do público. E pode dizer-se que sòmente no após-guerra conseguiu impor-se sem restrições a tríade renovadora formada por Luchino Visconti, Orazio Costa e Giorgio Strehler. Êste último, justamente, é o fundador, com Paolo Grassi, do Piccolo Teatro de Milão e o ensaiador da quase totalidade dos seus espetáculos. A própria crítica teatral francesa, que não tem excessivos pendores para a complacência, ao julgar autores, atores ou diretores estrangeiros, quando teve de pronunciar um nome para definir, por analogia, o estilo teatral de Strehler, não hesitou em mencionar o maior de todos, na sua terra: o de Copeau. E o elogio deve ter sido realmente sincero: durante mais duas temporadas, após a primeira e curta visita de 1950, teve o Piccolo Teatro de exibir-se, cada vez mais demoradamente, na capital francesa.



SARAH FERRATI, a grande atriz italiana que é o maior expoente do «Piccolo Teatro», na sua viagem à América do Sul. A Ferrati interpretará «Electra», de Sófocles, «La moglie ideale», de Marco Praga e «Nostra Dea», de Massimo Bontempelli.



GIORGIO DE LULLO, outro artista famoso que o «Piccolo Teatro» trouxe ao Brasil. Êle será Marco Antônio na peça «Júlio César».

POR QUE APENAS TRÊS DIAS NO RIO?

Diante, pois, da importância do Piccolo Teatro de Milão no quadro do teatro mundial contemporâneo e do fato de ser esta a primeira vez em que êle atravessa o oceano para se apresentar em terras do novo continente, não seria absolutamente injustificada a pergunta, um tanto melindrada, do espectador carioca: por que essa companhia, que já se exibiu, durante quase um mês em Buenos Aires e, depois de alguns espetáculos em Montevidéu, permaneceu dez dias em São Paulo, dá um ar de sua graça, no Rio, apenas durante três dias?

Há uma explicação também para isso e quem conhece o que se passa nos bastidores está em condições de nos fornecê-la.

O primeiro país do continente americano que o Piccolo Teatro de Milão devia visitar, há dois anos, era o Brasil e a cidade para o início da «tournée» devia ser o Rio de Janeiro. Para isso, houvera explícito convite à organização da parte da Secretaria de Educação da Prefeitura. Mas, na ocasião, a vinda do Piccolo Teatro não pôde realizar-se, já que havia compromissos anteriores para uma série de espetáculos nos países escandinavos. Depois, houve por aqui mudanças políticas e não se falou mais no assunto. Êste ano, a iniciativa fôra da Comissão do IV Centenário de São Paulo: o Piccolo Teatro viria abrilhantar as comemorações da fundação da capital bandeirante. Mas, não se sabe bem por quais motivos, justificados ou não, a tarefa de contratar o Piccolo Teatro, a certa altura dos acontecimentos, foi confiada ao empresário Viggiani. Demoradíssimas foram as negociações, enquanto o Piccolo, aguardando que elas chegassem a uma conclusão, aceitava compromissos também para Buenos Aires e Montevidéu. E, depois, quando a vinda do Piccolo ao Brasil foi definitivamente acertada, interveio aquêle mal — incurável? — de que sofre o nosso teatro: a falta de casas de espetáculo.

Em São Paulo, depois de darem por paus e por pedras — o Municipal em obras, o Leopoldo Frois já cedido aos Artistas Unidos, o grande auditório da Cultura Artística com um palco tècnicamente impróprio — o secretário do Piccolo Teatro e o empresário conseguiram arranjar uma pequena sobra de dez dias, entre uma revista e outra, no Teatro Sant'Ana. E quando se tratou de ver o que podia fazer-se no Municipal do Rio, verificou-se que, salvo nos primeiros três dias da segunda metade de julho, o teatro já estava tomado por outras manifestações. Contra a vontade dos diretores do teatro milanês, o prazo de sua permanência no Rio terá mesmo de reduzir-se àqueles três dias, portanto.

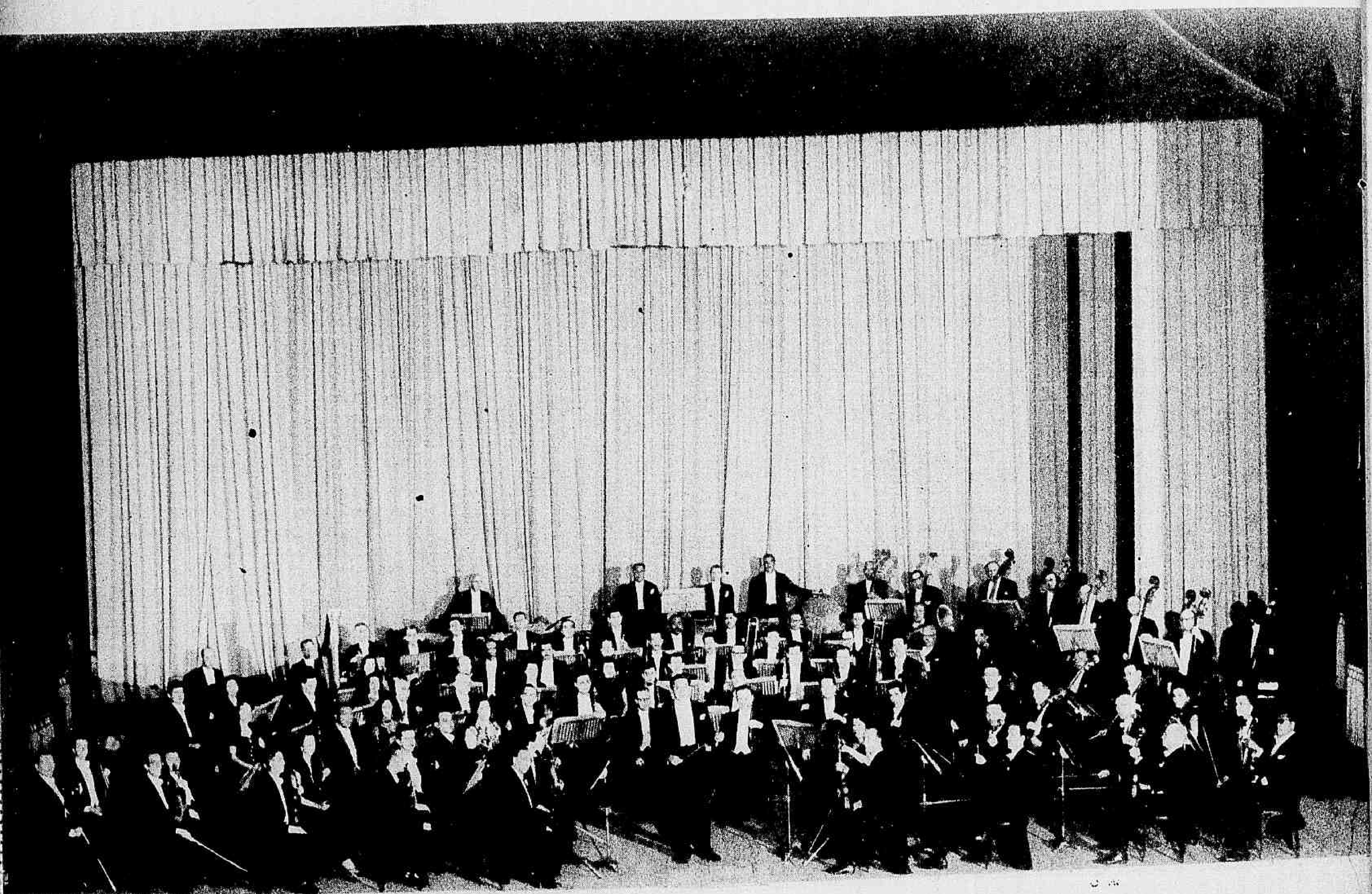
ATÉ SÓFOCLES NO REPERTÓRIO

O repertório que o Piccolo Teatro preparou para a sua «tournée» sul-americana compõe-se de 8 espetáculos, a saber: «Elettra», de Sófocles; «Giulio Cesare», de Shakespeare; «Arlecchino servitore di due padroni», de Goldoni; «La moglie ideale», de Marco Praga; «L'imbecille», «La patente» e «La giara», tôdas peças em 1 ato, de Pirandello; «Nostra Dea», de Bontempelli; «L'oro matto», de Giovaninetti; e «Um caso clinico», de Buzzati. No Rio, segundo tôdas as probabilidades — pois o programa não foi dado ainda a conhecer quando escrevemos estas linhas — serão apresentados «Arlecchino servitore di due padroni», com o extraordinário Moretti no papel do protagonista, e «Elettra», uma grande interpretação da primeira atriz Sarah Ferrati. O terceiro espetáculo deveria ser com Shakespeare ou com Pirandello.

E o mais recente repertório italiano? Ficará para outra vez. Todos os que tiveram ocasião de presenciar os espetáculos do Piccolo Teatro na Europa estão certos de duas coisas: que êle conquistará o nosso público e que, por isto mesmo, deverá voltar, mais cedo ou mais tarde. No que concerne ao problema do idioma, já que o italiano não é tão difundido, entre nós, quanto o francês, cumpre citar-se o que escreveu o crítico de «La nation belge», de Bruxelas, quando o Piccolo Teatro de Milão estêve naquela cidade, onde também não se fala italiano: «Raramente vi um público mais entusiasmado. Todos os atores, sem exceção, devem ser elogiados. Graças a êles, pela primeira vez em minha vida, **entendi o italiano!**»

ATÉ BREVE, O. S. B.!

A Orquestra Sinfônica vai ao Norte — A maior e a melhor — De Fortaleza a Boston



A Orquestra Sinfônica Brasileira está hoje completamente integrada na vida de cultura do Rio de Janeiro. Com seus 14 anos de trabalhos ininterruptos, ela como que faz parte da paisagem carioca. Aliás, não se poderia admitir que uma capital de três milhões não possuísse a sua Sinfônica, como tôdas as grandes metrópoles.

A MAIOR E A MELHOR

A O.S.B. é considerada atualmente não apenas a maior, como também a melhor orquestra, no gênero, em tôda a América Latina. Através de temporadas regulares, vem se exibindo no Rio, com êxito sempre crescente. São Paulo, Santos e Campinas têm tido o gôsto de aplaudi-la quase todos os meses. Agora, porém, ela vai mais longe, seguindo, em fins do mês passado, para o norte do país, até Belém. Sob a presidência do deputado Euvaldo Lodi, a OSB dêle tem recebido o melhor carinho, sendo mesmo apelidada «a menina dos seus olhos». Quanto ao seu direto artístico e Regente Titular, o maestro Eleazar de Carvalho, tudo tem feito para que caminhe ao lado das maiores orquestras do mundo.

CEARENSE INTERNACIONAL

Eleazar começou modestamente, em Fortaleza, tocando tuba na banda da Escola Naval. Lá um dia, deu-lhe aquela sêde de universo, tão dos cearenses, tomou um Ita no Norte... e veio «fazer» a Capital. Em 1936 (é o «Time» que agora nos conta) teve ocasião de tocar, no Rio, a Petroucka, sob a batuta do próprio Stravinsky. Logo após o espetáculo, o moço do Ceará, gelado de emoção, correu aos bastidores para pedir uma fotografia autografada. O maestro escreveu: «Pour le bon tuba». Passam-se 12 anos. Eleazar rege, então, a Sinfônica de Boston, na temporada de 1948. E chegou a vez de Stravinsky ir abraçá-lo, depois do espetáculo, exclamando:

— O que! O tocador de tuba dirigindo a Sinfônica de Boston!

"PAI JOÃO MENINO"

OTTO SCHNEIDER

● O poeta sabe que há miséria pelo mundo, e que nem todos são bons. Mas, sabe também que ninguém é mau porque quer, e que a riqueza do sonho jamais foi negada aos pobres e aos bons. Êle se nutre do sonho mágico da existência. É mágico êle mesmo, e na sua magia — que é como um carisma, o qual é dado, e jamais é aprendido — está o segrêdo da sua arte.

O poeta, no caso, é Wilson W. Rodrigues, grande contador de histórias infantis, que ingressou nesse gênero literário pelas mãos das crianças. Diz êle que os descobridores da sua vocação foram seus filhos Berenice e Júlio:

— A verdadeira razão, entretanto, creio ser outra. Nossa literatura infantil, às vêzes engenhosa e pitoresca, sofre de um mal comum: a ausência de poesia. E como eu sempre achei que a poesia é o miraculoso caminho que religa o adulto à inocência da infância, creio sobretudo que é a minha própria infância que acorda outra vez, e se põe a cantar... Quero, através dos meus livros, recuperar para as crianças o mundo perdido. Estou convencido de que só aos poetas é dado o privilégio de escrever para a infância.

Nasceu assim o seu ciclo de Pai João: o «Negrinho do Pastoreio», o «Pirá Nada Fundo», o «Curumi», o «Cantaclaro», «Vida e Sonho de Tatu Marambaia», o «Moleque de Pedra». Nasceram assim também os seus novos poemas: «Caboclo d'Água», que é o poema do São Francisco, o «Lobisomem», e um mundão de lendas.

— Hoje, convivo mais com essas entidades do que com a gente do mundo. Não escondo que me sinto feliz. Como o pastor, não tenho camisa. Basta-me o direito de sonhar...

Wilson Woodrow Rodrigues, ou simplesmente Wilson W. Rodrigues, é baiano. Nasceu na cidade do Salvador a 6 de julho de 1916. Pergunto ao poeta como foi que êle descobriu o seu caminho.

— Já lhe vou dizer. Mas, deixe-me explicar primeiro que o poeta é o grande enamorado do invisível. Por êsse amor ingressamos no mistério que está adormecido em tôdas as coisas — nas raízes, nas sementes, na poeira, no pólen, nos pingos, e em Deus... O mundo do sonho, embora esquecido — e muitas vêzes encoberto — é essa terra antiga. É necessário regressar a essas paragens, onde os mitos e as lendas esperam o poeta. O caminho para êsse mundo místico de minha terra eu o encontrei — e quem me indicou foi Joaquim Ribeiro, o folclorista. Êle me apontou o tesouro telúrico das nossas tradições. Perdi-me nesse mundo sem fronteiras, e nesse paraíso encontrei a minha predestinação de rapsodo dos mitos.

E acrescenta:

— Verdade é que êsse amor à traição levou-me à familiaridade com Andersen, Colodi, Selma Lagerloef, e com todos os outros que semearam um luar de poesia no raconto do povo.



Tôda a obra de literatura infantil de Wilson Rodrigues está sendo apresentada pela Publicitan Editôra que, ainda recentemente, lançou o extenso poema «Negrinho do Pastoreio», ilustrado pelo artista Gipson de Freitas. E agora, através da mesma editôra, chega-nos «Pai João Menino», um poema também, mas em prosa, de 116 páginas, que narra cêrca de 200 historietas, ou episódios, independentes em sua maioria uns dos outros. Mais uma vez é Gipson de Freitas a ilustrar o volume, inclusive a capa, interpretando com sensibilidade a magia poética do autor.

— Como sou irremediàvelmente poeta — diz-nos ainda Wilson Rodrigues — julguei poder servir a petizada do mundo. Sei que não errei o caminho.

Até fins de 1955 teremos provàvelmente tôda a obra de literatura infantil de Wilson Rodrigues em volumes uniformes.

Observa o poeta:

— É uma reação veemente contra o que podemos chamar de «impacto racionalista» — hoje, infelizmente, tão encontradiço em livros para crianças. Nesses livros infantis tão agradáveis aos pais quanto detestáveis aos pequenos, há uma terrível mutilação da infância, pois lhes roubaram o mundo do sonho que só a poesia pode revelar. A criança participa de dois mundos: a vida e o sonho. Sonegar um dêles é mutilar o espírito infantil...

—//—

Vamos citar alguns trechos de «Pai João Menino»? Sim, embora a escolha seja difícil. Arrancar episódios do seu ambiente próprio implica quase sempre numa distorção. Em todo caso, eis algumas das menores historietas do poeta das crianças:



VARANDA

Maria Negrinha e Pai João menino vieram correndo até a varanda. Não tinha ninguém. Mas a rêde estava armada para Sinhàzinha. Não precisaram combinar. Maria Negrinha deitou-se na rêde e pediu:

— Balança, João, balança.

Pai João menino começou a balançar num ritmo manso e bom, de cá para lá. Maria Negrinha satisfeita tornou a pedir:

— Balança assim mesmo. É bom. Até parece que a gente vai fugindo e que vai voltando...

CEM RODELAS DE CORTIÇA

O moleque ficou tão impressionado com a morte do Quiçambê que quis prestar uma homenagem ao dono do fogo velho. Enterraram-no ali no estirão da lagoa. Nem uma vela acenderam para a alma do Quiçambê. O padre proibiu até os cantos.

— Êsse negro tinha parte com o diabo, disse.

Pai João menino ficou indignado. Pois êle iluminaria tôda a lagoa. Sabia onde estavam os pavios e sabia também onde se guardavam as rodelas de cortiça. Era para a festa do Espírito-Santo que o Capelão encomendara tudo isso.

De noite, só se ouvia:

— Corre gente, a lagoa está acesa...

AS CAMPAINHAS DO SERAPIÃO

Sempre que Pai João menino ia ao rancho do velho Serapião, o tropeiro pedia que o negrinho ficasse balançando umas campainhas de prata que o velho guardava no rancho.

Pai João menino gostava de ficar escutando aquêle tlim, tlim, tlim, de maneira que nunca se preocupou por que o Serapião gostava de ouvir. Mas como Maria Negrinha queria saber a razão daquele tilintar, o moleque perguntou ao tropeiro. E o velho Serapião, segurando o seu cachimbo de barro, explicou:

— É para me lembrar... me lembrar das minhas longas viagens, da minha tropilha, de minha madrinha levadora dessas campainhas que iam tilintando pelas estradas dêste mundo de meu Deus...

LEMBRETE

Quando o moleque se aproximou do velho tropeiro que tirava baforadas no seu cachimbo, o sol caía de chapa sôbre a cabeça branca do Serapião, tornando-a um tufo de ouro. E a sua sombra projetava-se no terreiro. Olhando-a, Pai João menino indagou:

— Para que serve a nossa sombra?

E o tropeiro respondeu:

— É para a gente se lembrar de que existe...

RESPOSTA

Pai João menino estava todo ouvidos ao lado do Chico Tumba. O negro ia contar um caso, da fazenda do «Espera em Deus».

— Eu conheci êsse escravo. Êle ainda vive. Todo mundo tem mêdo dêle, porque o diabo do negrão só tem um ôlho no meio da testa. Êle é forte, mas não bate em ninguém. Eu mesmo não sei porque tenho mêdo dêle...

Um dia, um mulato, dêsses atrevidos que querem ser brancos, esbarrou nêle e disse:

— Ô negro você não tem vergonha de ter um ôlho só?

O negrão ouviu, olhou a mulataria e deu resposta.



— Bem feito — disse um negrinho.

— Qual foi a resposta? — perguntou Pai João menino.

— «Vergonha deve ter você, seu mulato, que tem dois olhos e vê duas vêzes a miséria da sua vida.»

Neste leito de ausência em que me
[esqueço
desperta um longo rio solitário:
se êle cresce de mim, se dêle cresço,
mal sabe o coração desnecessário.

O rio corre e vai sem ter começo
nem foz, e o curso, que é constante,
[é vário.
Vai nas águas levando, involuntário,
luas onde me acordo e me adormeço.

Sôbre o leito de sal, sou luz e gesso:
duplo espelho — o precário no
[precário.
Flore um lado de mim? No outro, ao
[contrário,
de silêncio e silêncio me apodreço.

Entre o que é rosa o lodo necessário,
passa o rio sem foz e sem começo.

Ferreira Gullar: "*A Luta Corporal*".

Por êsse Mundo de Deus

O próximo papel de Jan Sterling, em Hollywood, é o de uma «girl» do «strip-tease», aquêle ato de revista em que a atriz vai progressivamente tirando as roupas até ficar reduzida a um mínimo permitido pela censura. Mas Jan, não sabia fazer a coisa, de maneira que mandaram buscar na Rua 42 de N. York uma «professôra», para lhe dar lições. Na foto, ela e a mestra. O filme estreará em outubro próximo.



ANA VAI A HOLLYWOOD

Ana Magnani, a maior do cinema italiano, aparece na foto, em Roma, em companhia de Tenessee Williams, autor de «The Rose Tatoo», que «La Magnani» interpretará, num filme a ser rodado em Hollywood no próximo outono.





ACABOU NA METADE A REVOLUÇÃO NA GUATEMALA

Logo depois que os flagrantes acima foram apanhados, as coisas na Guatemala chegavam a um esquisito «desideratum»: renúncia do govêrno legal, assunção de uma Junta Militar, negociações para a formação de um govêrno de coalizão, etc. Arbenz, o presidente deposto



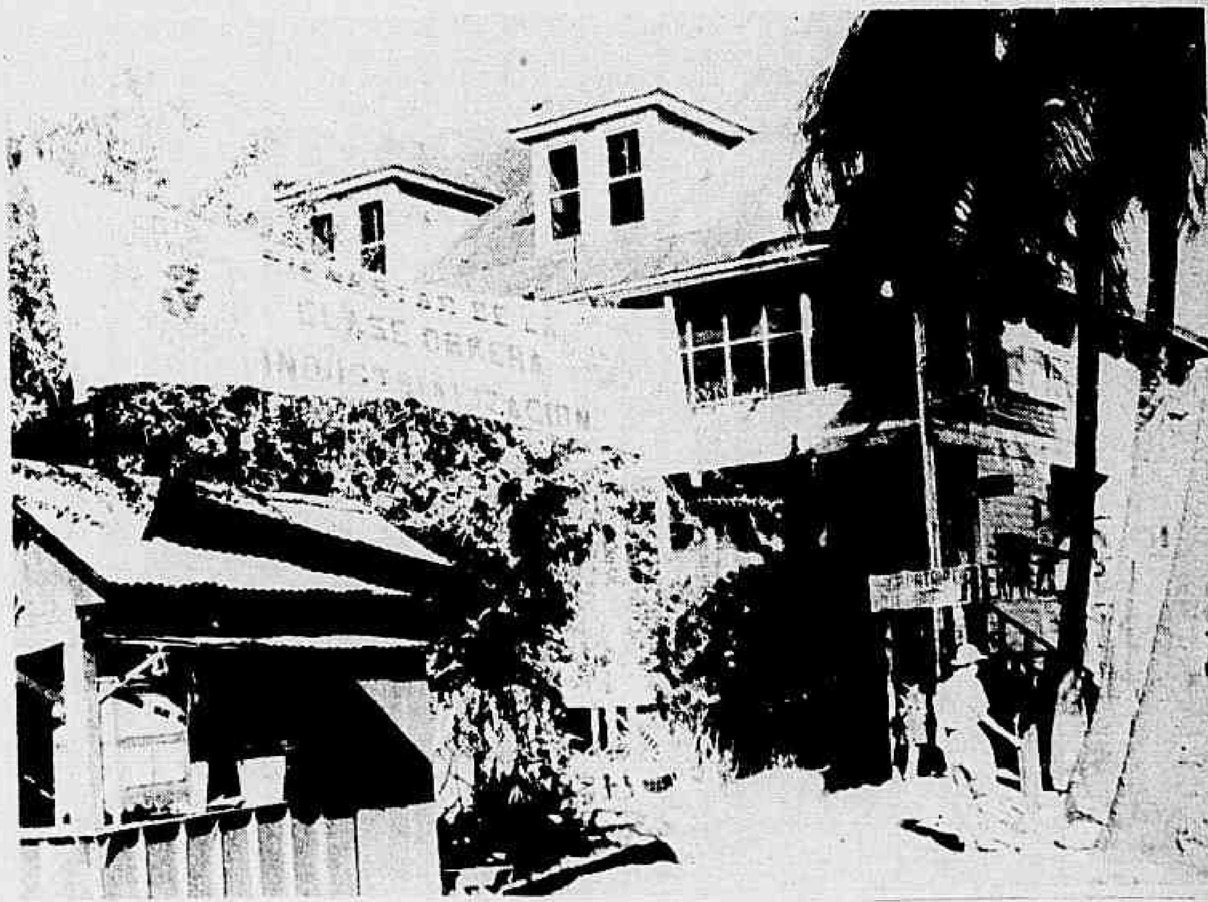




«MISS EUROPA» É LOURA E GORDINHA

Treze candidatas ao pôsto de «Miss Europa» desfilaram, na semana passada, no cassino de Vichy. A escolhida foi a representante alemã, que não manteve o título por ser... desquitada. A escolha, então, recaiu em Danielle Genault, francesinha de 19 anos, loura e robusta (v. foto à direita). Nas outras fotos: um flagrante do desfile das representantes européias e, em baixo, Miss Áustria e Miss Inglaterra banhando-se numa tépida e mansa piscina de Vichy.





vai emigrar: o Guilhermo Torrielo, em-ministro do Exterior, está refugiado na embaixada do México, na capital guatemalteca. E Dulles exulta. Nas fotos, da esquerda para a direita: o chefe rebelde, coronel Carlos Castillo Armas, em frente ao seu QG; tropas revolucionárias guardam o pôsto de comando de Castillo Armas; soldados rebeldes apanham suprimentos lançados de pára-quedas, e, finalmente, a sede local da United Fruit, o «trust» que foi o «pivot» da luta intestina. Agora as coisas estão serenas, nas ninguém, no entanto, poderá dizer por quanto tempo.

Inverno... Primavera... Verão...

3 estações do ano em que sua pele exige de você cuidados especiais.

ANTISARDINA...

3 fórmulas de creme cientificamente preparado para atender os reclamos da cútis feminina em tôdas as estações do ano



Antisardina

3 escudos para proteger 3 vezes mais a pele feminina contra as intempéries que tanto mal causam ao frescor e beleza da mulher —

USE, POIS, os 3 tipos de ANTISARDINA e prolongue 3 vezes mais a sua juventude e beleza

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc.
ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados





M A R I A

(Cont. da página 30)

escravos e libertos, ocupavam uma das portas. Não havia mais do que duas flautas de taboca, um tambor improvisado, dois «alfandoques» e um pequeno pandeiro. Mas as finas vozes dos negrinhos entoavam os cânticos com tal maestria; havia em seus cantos emotiva combinação de melancólicos, alegres e ligeiros acordes; os versos que entoavam eram tão simples, que o mais culto artista teria escutado em êxtase aquela música semi-selvagem. Penetramos na sala com as nossas capas e chapéus. Bailavam naquele instante Remígia e Bruno; estava vestida com lindo modêlo de bolero azul enfeitado de flores vermelhas, camisa branca bordada de negro, colar e argolas cor de rubi, a dançar com a maior elegância e donaire que eram de esperar-se de seu talhe esbelto. Bruno, com sua manta de linho dobrada sôbre os ombros, calção de vistoso tecido de algodão, camisa branca engomada e um «cabiblanco» novo à cintura, sapateava com admirável destreza.

Passada aquela «mão», que assim chamam os camponeses a cada número de baile, tocaram os músicos o seu mais belo «bambuco», porque Julião lhes anunciou que era especial ao patrão. Remígia, animada pelo marido e pelo dirigente do pessoal, se resolveu, por fim, a dançar por alguns momentos com o meu pai. Mas aí não se atrevia a levantar os olhos, e seus movimentos na dança eram espontâneos. Retiramo-nos ao cabo de uma hora.

(Continua no próximo número)



COM ÊLE EM CASA É MUITO FÁCIL GANHAR

Cr$ 1.000,00...

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA»

DOMINGO NO "O RADICAL"

SEGUNDA-FEIRA NO "CORREIO DA NOITE" e "O MUNDO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

VENDAS PARA O INTERIOR DO PAIS

PEDIDOS AOS REVENDEDORES:
Telefones: 32-9309 e 32-9415
Av. Rio Branco, 137 - sala 616
RIO

O PAPEL DO SAPS NA EDUCAÇÃO ALIMENTAR DO NOSSO POVO

Vem o SAPS realizando, com pleno êxito, uma campanha de educação alimentar, com o objetivo de ensinar e esclarecer o povo sôbre os mais importantes problemas da alimentação. Êsse esfôrço do SAPS, no sentido de mostrar a verdadeira significação para a saúde de uma alimentação racional, baseada nos mais modernos princípios da ciência da nutrição, reveste-se do mais profundo alcance social e econômico.

Sintetizando a sua política alimentar no «slogan» — **Um homem bem alimentado vale por três** — o SAPS bem demonstra a repercussão e a benéfica influência que uma alimentação sadia tem no organismo humano.

Sem qualquer sentido demagógico, a campanha educativa do SAPS exprime o dever do Estado de alertar a coletividade para aquilo que lhe é mais premente.

É essa campanha avulta, sem dúvida, de significado, se levarmos em conta o desenvolvimento que vêm ganhando, dia a dia, os serviços assistenciais da instituição, sobretudo a sua rêde de restaurantes destinados a proporcionar ao povo alimentação a baixo custo e dentro dos mais sadios princípios nutritivos. Hoje o SAPS pode apresentar uma cadeia de restaurantes populares, que se estende por quase todo o país, fornecendo dezenas de milhares de refeições diárias a trabalhadores de tôdas as categorias.

É justo, portanto, que, a par dessa tarefa de tão profunda significação, procure o SAPS levar ao público em geral os ensinamentos que ministra pràticamente em seus restaurantes, aos trabalhadores, mostrando como se deve organizar um cardápio ou porque se deve comer êsse ou aquêle alimento dentro das possibilidades aquisitivas de nossa população. Êsse trabalho educativo, o SAPS tem desenvolvido diàriamente, através de sua Divisão de Propaganda, utilizando-se dos largos recursos da imprensa, do rádio e do cinema, numa incansável batalha cujos efeitos já se fazem sentir com a maior e melhor compreensão da unanimidade do povo brasileiro. Ensinar a comer bem, dentro dos postulados da ciência da nutrição e tendo em vista as possibilidades econômicas de cada um, essa a tarefa ingente a que se propôs o SAPS, para bem desempenhar-se de suas responsabilidades nas diretrizes de uma sadia política alimentar. Veja-se, portanto, nessa cruzada que está sendo levada avante com decidido empenho, um verdadeiro trabalho de construção em prol do progresso do Brasil.

JOAN MOSTRA AS PERNAS..

TEDDY

● Houve controvérsias quando Joan Crawford deu entrevista em Hollywood colocando o caso «Marilyn Monroe» nos seus devidos têrmos. Para os mais apaixonados fãs da loura e escultural artista, Joan não era indicada para tocar no assunto. Era uma atriz de inegável talento dramático referindo-se a uma jovem que fôra elevada ao «estrelato» ùnicamente pelos (também inegáveis) atributos físicos. Formou-se então uma torcida muito rouca e fanática do lado de Marilyn contra Joan, esquecendo-se quase todos que a excepcional intérprete dos dramas hollywoodeanos havia, no passado, penetrado na Sétima Arte pelos mesmos atributos físicos... Joan, podia, portanto, falar sôbre Marilyn e dizer o que pensava. Falava com autoridade.

Parece que os comentários chegaram aos ouvidos da «estrêla» e não se fazendo de rogada, ela aceitou (para nossa sorte) aparecer numa película mostrando suas encantadoras pernas, evidenciando uma perfeição de linhas também encontrada na plástica admirável de Marilyn Monroe. Uma diferença ficou evidente: Joan era mais atriz, enquanto que Marilyn deveria contentar-se com um par de anos para maior experiência como intérprete. Fenômeno típico de Hollywood, Marilyn não tem culpa que sôbre ela se formem tantas ondas e que sôbre sua vida se inventem tantas mentiras. É o tributo de uma glória mais preparada, do que real. Somos dos que admiram a plástica de Marilyn Monroe, porém jamais nos deixaremos ofuscar por sua beleza e naturalidade, para esquecer que um pouco de realidade não lhe ficará mal. Ajudará, e muito, a enfrentar os duros dias de amanhã quando a plástica fôr menos sensacional e quando a arte deverá ser mais completa. Melhor resposta nessa querida Joan Crawford não poderia dar aos fãs marilynescos que ùltimamente se atiram sôbre os que falam a verdade sôbre seu ídolo, com uma fúria injustificada. Apesar do que possam dizer ou fazer, não conseguirão, jamais, esconder a verdade. Joan provou, mostrando as suas pernas. E que pernas!



SEREIAS DO CINEMA — Ela parece, mas não é Rita Hayworth. Chama-se Mary Castle e por causa da semelhança e da admirável plástica está fazendo carreira em Hollywood, sendo mesmo uma de suas mais encantadoras sereias...

CINEMA BRASILEIRO

● A Atlântida adiou as filmagens de «Colégio de Brotos» e ainda não marcou a data para início daquela produção na qual tomará parte Oscarito.

● Causou espécie nos meios do cinema brasileiro a escolha de um diretor argentino para realizar um filme sôbre Francisco Alves.

● Fala-se com insistência que Cyll Farney, que se encontra filmando na Alemanha as cenas finais da co-produção brasileiro-germânica, ao regressar casará com Fada Santoro. Por sua vez, Fada não afirma coisa alguma a respeito...

● A Kino Filmes anunciou que Cavalcânti está negociando suas produções «Canto do Mar» e «Mulher de Verdade» para exibição no estrangeiro.

● A Vera Cruz continua não dando sinal de vida. Comenta-se que a produtora de S. Bernardo do Campo aguarda as resoluções da Comissão Especial de Cinema do M. da Educação para voltar à sua atividade normal. Porque, ninguém sabe...

● Silveira Sampaio deu entrevista revelando que seu filme inédito «As Sete Viúvas do Barba Azul» está no laboratório aguardando oportunidade para ser copiado. Boa notícia.

● Na série com Ankito, novo cômico do cinema brasileiro, a Cinelândia Filmes prepara-se para realizar «O Mata Mosquito». Direção de Eurides Ramos.

● J. B. Tanko deverá dirigir para a Atlântida «Homens de Lama», com José Lewgoy, Inalda e Miriam Moema.

● No Clube de Cinema, Oscarito, Fada Santoro e Grande Otelo plasmaram no gêsso suas mãos.



A VOLTA DE CAROLINA — Martine Carol, sua irresistível simpatia e o seu inegável «charme» voltam na continuação do sucesso de «Caroline Cherie»: «O Filho de Carolina», cheio de malícia como convém a um filme francês...



A PALAVRA DEMAIS... — O diretor George Seaton, que aqui é visto discutindo uma cena de «The Country Girl» com William Holden, telegrafou ao «astro»: «Aquêle terceiro «thank you» foi supérfluo». Bill disse isso na festa do Oscar...

MEXERICOS

Hollywood tôda comenta curiosa que a jovem Allison Hayes — da alta sociedade de Washington — deve ser mesmo alguma coisa **do outro mundo!** Contratada pela Universal para uma carreira cinematográfica, Miss Hayes teve 5 de seus 6 fotos apreendidas pelos censores do «Johnston Office»...

★

Kirk Douglas declarou em New York que está em entendimentos com Deborah Kerr para fazê-la sua companheira no filme «The Shadow», que êle planeja produzir e «estrelar» muito breve. Deborah encontra-se nos palcos da Broadway representando a peça «Tea and Simpaty», cujo delicado tema vem provocando protestos de tôdas as legiões de decência do país...

★

Dizem que George Sanders ao ser «desprezado» por Zsa Zsa Gabor, vingou-se fazendo a côrte a Corinne Calvet, que já foi a maior inimiga da artista húngara. Como na ocasião das «investidas» românticas de George, Corinne andasse de rusgas (fortes) com o marido, John Bromfield, tôda Hollywood pensou que o romance pudesse se concretizar, e naturalmente a cidade inteira ansiou ver o que aconteceria, sabendo tôda gente do que Zsa Zsa é capaz quando se enfurece...

★

A irmã de Marlon Brando, Jocelyn, realizou o seu maior sonho quando foi contratada pelo cinema. É preciso dizer que Marlon não moveu um dedo para isso, porém não foi por desinterêsse; desejava que a irmã vencesse pelo próprio esfôrço e dêsse modo poderá dar maior valor ao seu triunfo. Bem pensado, não acham?

FLASH EUROPEU

O FILHO DE CHAPLIN VAI CASAR...

Casamento cinematográfico é o que se poderá chamar ao ato que se realizará na Alemanha com a participação de Charlie Chaplin Júnior e a atriz norte-americana Susan Cook. Ambos escolheram um lugar pitoresco e ótimo cenário para um filme...

ORIGINALIDADE DE JEAN COCTEAU

O espírito excêntrico de Jean Cocteau sempre se fêz sentir no cinema. O famoso homem de teatro e cinema vem de realizar um filme com cinco personagens, interpretados respectivamente por Jean Marais, Jossete Day, Yvonne de Bray, Gabrielle Dorziat e Marcel André. Título da película: «O Pecado Original».

CINECITTA AUMENTA DE TAMANHO

Com a inauguração de seu estúdio número 15, Cinecittá, em Roma, celeiro de filmes italianos, tem maiores possibilidades para produções cinematográficas. A medida veio em boa hora, pois com a expansão dos filmes italianos pelo mundo, mais um estúdio auxiliará muito.

ÚLTIMOS FLAGRANTES

Edwige Feullere tem excelente papel em «A Emigrante», dramático argumento ★ Vera Molnar é a «estrêla» do filme «Sonho Colorido», em Agfacolor. ★ Dawn Adams, atriz inglêsa, debutará no cinema italiano em «Uomini Ombra», de Francesco Roberts.

ROBERT TAYLOR reencontra o amor:

"AS MULHERES AMERICANAS





Durante 11 anos Barbara e Bob formaram o casal apontado como o «mais perfeito» de Hollywood, apesar da divergência de temperamentos. Barbara tomou um vastíssimo pileque ao vê-lo casado novamente...

Quando a correspondente Dorothy Shaw encontrou Robert Taylor e Ursula Thiess no banquete anual da Associação dos Correspondentes Estrangeiros já se tinha como certo que se casariam, embora as más línguas afirmassem o contrário a êsse respeito...

O galã mais popular do mundo revela porque se divorciou de Barbara Stanwick e as razões que o levaram a desposar a alemã Ursula Thiess ★ Supostos "romances" e comparções do "astro" ★ Barbara toma um pileque no dia do casamento de Bob com Ursula... ★ "Sou um sujeito fora de moda!"

Por DOROTHY SHAW — Fotos Press Cinema

SÃO PÉSSIMAS ESPÔSAS"

DESDE o seu divórcio de Barbara Stanwick em 1950 — o qual pôs fim ao casamento mais perfeito de Hollywood e que já durava 11 anos — Robert Taylor iniciou a procura de um novo amor.

— Ao contrário de Garbo, nunca quis ficar sòzinho! — declarou-me êle quando nos encontramos na Metro poucos dias após o seu casamento com a atriz alemã Ursula Thiess. Uma curiosidade, porém, com relação a Bob Taylor é o fato de jamais ter êle se interessado por outra mulher americana desde a separação de Barbara, com exceção de um breve e pequeno «caso» com Eleanor Parker, que se atribui mais à publicidade. Pergunto-lhe por que essa tendência pelas européias e êle responde tecendo, primeiro, um elogio à ex-espôsa:

— Barbara constitui uma exceção porque possui uma inteligência rara e é uma criatura compreensiva, que se adapta a qualquer circunstância, menos a que a prive da sua liberdade. Contudo, de u'a maneira geral, as mulheres americanas são péssimas espôsas! As razões? Emancipação econômica, liberdade em demasia e um senso de independência que magoa os maridos... Asseguro-lhe que 99% das minhas compatriotas usam tôda a sorte de mistificação para conquistar um homem, enquanto que o restante 1% tenta descobrir êsses processos... A «arma» empregada em tais «assaltos» é usar o máximo de feminismo (que absolutamente não possuem!) e nos fazer sentir «importantes»... antes do casamento. Depois, começa a luta pela igualdade e é aí que sobrevem o divórcio!

Robert Taylor sempre teve idéias conservadoras. Um dos galãs mais famosos do mundo — provàvelmente o nome mais conhecido das mocinhas românticas — êle nunca foi, porém, um D. Juan hollywoodiano. Seus casos amorosos foram pouquíssimos e o único sério terminou em casamento. Êle adora pilotar o seu avião particular; Barbara detesta voar. Bob é quieto e reservado; Barbara gosta de festas e multidões... No entanto durante 11 anos êles souberam abafar tôdas essas diferenças. O conflito sobreveio quando Bob seguiu para Roma sòzinho, a fim de filmar «Quo Vadis?» nos estúdios de «Cinecittà». Ao travar conhecimento com as mulheres européias e começar a fazer comparações, êle chegou à conclusão de que o seu casamento estava errado... Barbara embarcou para a Itália para tentar salvar o matrimônio, mas já era tarde demais! Disseram que Bob estava apaixonado por uma atriz italiana que fizera uma «pontinha» em «Quo Vadis?», depois deram como certo o «romance» com a bailarina Ludmilla Tcherina, mas, na verdade, não era outra mulher que o afastava de Barbara, e, sim **as européias** de u'a maneira geral.

— Foi como se eu nunca tivesse conhecido realmente o sexo feminino... e as mulheres se me revelassem pela primeira vez como um ser raro, digno de um pedestal! — disse-me Robert Taylor, apressando-se, porém, a acrescentar que deve haver exceções nos Estados Unidos, apenas... êle não teve a sorte de deparar com uma delas.

Pergunto-lhe exatamente o que sentiu quando teve o primeiro contato com uma européia. Taylor pensa um pouco e coça a cabeça.

— Bem, a minha visita em 1949 à Europa não foi a primeira. Eu estivera na Inglaterra há 15 anos atrás filmando «Um Ianque em Oxford», mas era, então, muito jovem e estava demasiado preocupado com a minha carreira para me dedicar a problemas sentimentais...

— Então o êrro foi de Barbara ter deixado você ir sòzinho a Roma, Bob?

O astro sorri:

— Talvez... Mas o que a européia nos faz sentir é que somos mais másculos, mais nós mesmos. E conforme tive ocasião de observar, ao invés disso cessar com o casamento é ainda mais acentuado. «Don't get me wrong!» Não pretendo ter uma espôsa como escrava. Acho apenas que o homem deve ser o cabeça do lar e que se veja tratado com o respeito que tal posição merece.

Ao que tudo indica, Bob Taylor encontrou em Ursula Thiess todos êsses requisitos. Ela é a belíssima atriz alemã que Howard Hughes trouxe a Hollywood há dois anos atrás. Considerada na Europa «A mulher mais linda do mundo», Ursula não teve «chance» de provar o seu talento de boa atriz. Mas é u'a mulher inteligente e possuidora de grande «charme», além de incrível beleza emoldurada pelos seus olhos verdes, tez clara e cabelos negros.

Ursula Thiess conquistou o coração de Robert Taylor logo no primeiro dia em que se conheceram — por sinal durante um almôço da Associação de Correspondentes Estrangeiros em Hollywood. Desde então tornaram-se inseparáveis. Quando lhe perguntavam, porém, se pretendiam casar-se logo, ambos davam a mesma resposta: «Não sabemos. Somos divorciados e só tentaremos novamente quando tivermos a certeza de que será para sempre». Ursula fôra casada na Alemanha com um produtor de documentários cinematográficos, do qual tivera um casal de filhos, atualmente com 8 e 10 anos. Com as crianças na Alemanha e ela tentando a carreira aqui, julgava-se difícil a sua união a Taylor. E quando êle foi novamente à Europa filmar «Ivanhoe» e «Cavaleiros da Mesa Redonda», as más línguas murmuraram que Ursula o havia perdido... Mas a prova da personalidade da bela alemã patenteou-se quando se soube que, em Londres, Bob Taylor só ia do estúdio para casa e vice-versa, jamais sendo visto em companhia de outra mulher. Em Hollywood, porém Bob surpreendeu a todos, passando a sair com a não menos bela Eleanor Parker, «leading-lady» do seu filme «O Vale dos Reis», que seria filmado no Egito. Os cronistas ávidos de sensações alinhavaram logo um novo «romance» para Bob, profetizando que êle e Eleanor se casariam na terra das pirâmides. Mas, a equipe da Metro seguiu para Cairo e Suez, sem que nada acontecesse entre o «astro» e a «estrêla» do filme e, ao cabo do mesmo, Taylor compareceu com Ursula ao banquete anual dos correspondentes estrangeiros, enquanto que Eleanor Parker surgia pelo braço de Gilbert Roland e a própria Barbara Stanwick, ex-espôsa de Bob, sentava-se à mesa vizinha, causando uma daquelas situações triangulares tìpicamente hollywoodianas... Taylor foi premiado, então, como **o «astro» mais popular do mundo inteiro** (Marilyn Monroe ganhou entre as «estrêlas») e coube a Eleanor Parker entregar-lhe o «Globo de Ouro» que simbolizava a imprensa internacional. Assim agraciada pela suposta namorada, aplaudido delirantemente pela ex-espôsa e olhado carinhosamente por Ursula, Bob Taylor estabeleceu as suas comparações e «made-up his mind», como dizem os americanos. E logo depois anunciava o seu noivado oficial com Ursula Thiess. Um homem sossegado e quase anti-social, Taylor evitou, porém, festas e pompas, desposando Ursula numa cerimônia simples a bordo do iate de um seu amigo. Dizem, porém, que ao saber do novo casamento de seu ex-marido, Barbara Stanwick tomou um verdadeiro **pileque.** A verdade é que provando a sua teoria de que as européias dão melhores espôsas, Robert Taylor não humilha a mulher americana, como pode parecer à primeira vista. Apenas, como êle mesmo afirma:

— Eu é que sou um sujeito fora de moda, «old fashioned» e esquisito... e tive a sorte de encontrar uma criatura como Ursula que está disposta a me tolerar para o resto da vida.



De cima para baixo: Robert Taylor e Eleanor Parker quando filmavam no Egito; Bob e Ursula, no seu primeiro retrato oficial após o casamento; e, finalmente,



Barbara Stanwick, em companhia de William Holden e Louis Calhern, num flagrante recente, quando da filmagem de «Executive Suite», estrelado pelos três.



Grande edição extra da REVISTA DA SEMANA

● Aguardem a edição especial da REVISTA DA SEMANA sôbre o primeiro centenário da instituição da engenharia ferroviária no Brasil, tôda em ótimo papel couchê, fartamente ilustrada, contendo, além de considerável matéria histórica e estatística atualizada, interessantes e substanciosos trabalhos literários sôbre o **trem de ferro** no FOLCLORE, no CONTO, no ROMANCE, nas ARTES PLÁSTICAS, na ANEDOTA, na POESIA MATUTA, na POÉTICA MODERNA, na MÚSICA POPULAR, na CLÁSSICA, reportagens com ferroviários e variadíssimo texto acêrca do **trem de ferro** na atualidade, tanto no Brasil como no estrangeiro.

Uma realização da REVISTA DA SEMANA

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. "BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº........

NOME..............................

RUA.......................... Nº.....

CIDADE............................

ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

PUXE PELO CÉREBRO

Respostas do número anterior

1 — Estevam II ★ 2 — Morretes ★ 3 — Cidade do sol ★ 4 — Casa vermelha ★ 5 — Guilhotinado ★ 6 — Henrique IV (Rei de França) ★ 7 — Eça de Queiroz ★ 8 — A Rabelais ★ 9 — Manaus ★ 10 — La Rochefoucauld ★ 11 — Riso ★ 12 — Benjamim Constant ★ 13 — Escarpologia ★ 14 — 1759 ★ 15 — No Canadá.

★

Respostas dêste número

1 — Francisco Manoel do Nascimento ★ 2 — Santo Inácio de Loiola ★ 3 — 89 anos ★ 4 — Em memória da conquista de Ceuta ★ 5 — Pérsica ★ 6 — A morte de Camões ★ 7 — Anita Garibaldi ★ 8 — Laguna ★ 9 — Barbacena ★ 10 — Castro ★ 11 — Moeda grega ★ 12 — Enviado ★ 13 — Campos (E. do Rio) ★ 14 — Paraíba ★ 15 — Moreira de Vasconcelos.

Flash Paulista

HÉLIO ABREU

● A DESMORALIZAÇÃO DO REVÓLVER — Consta ser do pensamento do deputado Cid Franco, da Assembléia de S. Paulo, fazer chegar à mesa daquela Casa um requerimento coibindo o uso de armas pelos srs. parlamentares. Um dos mais fortes argumentos do deputado Cid Franco em favor do projeto, é aquêle que revela a inutilidade de armas de fogo em mãos de deputados, uma vez que no ano de 1953 nada menos de 175 representantes do povo sacaram (em todo o Brasil) «paus de fogo» sem que fôsse disparado um único tiro. Afirma ainda o sr. Cid Franco que está mais que completada a desmoralização do revólver em nosso país.

● O ANIVERSÁRIO do «Correio Paulistano» (valente trincheira da democracia em S. Paulo) fêz com que o Clube dos Diretores e principais redatores de jornais realizasse na capital bandeirante uma das suas reuniões. A imprensa carioca estêve representada pelo que tem de melhor.

● O EX-SECRETÁRIO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, sr. Roberto Alves, cidadão que muitos julgavam morto e enterrado desde o incidente com o sr. Lourival Fontes, parece ter fôlego de gato. Uma fonte muito chegada ao Catete nos contou que o sr. Getúlio Vargas não toma o café da manhã sem perguntar antes por êle.

● ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE LUCAS GARCEZ. Sob esta denominação acaba de surgir na capital da República uma entidade que, segundo os seus fundadores, tem por objetivo difundir as idéias democráticas do governador de São Paulo. O seu presidente é o sr. Ramá Cezar, próspero corretor de imóveis no Distrito Federal, até agora apolítico, e que dizem possuir um passado capaz de resistir uma investigação do próprio Carlos Lacerda, que é o maior levantador de biografias da atualidade.

● UM RECENTE LEVANTAMENTO sôbre o número de telefonemas que recebem (diàriamente) alguns homens de negócios de São Paulo acusava uma média de 250 para Waibo Chamma, Roxo Loureiro, Ermelino Matarazzo e João di Prieto, vindo logo em seguida, com cêrca de 200, os senhores Fúlvio Morganti, Luís Roberto Vidigal e Assis Chateaubriand.

● PARA O BAILE DE MÁSCARAS a ser realizado após o encerramento da votação do projeto 336 (suborno) a deputada Conceição Santamaria (que continua atriz) endereçou convites a diversas pessoas da «sociedade» bandeirante. Dos convites expedidos, cêrca de 50 já foram respondidos com um «sim». Por falar no baile da d. Conceição, é interessante contar que o deputado Martinho de Ciero adquiriu para o «arrasta-pés» uma linda fantasia de camondongo Mickey.

● O SR. NILO AMARAL, Secretário de Viação de Garcez, estêve inspecionando a estrada São Paulo-Paraná, no trecho conhecido por Banhado Grande. A atitude do titular da Viação deveu-se, em primeiro lugar, a verificação «in loco» dos trabalhos de ampliação de pista e atêrro que estão sendo levados a efeito pelo setor sob o seu comando. Em segundo, a fim de desmascarar a oposição que alardeava o bloqueio de dois mil caminhões da referida região. Para o seu gaudio pessoal, encontrou o sr. Nilo Amaral apenas 9 veículos retidos. E' que o trânsito já havia sido desviado para a estrada de Ourinhos, um pouco mais longa, porém capaz de oferecer, como vem oferecendo, condições de trânsito em qualquer época do ano.

● O CINEMA MARABÁ, uma das melhores casas de São Paulo no gênero, vem oferecendo a seus freqüentadores ótimos espetáculos extra programa. E' que certa emprêsa cinematográfica de São Paulo faz exibir ali filmes de propaganda política do sr. Ademar (Pereira) de Barros, películas cujo narrador (talvez por culpa da má redação) não tem sabido se mostrar a altura do público freqüentador. Assim tôda vez que o chefe populista aparece em cena o «pau come» na tela e no recinto...

NOVAS PERSPECTIVAS para o cinema nacional acabam de sugir com o recente apoio dado pelo sr. Orozimbo Roxo Loureiro ao sr. Fernando de Barros. Ambos constituíram uma sociedade para planejamentos e distribuição de filmes.

● O PÚBLICO TOMOU CONHECIMENTO, através de publicação feita na imprensa paulista, das notas recebidas pelo sr. Jânio Quadros quando cursava o 4º ano primário, em Mato Grosso. Vamos transcrevê-las aqui, para o gaudio de uns e gladio de outros: «GRUPO ESCOLOR D. PRUDENCIANA Cidade de CAMPO GRANDE. Estado de MATO GROSSO. Nome JÂNIO QUADROS. Idade 16 anos. Exame prestado em presença do inspetor NICOLAU ARGAMASSA. Notas recebidas: português 6, geografia 2, matemática 1, comportamento 0 (zero), prendas domésticas 10, desenho 3 1/2, direitos e deveres 0 (zero).

CASOU-SE O FILHO DO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA

"FROM HERE TO ETERNITY" FÊZ TÔDA CLASSE DE SUCESSO

PETER

● No instante em que escrevo esta coluna, a srta. Vera Tavares já se casou no civil com o sr. Manoel Vargas, filho do sr. presidente da República e sra. Darcy Vargas. A cerimônia foi simples e a ela só compareceram familiares e pessoas íntimas dos noivos. Depois do ato, foi estourado um champanhe, na mais completa intimidade.

Para o casamento religioso, porém, foram expedidos 3 mil convites, tudo dentro do mais rígido protocolo social. A Igreja da Candelária ficou superlotada e o trânsito em volta ficou daquele jeito que nós sabemos. Os noivos tiveram perto de 40 padrinhos e a noiva estava muito bonita. Compareceram quase todos embaixadores acreditados na nossa Capital, muitos parlamentares, Sociedade, tanta gente como eu acredito que a Candelária nunca tenha visto. A cerimônia foi imponente e bonita, tendo o sr. e sra. Getúlio Vargas recebido os convidados no Palácio do Catete.

SOLDADOS EM SOCIEDADE

Constituiu um acontecimento social e de bom gôsto artístico a projeção da comovente história dos soldados, em «avant-première», «From Here to Eternity». Convidados pelo sr. Harry Stone, compareceram os casais: Otávio Guinle, senador Artur Bernardes, Príncipe Don João, Eugênio Lage, Fernando Delamare, Ribeiro Dantas, Paulo Sampaio e as srtas. Ana Rosa Lemos Lessa, Dora Teixeira e Dóris Junqueira. O próximo filme que o sr. Stone passará chama-se «Litle boy lost», e terá como autor principal Bing Crosby que, seguindo o exemplo de Sinatra, também não cantará. Trata-se da comovente história de um menino perdido em Paris. Esperemos.

LEITE & RAPOSO

Próxima quinta-feira, na Igreja da Candelária, celebrar-se-á o casamento de Luís Felipe Raposo e Rachel Rudge Leite, filhos dos casais Nilo Teixeira Raposo e Antônio Leite. Após a cerimônia religiosa, os pais da noiva receberão em sua residência. Depois daremos uma nota mais detalhada da recepção.

CLUBE DOS CAIÇARAS

O clube dos Caiçaras elegeu os novos membros da sua administração. Ficou determinado: presidente do Conselho Deliberativo, sr. Jurandir Lodi; comodoro, sr. Raphael de Sousa Paiva; vice-comodoro, sr. Joel de Carvalho e diretor social, sr. Aderbal Carneiro Ribeiro. O clube de Ipanema e Lagoa escolheu muito bem.

MARIA LÚCIA DEBUTOU

Em São Paulo, nos salões do Automóvel Clube, no dia 5, houve bonita festa em comemoração ao «debut» de Maria Lúcia Tavares de Lima. A debutante, que se apresentou com um vestido branco que fêz sucesso, pode ser vista na foto ao lado, em companhia de seus pais, sr. e sra. Miguel Tavares de Lima.

KLABIN E O VATICANO

Noticiou-se que o sr. Horácio Klabin seguiu para a Europa a fim de assistir aos jogos da Copa do Mundo. Podemos acrescentar, porém, que o referido homem de negócios foi assinar importante contrato com o Estado do Vaticano, referente à obras no Estado do Paraná.

CASARAM-SE

No dia 26 último, na Igreja da Virgem do Rosário, casaram-se a srta. Leda Lais Vieira e Carlos Alberto Pires Ferreira. A cerimônia religiosa foi bonita e comovente.

WALDEMAR SCHILLER

O sr. Waldemar Schiller, recém-chegado da Europa, é um dêsses autênticos e últimos boêmios de verdade. Não é boêmio por desespêro, mas por princípio. Não sofre na noite, mas gosta dela. Mas, isso não vem ao caso. O que eu quero dizer — e não é novidade — é que êle de tanto andar de noite aprendeu a entender mais de buate do que qualquer outro cidadão. Passou para trás quase todos os profissionais. Mal chegado do Velho Mundo, já vem provocando modificações nos panoramas noturnos. Soubemos ainda que Linda Batista procurou-o «para fazer o obséquio de tomar conta da casa como se ela fôsse sua». Agora, Carlos Machado quer que êle estréie o «Sacha's». Dizem. O fato é que o sr. Schiller tem fama de conhecedor e de trazer boa sorte para os negócios.

O MINISTRO E A «MISS»

Atualmente, a srta. Patrícia Lacerda encontra-se no Rio Grande do Sul filmando «Nobreza Gaúcha», numa das estâncias daquele Estado. Ela já foi vista algumas vêzes com o ex-ministro João Goulart, aqui no Rio. Houve mesmo o batismo de um avião da fazenda com o nome de «Patrícia». Dizem os entendedores que trata-se de gentileza de ministro e tentativa de propaganda da «Miss Distrito Federal» que está, ùltimamente, quase tão irrequieta quanto o jovem político.

O "hobby" de cada um



Ela apanha borboletas azuis.

ILDE GARAVAGLIA

Se eu quisesse caracterizar Ilde, diria que ela pode ser representada por largo gesto e um sorriso quase constante. Ela trouxe de herança o sangue alegre dos italianos. Até os últimos dez dias, ela foi à praia com regularidade: «Ainda estava bastante quente. Nós precisamos cuidar da saúde, fazendo exercício. No verão, tomo tanto sol que fico parecendo uma pretinha». E é verdade. Todos os dias lá está ela tostando ao sol, chegando à praia com sua inseparável amiga, srta. Lúcia Possolo. A tarde, aula de decoração com a sra. Lúcia Cortez, onde aprende estilo, côres, textura, enfim, uma infinidade de coisas necessárias à boa decoradora. Com seus irmãos, Renato e Bruno, faz coleção de selos (só carimbado e viajado) e caixas de fósforo. Mas, o seu «hobby» — que constitui poesia para os olhos da gente — é ver, no verão, Ilde com seus belos cabelos soltos, nas matas da Tijuca, correndo com seu puçá atrás das borboletas azuis.



A beleza da sra. Dolores Guinle é sempre um bom motivo.



Maria Lúcia faz o seu «debut».

A outra não era Miss era "Mrs."

MISS EUROPA DE 55 É UMA SUPLE





PREPARATIVOS
para a prova: Miss Alemanha e Miss Finlândia.



MISS AUSTRIA
foi forte candidata ao título de Miss Europa.



MISS ESPANHA
chorou. Foi a Patrícia Lacerda da Europa.

NTE DA BELEZA

NA Europa os juízes andaram tontos para escolher a «Miss Europa», que iria concorrer ao título de «Miss Universo», em Long Beach. Moças bonitas representando a Áustria, Espanha, Finlândia, Suécia, França, Grécia, Itália, Holanda, Alemanha, Suíça, Inglaterra, etc., desfilaram confiantes na plástica, no «charm», na elegância, diante do júri que haveria de escolher «apenas uma». E a decisão foi acertadíssima quando elegeram Christel Schaak, jovem alemã de 24 anos de idade, com tôdas as medidas milimétricas para preencher os requisitos de um corpo perfeito e um rostinho de anjo. Mas, infelizmente, descobriu-se que a jovem alemã não poderia ser «Miss» Europa por se tratar de uma viúva. Ela declarou, inocentemente, que não procurou esconder a verdade: apenas havia declarado que «não era casada», respondendo à pergunta que lhe havia sido feita. Automàticamente, a jovem que conquistou o 2º lugar (Danièlle Gerault, Miss França, 19 anos) passou para o primeiro pôsto, recebendo a faixa de «Miss Europa». Isso trouxe uma série de indisposições, inclusive para Miss Espanha, que chorou copiosamente, não se conformando em não ser ela a eleita. Mas «Miss Europa» foi escolhida, desta vez definitivamente, para concorrer ao título de «Miss Universo». Em Long Beach será disputado o último «round».



MISS ALEMANHA
foi eleita em falso. Tiveram que escolher outra.

Texto de LUÍS SODRÉ

Fotos U. P.

DANIÈLLE GENAULT, francesinha de 19 anos, é a nova «Miss Europa», que substitui a bonita alemã Christel Schaak, eleita por «engano», uma vez que não era miss, mas sim uma encantadora viùvinha. Miss Genault, que obteve o 2º lugar na escolha, passou automàticamente para «Miss Europa de 55». De qualquer maneira, olhem as páginas 20/23 desta revista e vejam que surra de beleza ela levará de nossa «Miss Brasil».





CASOU O FILHO DO PRESIDENTE



O noivo, sr. Manoel Vargas serve um pedaço de bôlo à sua progenitora, sra. Darci Vargas.

5.000 PESSOAS COMPARECERAM A UM BANQUETE QUE PODERIA TER CUSTADO 2 MILHÕES DE CRUZEIROS ★ PRESENTES CARÍSSIMOS, LUA-DE-MEL EM PARIS E RESIDÊNCIA DEFINITIVA NO RIO.

Texto de PEDRO MULLER Fotos de ARNALDO VIEIRA e Agência Nacional

SEIS de julho de 1954 marcou uma data feliz para o presidente da República, sr. Getúlio Vargas e sra: o casamento de seu filho, sr. Manoel Vargas, secretário de Agricultura do Rio Grande do Sul, com a srta. Vera Maria da Silva Tavares. A cerimônia foi realizada na Igreja da Candelária (17,30 h), com o comparecimento do mundo diplomático, político e social do Rio de Janeiro. A imponência das núpcias veio marcar a solenidade como um dos grandes acontecimentos sociais dos últimos tempos. Cêrca de uma hora, num desfile que parecia interminável, levaram os presentes para cumprimentar os nubentes na sacristia da Igreja: magistrados, generais, almirantes, brigadeiros, diplomatas e damas da alta sociedade eram recebidos com um sorriso amável dos recém-casados. A noiva trajava um vestido caríssimo, de tule de



A noiva, srta. Vera é auxiliada pelo noivo para partir o bôlo tradicional.



O Presidente Getúlio Vargas, brinda os noivos e lhes deseja felicidades



A srta. Vera Maria da Silva Tavares foi debutante de «Sombra» e ex-rainha do Charme. O sr. Manoel Vargas é Secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul. Início de uma nova vida.

★

"nylon" branco com aplicações de bordados à mão.

RECEPÇÃO

Logo após a cerimônia da Igreja houve a recepção no Palácio do Catete. 5.000 convidados compareceram, alguns trazendo presentes valiosíssimos, que foram expostos no salão de despachos. Todos os salões estavam ricamente ornamentados com flores, amplamente iluminados, e todos se mostravam alegres, especialmente o Presidente e sua espôsa d. Darci Vargas. Um dos salões, repleto de mesas, continha as mais variadas iguarias e bebida de tôda espécie, podendo-se calcular o banquete, sem exagêro, em cêrca de dois milhões de cruzeiros.

SOCIAIS

Êstes foram os principais casais da sociedade que compareceram à recepção: Álvaro Catão e senhora, Morteiro de Carvalho e sra., Ricardo Fazzanello e sra., Osvaldo Aranha Filho e sra., Leopoldo Modesto Leal e sra., Herculano Tomaz Lopes e sra., Sílvio Schiller e sra. Também compareceram as senhoritas Eloísa e Vera Dolabela, Ana Rosa Lemos Lessa, Gilda Rubichez, Lourdes Lessa, Carmen Sallem, Helena Prazeres, etc.

PROJETOS

Os noivos partiram para Paris, em lua-de-mel. Permanecerão três meses na Europa, visitando vários países e, no regresso, comprarão uma casa no Rio, onde fixarão residência definitiva.



A CHEGADA DA NOIVA



A CAMINHO DO ALTAR



AGORA Sra. VERA VARGAS

Em maus lençóis o bravo Padilha (o comissário), Caiado não pediu demissão, fracassou (na Bahia) a "Semana do Cinema", não houve onda de frio e quem quiser aventurar-se na roleta é só ir ao Estado do Rio



PADILHA
Sinuca.



GONZAGA
Foi.



LAFER
De novo.



PEIXOTO
Está pedindo.



ARMENDARIZ
Caiu.



CAIADO
Não pediu.



PORTINARI
Voltou.

- Portinari voltou a pintar
- A polícia carioca anuncia uma «blitz» contra os comunistas
- Grave o estado de Pedro Armendariz, que sofreu uma queda, quando filmava, quebrando a coluna vertebral
- Benjamim Vargas, roubado em Veneza em 11 mil dólares, ainda não recuperou o seu rico dinheirinho
- A onda de frio só durou dois dias; e não foi lá grande coisa
- Perspectivas de escândalos e protecionismo na distribuição d s ágios
- Periclita a situação eleitoral de Ademar, em São Paulo
- Escandalosa «reestruturação» no Senado, onde a maioria dos funcionários ganhou um «O» com penacho e penacho duplo
- Antônio Calado é o novo redator-chefe do «Correio da M nhã», cargo que já vinha ocupando interinamente
- Será mesmo no aterro da praia de Sta. Luzia a realização do Congresso Eucarístico; mas d. Niomar Moniz, do Museu de Arte Moderna, diz que continuará a luta
- Recuam os franceses, mais uma vez, na Indochina
- Os húngaros desistem de sua viagem ao Brasil
- Peron constipou-se
- Luís Gonzaga e seus indefectíveis baiões (ou baiãos) se mudaram definitivamente para Recife. Deus os conserve por lá.
- Jógo absolutamente livre em todo o Estado do Rio. Razão principal: a «caixinha» eleitoral do almirante Peixoto est' precisando urgente de 10 milhões de cruzeiros
- Eugênio Gudin: «O novo salário-mínimo é um con ra-senso»
- Novamente na Câmara o sr. Horácio Láfer
- Prisão preventiva para Luís Eduardo, o autor do «c ime do castiçal»
- Comprado o Hotel Avenida por cem milhões. Será demolido ainda êste ano
- Morreu Gabriel Pascal, que levou ao cinema, como produtor, muitas peças de Bernard Shaw
- Agrava-se o estado do sr. Jorge Jabour
- Lançada a candidatura do sr. Ildo Meneghetti ao govêrno do Rio Grande
- Complica-se a situação do elegante comissário Padilha, acusado de várias arbitrariedades
- O paralelo 16 dividirá a Indochina em dois países autônomos, um independente (francês) e outro comunista
- Fracassou na Bahia o 2º Congresso de Cinema
- Passou o risco de geadas em São Paulo
- Caiado de Castro: «Tudo é intriga. Não pedi demissão»

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

ÚLTIMO FLASH

A TERCEIRA EXPERIÊNCIA DE FARUK

● Irma Capece, de 22 anos, que aparece na foto (de blusa de veludo negro e calças de couro de leopardo) foi a escolhida pelo adiposo ex-rei Faruk para uma terceira experiência matrimonial. De um certo modo Irma, que vemos no flagrante sendo cumprimentada por uma amiga, lembra a ex-rainha Narriman: é robustazinha como ela, embora de olhos menos levantinos. Irma é filha de nobres, e seu pai, conde Capece, possui, entre outros haveres, uma magnífica vidima no vale do Pó. O noivado Faruk-Irma já foi anunciado, e as bodas talvez se realizem em outubro próximo. Faruk, sempre impaciente na matéria, queria logo para fins dêste mês. (Foto U.P.)

Cada criança leva ao cinema cinco adultos para ver Tom & Jerry



No cinema americano, quando um ator está barbado é porque está fazendo um filme. No cinema brasileiro, quando não está fazendo.



NÃO COMPREENDO

... porque sempre que uma mulher procura alguma coisa na bôlsa acaba encontrando bem lá no fundo.

CUCO

Uma seção meio pancada

leon eliachar

Assinatura do autor, nos Diários Associados

Ilustrado por PIQUÍ

Separaram-se:

NO aniversário de casamento êle deu um livro de presente à espôsa. Mas trocou o seu nome na dedicatória.

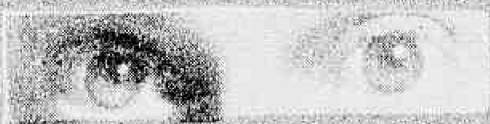
★

NÃO era à toa que ela sempre dizia que o lenço traz separação. Um dia êle esqueceu de lavá-lo antes de chegar em casa.

★

COMPROU uma garrafa de uísque e deu para a noiva. Ela aí deu para dizer coisas.

PONTOS DE VISTA



APAIXONADO é êsse sujeito que não tem outro assunto.

●

BIQUINI é um pedaço de pano cercado de mulher por todos os lados.

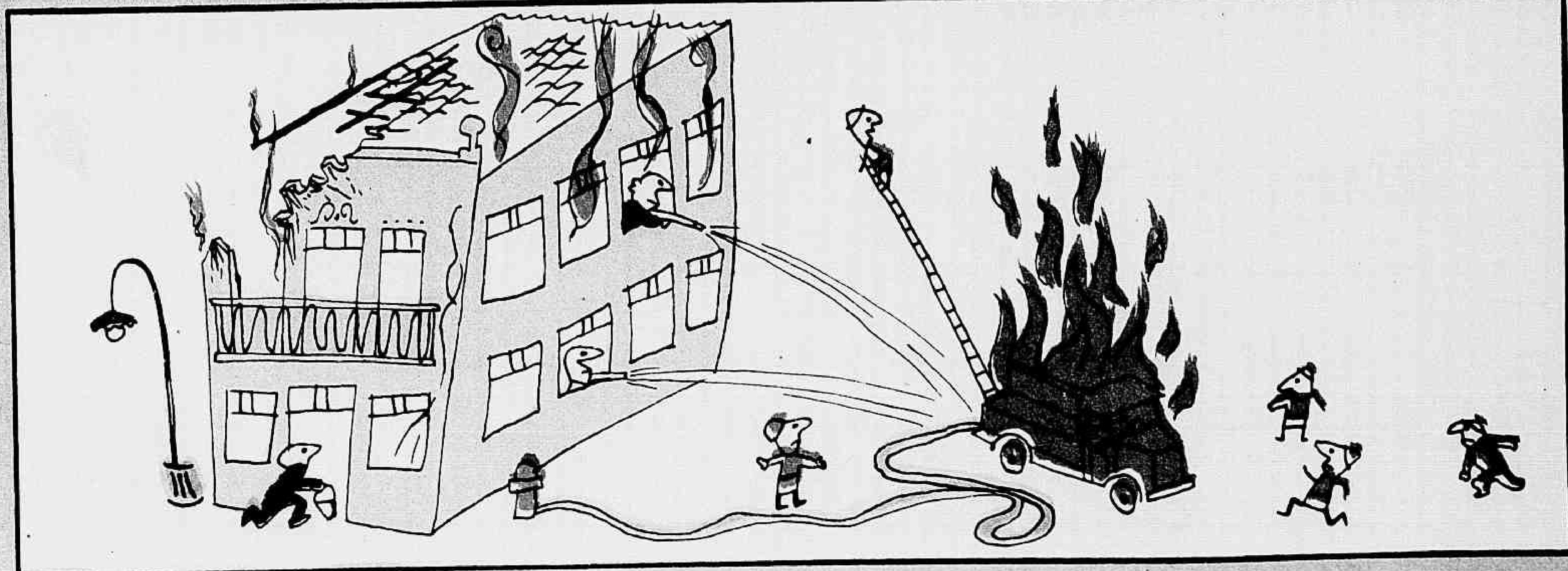
O DIRETOR DO JORNAL LHE PEDIU UMA REPORTAGEM «IN LOCO». O REPÓRTER IMBECIL LHE TROUXE UMA REPORTAGEM FEITA NO HOSPÍCIO.

CUCO-PONG

Auto-entrevista



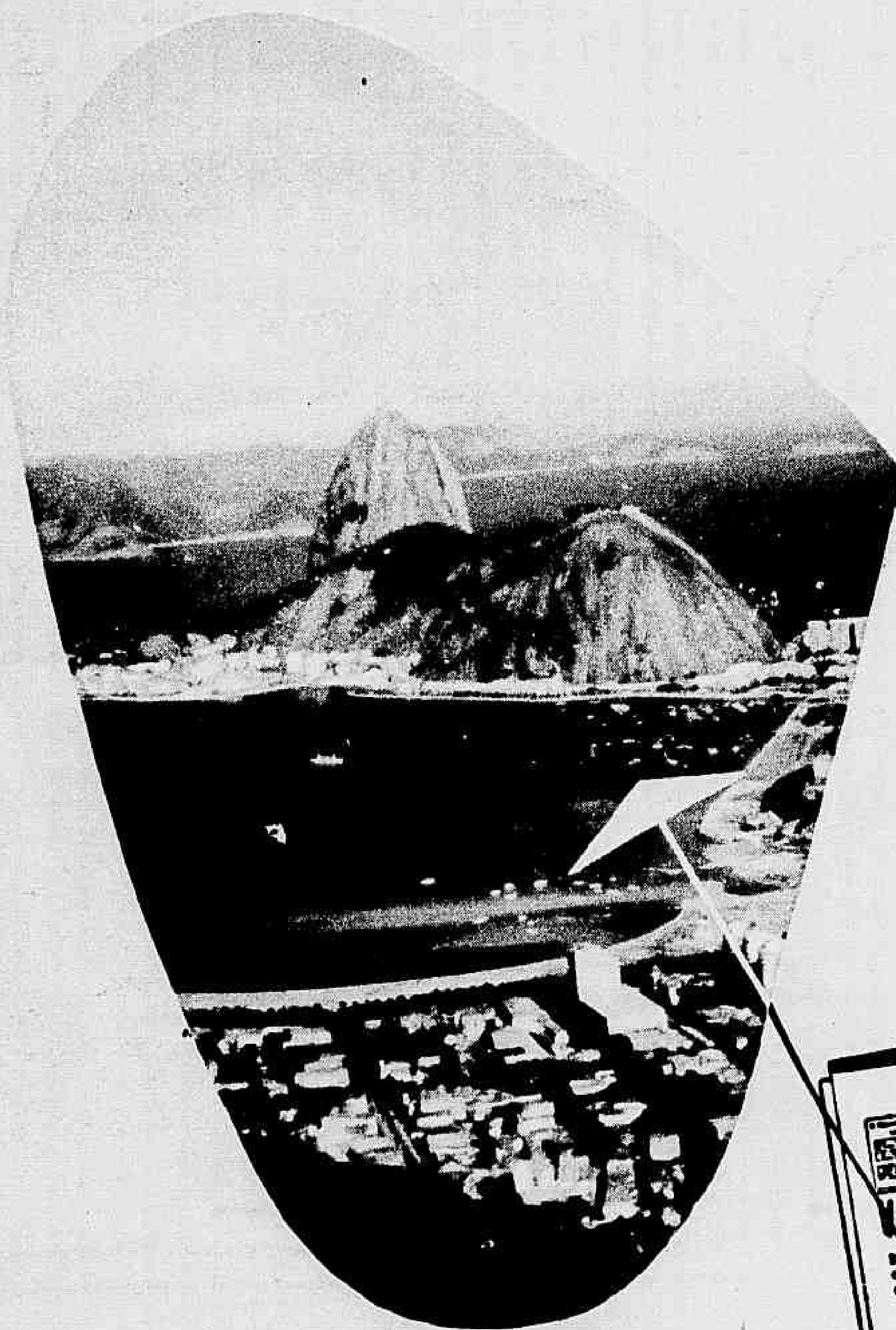
Cuco — Se v. morresse quem sentiria mais com a sua falta?
Pong — Eu mesmo.
Cuco — Qual o melhor sistema para se ganhar no Jóquei?
Pong — Chegar na frente.
Cuco — Você escreve à máquina com os 10 dedos?
Pong — Coi oito. Com os outros dois, fumo.
Cuco — Que é melhor para se matar o tempo?
Pong — Tiro ao alvo.
Cuco — Qual o tipo de mulher que você prefere?
Pong — Os dois.
Cuco — Pratica esporte?
Pong — Quando o carro enguiça.
Cuco — Você acha graça nas suas piadas?
Pong — Acho graça em mim.
Cuco — Tem algum vício?
Pong — Adivinha.
Cuco — Em quantas categorias v. divide as mulheres?
Pong — Em duas: as que me conhecem e as que querem me conhecer.
Cuco — O que você mais detesta na mulher?
Pong — A sua solidão.
Cuco — E o que mais aprecia?
Pong — A sua companhia.
Cuco — O que v. mais gostaria de fazer?
Pong — Nada.
Cuco — Acha que vai pro céu?
Pong — Sempre que ando de avião.
Cuco — Desejaria ter nascido no século passado?
Pong — Perderia as esperanças da Marilyn e da Lollobrigida.
Cuco — Gostaria de terminar esta entrevista aqui?
Pong — Não há outro jeito.



PARA VENDER A **A B ou C** NO RIO DE JANEIRO

ANUNCIE NO

Diario de Noticias



O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS", por sua orientação, aspecto gráfico, material informativo, Seções, etc., possui um poder de penetração que, desde 1939, o colocou na liderança entre os matutinos do Distrito Federal. Circulando em tôdas as classes, a tôdas leva o poder sugestivo de seus anúncios e de sua Publicidade.

Para vender no Rio de Janeiro, anuncie no matutino de maior tiragem do Distrito Federal.



Diario de Noticias

Voltaram estimulados da viagem que fizeram à Europa

Diario de Noticias

Rua da Constituição, 11 Tel. 42-2910

UM JORNAL DE CLASSE PARA TÔDAS AS CLASSES

Vega Publicidade